

faculdade de medicina do porto

CURSO 50-56

Ω

Seus tios amigos oferece a sobrinha
muito grata, com um grande
abraço,
Maria Hermínia

Aos Pais:

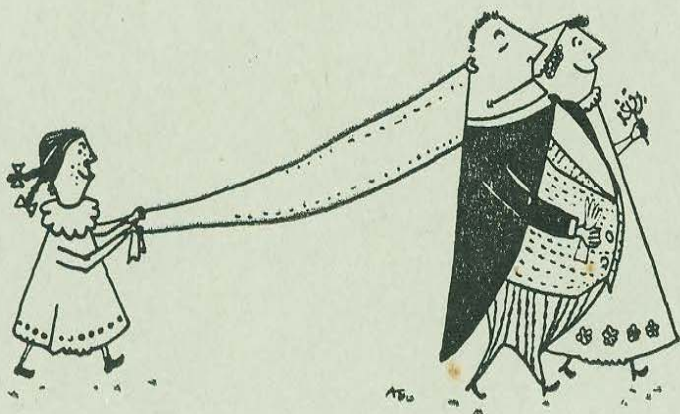


— a ternura e a gratidão
de hoje e de sempre.

Às Noivas

e

Aos Noivos:



«Amar é entender as estrelas»

*— é ver em vós a cor
dos dias do futuro.*

Aos Mestres:



— Nem sempre foram a meta
que quisemos,
Nem sempre foram os astros
que sonhámos...

Aos Amigos:



— *A Saudade dos anos que passaram.*

Na sombra das raivas
que pedem abraços
o nosso sorriso
sorrindo cansaços.

Nos sonhos vividos, sonhados,
comprados,
o nosso sorriso de braços cruzados.

Vaidade das fitas que foram herdadas,
Verdade nas fitas melhor conquistadas,
o nosso sorriso

Pequeno, medroso, sereno,
leal,
flor de charneca
num grito outonal.

Victor Blanc

Cada cavalinho
Tem a sua cor
São todos iguais
Nenhum é maior.

— Subam que é barato
E a roda não cansa,
Basta ter nascido
E entrado na dança.

É no amarelo.
Que vamos montar,
E andar como os outros
Na vida a rodar.

Queira Deus que enquanto
A gente cá ande
A roda da feira
Pra nós não desande.

— Ó senhor da roda,
Deixe o realejo
Pra sempre a tocar
A música alegre
A música triste

... Enquanto se gira,
Enquanto se existe.

M. Guimarães

Agostinho Guilherme Pinto de Andrade

'Stá na berlinda o Doutor
Agostinho « número um »
Que é um amor de rapaz
Jeitoso como nenhum.

Afável, simples, bondoso,
Cheio de bons sentimentos
P'ra censurá-lo—confesso—
Ninguém encontra argumentos.

Tem o coração nos lábios,
Mas disfarça, o «maganão»
Se lhe pedem um favor
Nunca sabe dizer não.

Possui um belo automóvel
Que é de todos, afinal...
Dos transportes colectivos
Até chega a ser rival.

Todo ele é musical :
Ritmo, som, harmonia...
Mas, entra « fora de tempo »
Nas aulas de todo o dia.

É artista de valor
Num conjunto musical,
Ninguém sabe, como ele,
Encantar o « material ».

No grupo do « Salgueiral »,
É ele o mais folgazão,
Com suas maneiras « frescas »
E' exímio no calão.

Mas a sério, conversando,
Só tem « frases domingueiras »,
E' fiel na « Observância »
De muito boas maneiras.

E é vê-lo todo emproado
Quando se trata de amor,
Pois só se sente feliz
« Armando à castigador ».

Mas, menina, teima sempre,
E vai sonhando coas bodas
Qu'ele há-de gostar de ti
... Pois se ele gosta... de todas...

Mas já se avizinha o dia
Dessa inconstância parar,
E podes ser tu, menina
Que o levarás ao Altar.

Se o quiseres merecer
Toma cautela, porém,
Tens de ter um coração
Tão doce como ele tem.

Está tudo dito, Agostinho,
E, pra terminar em bem,
Nada melhor que a amizade
Falar agora também.
Por isso, num grande abraço,
Quero desejar-te, agora,
Uma carreira brilhante,
Um lar risonho e feliz
Pela tua vida fora.

Da amiga sincera

DILMA

Oh ditosos aqueles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, da sorte que tiveram
Deste Doutor não lhes dar suas tisanas.
De quem feitos bravos se souberam
Sobre garotas de terras transmontanas
Com serenatas de canto bestial
Nos altos patamares do Amial.

Cessem do Sábio Grego e do Troiano
As asneiras incriveis que disseram ;
Cale-se do Santana e do Menano
A fama das cantorias que fizeram ;
Que eu canto o feito ilustre deste bacano
A quem Doutores e outros obedeceram...
Cesse tudo o que a Musa antiga canta
Que outro amor mais alto se alevanta !

Estavas ó Póvoa, em bom sossego
Do belo mar, colhendo o doce fruto
Naquele engano d'alma ledó e cego
Que os « óleos » não deixam durar muito ;
Foi « bater-se » a quem já tinha pego...
(Da qual agora estás bem enxuto),
Mostrando a « loiros cabelos » rentes
O que não tinha aprendido com os lentes...

Com um abraço do

CÉSAR REIS



Com un drac, Casaric
55

Alcindo José Antunes

O Alcindo, bonacheirão,
(Estuda que nem um «urso»)
Pedi prò livro de curso
Versos em primeira mão,
Feitos em traços catitas,
Prà sua Queima das Fitas,
E como recordação.

Mas ando meio «chalado»
Não trago a veia em cima,
Pois nem acerto a rima
Pra fazer verso rimado!...
Mas cada um dá o que tem,
Se o perfil não sair bem,
A mais não sou obrigado.

De Rendufinho, uma aldeia,
(Partiu a tantos de tal,
Com bagagens... tal e qual!),
Uma aldeia escura e feia...
(Tem-no na cara, de chapa)
Que não se encontra no mapa
Nem uma lamp'da «alumeia».

Veio estudar Medicina,
O corpo de lés a lés,
Cedinho... (depois das 10)
Que triste é a sua sina!...
Faz noitadas dia a dia
Pra estudar Anatomia
Na rua que faz «esquina»!...

No estudo, ama o doente,
Faz-lhe um exame danado
(Que até ele sai cansado)!
Até já atende a gente,
E vê-nos co' «clínico olho»,
No seu... café do Piolho
Há-de ir longe! Chega a lente!...

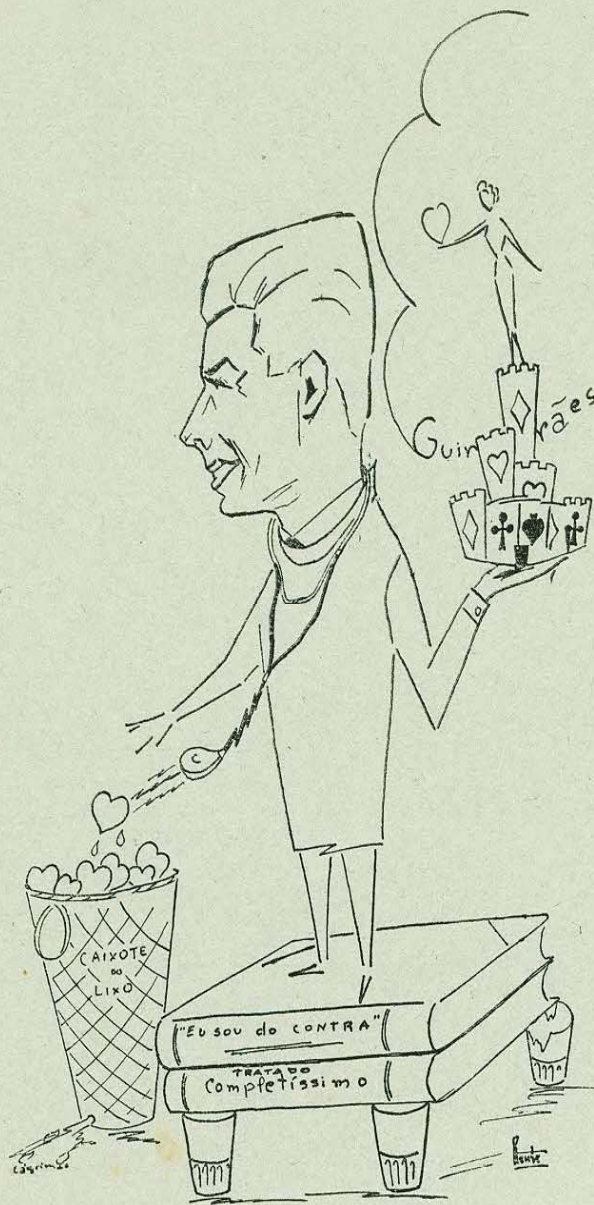
Talvez seria simpático...
Com este curso de escol,
Em laracha e futebol,
Inda ia a catedrático...
Mas quando tocasse a exame,
Nem com «cartolas», o infame,
Pois tem «génio»,... é hepático.

Quanto a amor? Não digo... não,
Pois a seta traiçoeira
Na sua veloz carreira
O acertou de raspão.
Foi bastante pra doer!...
Mais? .. Não pretendam saber
Quem lhe prende o coração.

Pra abafar tanto defeito,
Que tenho dito à vontade,
Exalto uma qualidade:
Permitiu que a seu respeito
Dissesse mal, muito mal,
Pois não se importa de tal...
É desavergonhado o sujeito!...

Enfim, vou terminar tudo,
Pois o Doutor está com pressa
(Quer-se na «bicha» à cabeça)
De receber o canudo,
Receba lá um abraço
Pra estreitar este laço
Que nos une de miúdo.

PEDRO S. RODRIGUES



Alfredo Seirós da Cunha Maio Graça

Este doutor sem porfia
Sente uma angústia estranha!
— Porque é que anatomia e fisiologia
Tem tanta e tanta «manha»?

Se fosse tudo simples e concreto,
Básico, natural, espontâneo,
Tudo medido a metro e certo
Era mais fácil meter no crâneo!

Queixa-se dolorosamente e sem razão
Este doutor de felizardos dias,
Pois um belo curso tem na mão
Mesmo sem angústias e porfias!

Mas, é natural e de «caminhos próprios»
Quem de tanta grandeza tem desejos;
O de compreender com simplicidade os «pios»
Dum ruído de galope e namorado... aos beijos!

Se tudo não é simples e concreto
Como um som de água e sua beleza,
Espere pacientemente no seu deserto,

— As árvores esperam todo um inverno
E só por isso é que é doce e terno
O seu florir na Primavera
E mais doce o enlaçar da era —

Espera na simplicidade da certeza.

Com um abraço do Amigo

ARMANDO

Ao longe e ao perto

Nasci de noite. A Lua enchia os meus olhos
Que trasbordavam em choros de estrelas.
Cresci na Terra; e as luzes, também elas
foram sóis: — E então só houve luar...

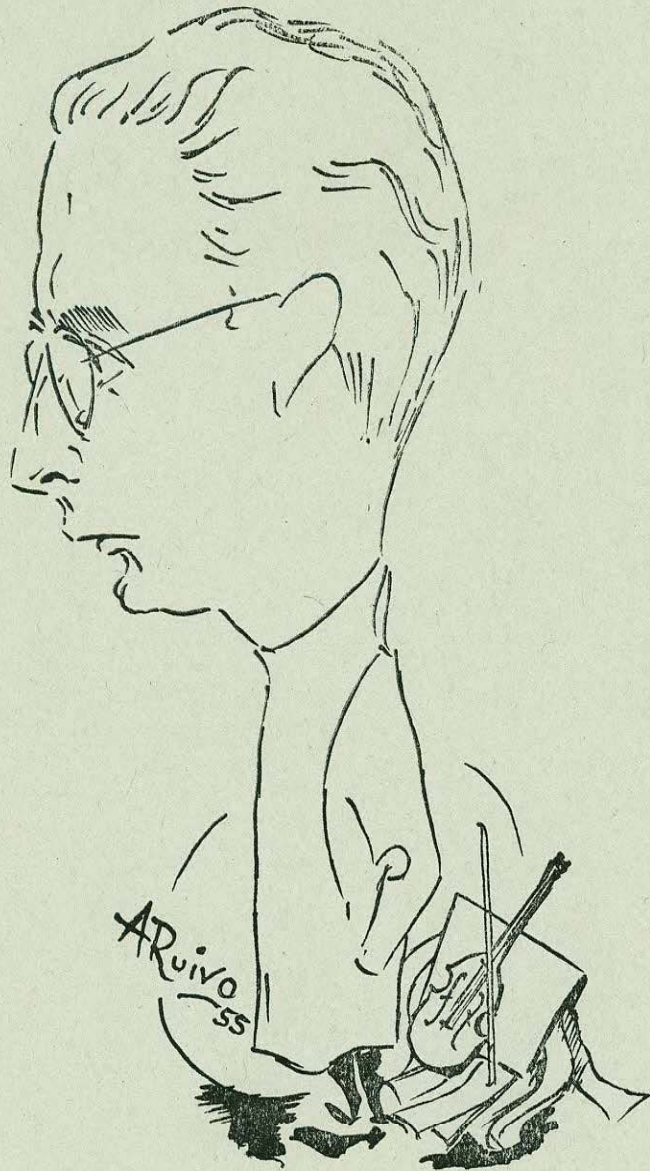
.....
ERAM MINHAS AS ESTRELAS DO OLHAR!
.....

Ó fealdades sem nome
Ou de nomes como a fome
Sobre a fronte de Mozart!
Não a escondem, que ela soa...
Mas diga, doutor, se é boa
A arte toda, em geral
Prà digestão não ir mal

« Não,
Picasso, como as espinhas,
Quer-se na borda do prato »
Então
Stravinsky ? faz mal ao trato,
Eructações, sons fuinhas... »

Podeis rir! Rir que no seu peito largo
Terá por vós o choro que esquecestes
E se dele vos sobra o que aqui lestes
Caia o pó sobre o pó que o vento expande
— TAIS NUVENS NÃO TEME O SOL — PORQUE É GRANDE !

UM abraço do colega Araújo



Amândio Vale de Albuquerque Veiga

Oh!... Não conheceis esta jóia
Que se chama Amândio Veiga!...
Moças!... Qual de vós é mais leiga,
Não amando o visionário de Tróia!...
E' um « fulano » bem divertido,
Que em tudo quer andar metido,
E, não é nenhum banabóia!...

Alma cheia de iniciativas...
E, não quer « Fitas em futricas »
Na sua vida há muitas « Maricas »
De paixões violentas, outras furtivas...
Encontra-se ainda à espera
Duma futura fadista. « Severa »...
Pobre não!... Ele só quer ricas.

Dos « cabralles » o mais forte,
Dos fortes talvez o mais « doente »!...
Poucas vezes viu a cara do lente,
E em tudo, tem o seu « Norte »!...
Quereis vê-lo?... Ide ao « Piolho ».
Pisca imediatamente o olho,
Desde que tu, Mulher... Sejas gente.

E no trabalho?... É só vê-lo...
Se em bailinhos a Comissão
Não quiser perder um tostão,
E' só, na organização metê-lo...
Não se amedronta ou repouisa
(Enfim... já fez qualquer coisa)
Passeou, gozou e mostrou o « grelo ».

No « teatro Clássico » já é rei!...
Ao « Orfeão » sempre o vemos atacar!...
E' Doutor... e, sempre quer salvar
A vida da sua « choruda » grei.
No cinema sempre se encontra,
Mas o seu bigode é uma montra,
Que já há muito está fora de lei.

Ah!... vil história de quem ama...
Sofrer!... Aquela linda quartanista...
Tudo que tem é dela... Egoista!...
(Aranha que tece a sua trama)...
Seu amor tristemente « assolapado »
Pobre de quem não é amado!...
Rapariga endiabrada... Trocista!...

Isto não são versos, nem nada!...
Não foi esta a vossa conclusão?...
Pois o « tratado » já não tem coração
Como hei-de eu ter piada!...
Eu e ele, queremos sair impunes!...
Toma um abraço do Alcindo Antunes
E, não me queiras roubar a criada...

*Com votos sinceros
de inteira felicidade.
Aqui, não há maldade.*

ALCINDO JOSÉ ANTUNES

TEATRO CLÁSSICO
sócio
EXCURSIONISTA



MUITOS
"GOLOS"



CABRALLES



Amizade de João Luís
Cabeiros Lobo
II/55

Amélia Ramos de Castro

Perguntas por que brilham as estrelas?
E se a noite vale menos do que elas?
Mas olha: se as estrelas são as lágrimas
De ardentes sofrimentos que não crês,
E' que a noite se interpõe: e o que vês.
E' belo, porque, em sua profundidade
Morrem fogos e a luz bebe leveza!

Com a amizade do colega

8/XII/55

ARAÚJO

Esta doutora, leitores,
Chama-se Amélia de Castro,
Estudiosa e rabugenta,
Na medicina um astro.

E quando lhe ensinaram
Algo de auscultação,
No lar todos sofriam
De sopro no coração.

Um dia, a pedido nosso,
Um Mono auscultou,
A Maria cedeu logo,
Mas a Amélia resmungou.

Valham-me pecados meus,
Não podemos demorar,
Mas o dever nestes casos
'stá em primeiro lugar.

Está morta, diz a Maria,
Eu vou embora daqui,
Como o provas, diz a Amélia,
Se nem o pulso lhe vi?

D. Zulmira, o que tem?
O seu pulso deixe ver,
Está morta e bem morta,
Diz a Maria a tremer.

Abertas de par em par,
Depois de tanto trabalho,
As janelas deixam ver
D. Zulmira, um 'spantalho.

Quem trata assim um Mono
Com tal carinho e alento
Não virá a ser um dia
Na medicina um talento?

Deus o permita e te dê
Tudo aquilo que mereces
E' o que te deseja a amiga
Que decerto não esqueces.

Na invicta cidade, «entre os doutores»,
Cheia de esp'ranças e realces ideais,
Ficará para sempre na memória,
Pelos seus belos dotes naturais.

Assim fica descrita, em breves linhas,
A nossa estudante, já doutora,
Como expressão da eterna amizade
Que nos ligará pela vida fora.

*Com os votos de felicidade
da prima muito amiga*

MARIA

É uma séria tarefa complicada
Versejar a um espírito gentil
Para que não fique profanada
Uma alma límpida e pueril.

Amélia tem por nome esta doutora
Esbelta, alegre e pronta a criticar,
Um olhar superior e venerável
E' tudo quanto lhe posso revelar.

Na ciência médica vai-se revelar,
E processos novos nos vai oferecer
Para as doenças do coração curar
E nesta vida ninguém mais morrer.

Amêlinha vou findar por lhe dizer
Do embaraço que senti ao rabiscar
Estes versos para bem a descrever
E que estão longe de a elogiar.

Digo apenas, com sinceridade,
Que lhe desejo, na vida do porvir,
Toda a ventura, alegria e felicidade
E que no futuro continue a rir.

São os votos sinceros da prima e amiga

MARIA DE LOURDES

Pode ser que não conheçam,
Mas de certo ouviram falar
Duma doutora «intelectual»,
Que na Protecção quis morar.

Com olhito clínico a aparecer
Por trás dumas lentes descaídas,
A médica maldiz os exames
E suspira p'las férias merecidas.

Gosta pouco de brincadeiras
Com a sua profissão,
Pois já se assustou a sério
Com uma doente do coração.

Tem um defeito a doutora:
Não sei se de tanto estudar
Pra ela há sempre doenças
Em que tudo pode degenerar.

Com um abraço de felicidades da

M. AUGUSTA

M. M.



António Alberto Falcão de Freitas

Comer,
Vomitár.
Beber,
Vomitár.
Mais copo, menos copo,
Mais sopa, menos sopa...

Que culpa temos nós
em termos boca?

Alma de avô
que conta histórias lindas,
boas piadas,
coisas sonhadas,
enormes coisas, tudo diferente.

Que culpa temos nós
em sermos gente?

Coxinhas de lagosta,
cervejas raras,
tardes de sonho em qualquer «écran»,
calor de lã,
na paz da lã,
bebidas caras
e outras coisas boas...

Que culpa temos nós
ao nascermos pessoas?...

Ao Freitas, com um abraço do

VICTOR BLANC

Do curs'o mais novo,
Vivaço, discreto,
Todos o conhecem,
O António Alberto.

Pra uns, é o «Freitas»,
Pra outros, «Falcão»,
«Tono» sempre foi
Prò'migo Simão.

N'Azemeis, nascido,
No Porto, formado...
'stará em Setúbal
Depois de casado?

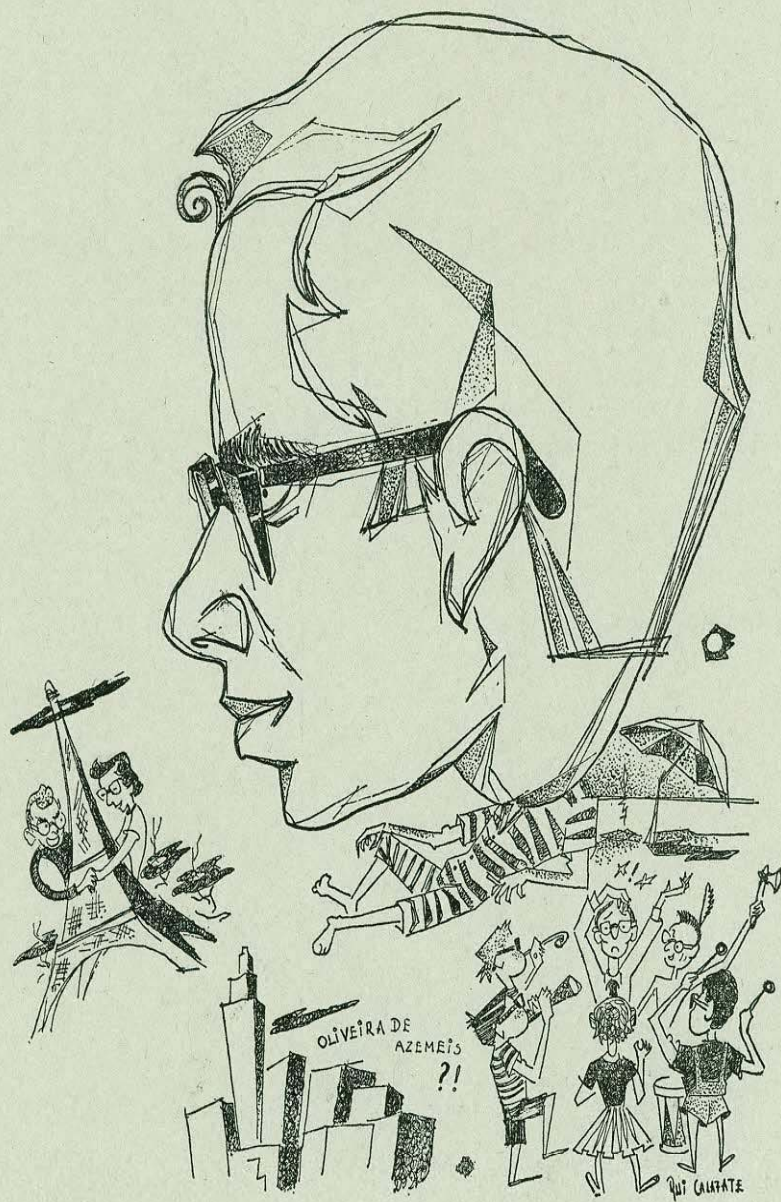
Sei lá, não int'ressa;
¿ Qu'importa saber,
S'aquém ou além
Do Tejo, viver?...

Só quero, sou franco,
Que sejas feliz
Na vida, servindo,
Sem torcer nariz.

Teu amigo

SIMÃO

Porto, Dezembro de 1955



António Ferreira Mendes

Recipe

Papoulas, rosas, amores,
Venham já, em debandada,
Pra saudar entre os Doutores
Este novo Camarada.

Não tem dos ursos o brio
Mas é um rapaz de tino.
Com sogra, mulher e filho
E mais .. parece menino!...

Ou a guiar, ou ao rádio,
Oculos postos, enluvado,
Até nos parece um sábio
A meditar, concentrado.

Mas que sorriso tão fino!...
E que leveza de mão!...
Quase se vê o menino
A sair, num esticão.

E já que fui obrigado
A coisa que não me ajeito
Fui consultar um tratado:
E sempre, em verso, receito:

As rosas dou à Senhora,
Prá sogra são as papoulas,
Ao filho, amores d'agora,
E ao pai... umas ceroulas.

E, quando a sogra dormir,
E a mulher for a mandar,
Outras flores mande vir
Para alegria do lar.

E, se algum erguer a voz,
Como se diz dos cadilhos,
Mande-os para os avós,
Que estão à espera de filhos.

E quando lá, por Alfena,
Não se portar como deve,
Apliquem-lhe, como pena,
O vinho que o Pai bebe.

Que seja muito feliz!...
Boa sorte e alegrias
Lhe deseja o Luiz
O vulgar

AUGUSTO DIAS

Lambido, esticado, olhudo,
Polido, sério, perfumado,
Caixa d'óculos, esguio, orelhudo,
Sempre de pílulas carregado!...

É o Doutor que já se avista,
C'um rebento, sentado no canudo! ..
Tal pai: « Príncipe » comodista,
« Filósofo » já, o pequenudo...

Agora fuja quem puder,
— Que sofra só a mulher —
Dos ferros que traz na mão!...

Doentinhos sem parar,
Venturas sem acabar,
Te deseja o teu irmão.

SEBASTIÃO MENDES

Bravo, seu Esculápio, sim senhor!
Casado há um ano e pai já dum pimpolho!
E, embora com lunetas no sobrolho,
guia automóveis, como um corredor!

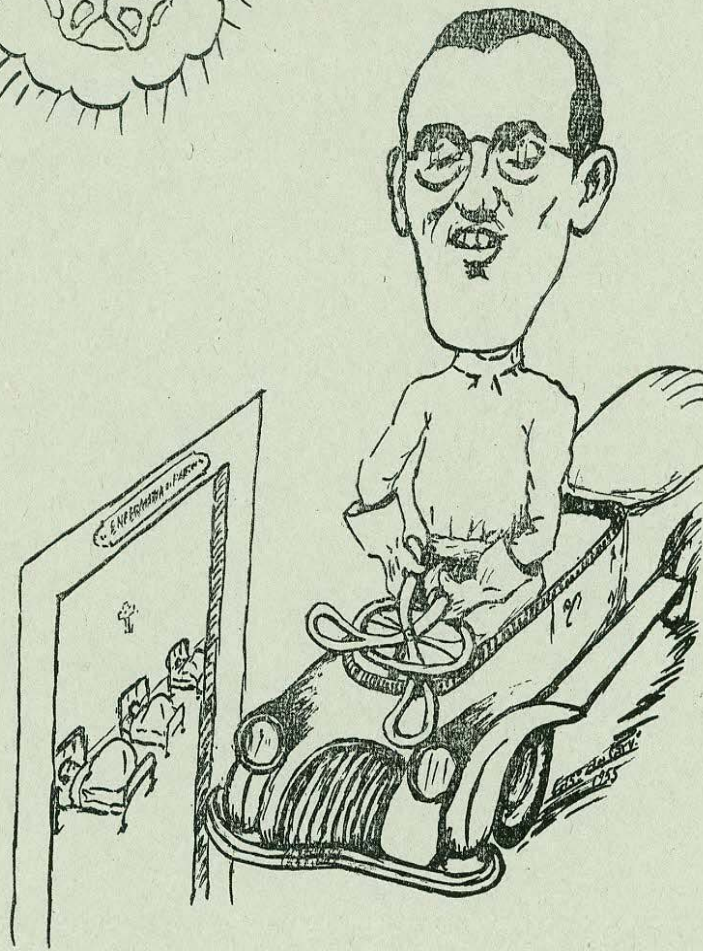
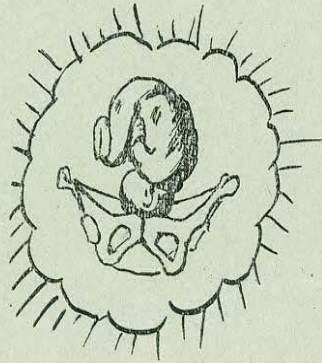
E não pode negar que é bem tripeiro,
que a dobrada não cria corpanzil:
Não ficou bucha: é quase feminil,
mas alto e recto, como um bom pinheiro!

E, assim delgado ginecologista,
nem sente a falta de uma boa vista:
pode ele próprio—e todo—ir ver, sondar!

Nem dos abismos pode ter receio:
Tem, em casa, quem sabe bem o meio
de ao seio das clientes o ir pescar...

LAURENTINO MONTEIRO

Rui Monte, 30/11/55



Antônio Manuel Salema Barbosa Cobeira

Alto, magro, direito, com certo ar
De sã e alegre sisudez no porte,
— Dizem que este doutor vai demonstrar
Que é possível vencer a dor—e a morte!

As gentes ficam pávidas, absortas,
Ao ouvir tão absurda extravagância . . .
Um soturno sequaz da Nigromância? . . .
Ouvirá missa Negra, a horas mortas? . . .

Pacto de sangue com o Senhor Diabo? . . .

Por certo, não! Este doutor só lê
Com devoção e persistência e fé
As bíblias da ciência mais moderna!

Muito pior, então! Ao fim e ao cabo,
Se isto é verdade,
Vai condenar a pobre humanidade

— À Saúde Eterna !!!



António Rosa de Araújo

Nestes livros de curso é bom costume
O ridículo e a piada a ferir lume.

*

Quando a rotina e a hipocrisia
Matam a nova, tosca ainda, e fecunda
Personalidade original ;
Quando se turvam as fontes do espírito
E o carácter e o entendimento crítico degeneram;
Quando cada um, perdido de si e dos outros,
Isolado, nervoso e medíocre,
Compra máquinas de matar o tempo escasso,
E vai gastar nos campos da bola
As frustes energias dum ódio sem grandeza ;
— Quando manda a violência
— O gosto da violência e o sujo medo dela —
Quando as almas piedosas
Esfaqueiam quem não for piedoso ;
Quando o Cristo e o homem são negados
Em cada acto de cada dia,
E a idade mata sem tempo de beleza ;
Quando parecem mais secas as raízes
E perdidas as razões da esperança

Fica sempre, profundo e certo
O homem que vai abraçar o mundo
Ao sopro do teu Einstein
(De quem uma Universidade inteira não falou
No dia universal da sua morte)
Os que, numa lua da nossa grandeza,
Vão cantar a glória de Deus,
Contra os limites do Universo,
Milhares de anos sonhado !

O homem do Avô Hugo,
Que deixa bens e amores,
Para ir beber na cova da mão
A pureza da « torrente feroz »,
Enquanto o leão bebe do outro lado !

O que « por caro que pagar lho faça o mundo
Só comovido sente a imensidade »

Esse que abraço em ti, amigo,
Citando um Homem e a sua eternidade.

*

Aqui e agora, amigo,
Haverá melhor piada e coisa mais ridícula ! ?

Para o Araújo, do amigo,

CANIJO

Ele também ouviu :
O colega está na primeira fila — vê bem,
Passe atrás, quero ficar à frente
Ele talvez sentiu
Sons indiferentes ao Mais Além,
Passou atrás, recolheu-se à Mente.

Apura nele a delicadeza,
E' pura como a sua rudeza,
Porque a si se desconhece
E' ingénua, assim se tece.

Nas medicinas encastoa dezoitos ;
E com ares despreocupados, afoitos,
Seus pensamentos diversos
Pairam em Relatividades, Universos.

A descrença não deve duvidar
Que este cerebral rapaz
Sente a « graça » quando está a estudar
— Esse sentimento místico de paz —
E tem medo de morrer, antes de acabar.

Com um abraço do amigo

ARMANDO

Quando te afundas na noite,
e interrogas as estrelas,
na ânsia duma resposta. . .,
diz-me :

O brilho longínquo
do seu ténue cintilar
é só luz ?
E a noite calma e ditosa,
mesmo sem luar,
tem, só de luz, a ausência ?

Não o quero acreditar !
Porque o homem de ciência,
que interroga o Universo,
tem, do Poeta, a essência !

Com a admiração da

CELESTE MALPIQUE

20 / I / 56



E=mc²

ARuivo 55

António Taveira Pinheiro Azevedo Guimarães Serôdio

Nas ondas do teu cabelo
Uma «negra» se afogou ;
E é por isso que o teu pêlo
De luto se encasacou.

SERÔDIO, lindo menino,
E «CARISSIMO» além disso,
Há muito quem perca o tino
Mas houve quem desse «negiço».

Era um dos da «Central»,
Cheio de entradas de bolas
Mas pra matula afinal
Não foi lá dos mais cartolas.

É bom rapaz, o magriço,
Há pouco até quem lhe fuja.
Ronda à noite por feitiço
Que lhe fez uma coruja.

Mais lhe conta o triste fado :
Que num baile «todo inglês»,
Por estar muito tocado,
Prà rua veio de vez.

Não é mau atirador,
Mas na A'frica meteu água :
Já lá havia um caçador,
E daí a sua mágoa.

Em Paris foi muito amado,
Com encontros à esquina ;
Mas talvez por mal «guiado»,
Não quis saber da menina.

Dos bons remadores do Mundo
A' equipa dedicado,
Deixou o barco ir ao fundo,
Pra não ser desfeitoado.

É do «Centro» e dos «Cabralles»,
No «Teatro» é um bom ponto...
Livre-te Deus d'outros males,
Livra-te tu d'outro «conto».

Que tem pé leve o provou
Em Espinho, ano passado ;
O touro tanto marrou
Que ficou todo desfeitoado

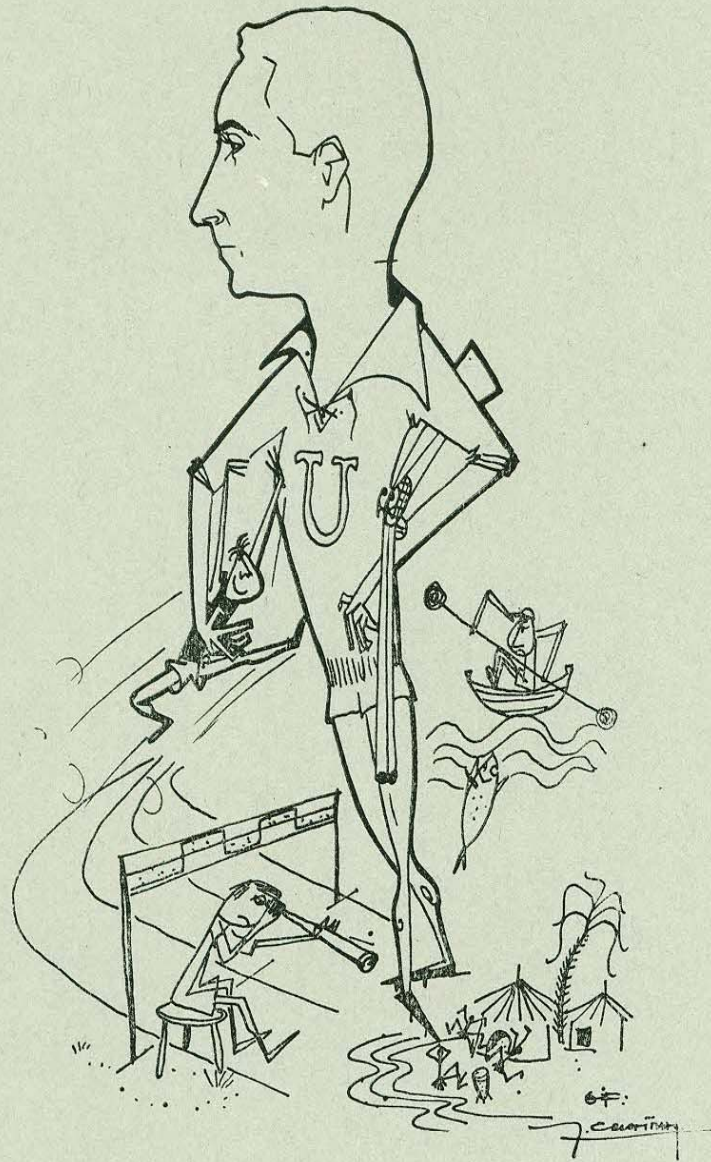
Marcou passo uns oito dias,
Fardado de «trinta e um»,
Gostaram dele as Marias,
Que não é traste nenhum.

E se quiserem saber
Onde à tarde o encontrar,
A' confiança ide ter
P'la «dos tristes» sempre a andar.

VEIGA, MENDES, AGOSTINHO,
CATARINO, EVA E SALGADO
Fizeram o «estrugidinho»,
Que por mim foi consertado.

Com um grande abraço do

JOÃO MÁRIO CALHEIROS LOBO



Armando Salgado Rodrigues

Eu vos digo o que há no branco do papel
E no bronze e na pedra em que falamos :
— Não há tempo, não há cor : o que há nele
E' simples ; e o que deles usamos,
Tem força que transcende o movimento.
E já pensastes no mover
Dos negros fundos do mar ?
Mas olhai, que podeis ver :
Por ser força o achais lento !
Alma e força aqui as tendes
Ou se quereis, força de alma,
Que assim tratais por «sorna» !...
Mas sabeis, oh gente morna,
Que na conjunção de Saturno
O Dr. que achais soturno
E que gasta em seu latim
Três cartas por vinte paus. (...)
Dirá nomes em "um" e "im"
E castigará os maus
Que duvidem do ocultismo !...

Um abraço do

ARAÚJO

Desta vez foi pra valer,
Caro Salgado, é verdade !
Prometi e não faltei.
Ei-los aqui bem tirados,
mas um pouco mal rimados,
porque melhor eu não sei.

Alguma coisa de ti
mesmo assim posso dizer,
pra no futuro lembrar.
O que tende a esquecer
dever-se-á recordar.

Mas tu para mim és dos tais
que jamais esquecerás ;
sempre um sorna bestial,
grande crava sem igual,
mas, no fundo, bom rapaz.

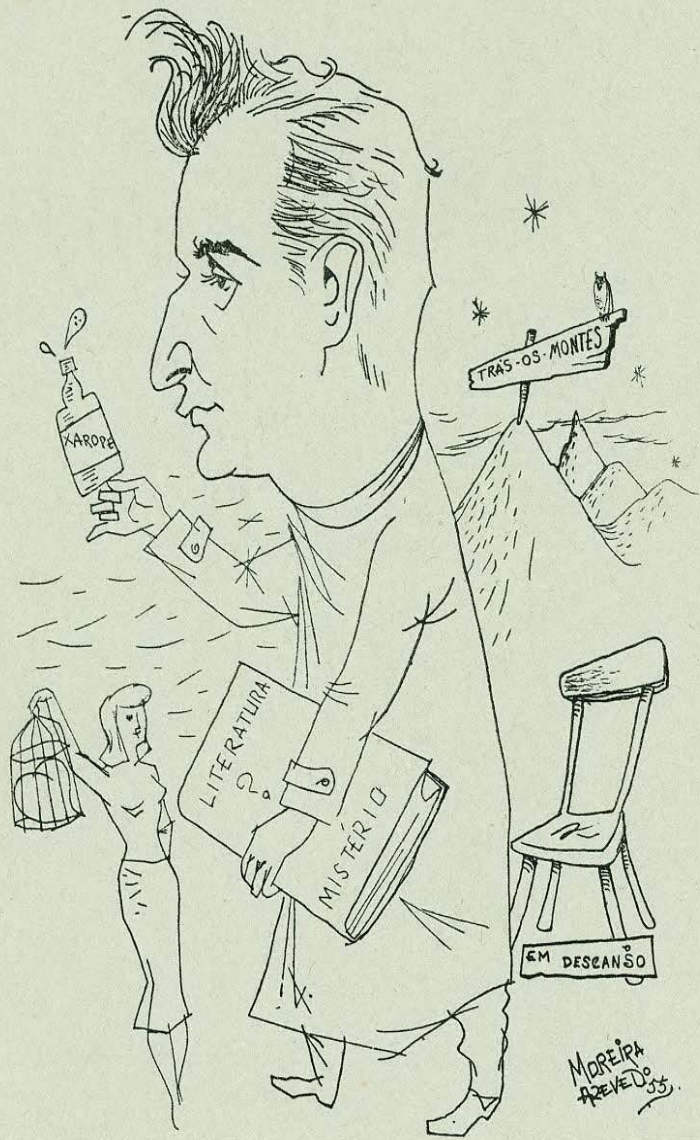
Mais ainda há pra dizer
do meu colega Salgado,
que nas aulas do Hospital
lhe fazia muito mal
se não estivesse sentado.

Muito alto e corcovado,
solitário e pachorrento,
cansado ele já nasceu.
De feitio é reservado,
Longe tem sempre o pensamento
na bezerra que já morreu !

E basta de tanta galhofa,
já que é só por brincadeira.
Que tenhas sorte na vida
e que nunca te abandone
a depositária da calma
e do sossego — uma cadeira !

Um abraço do colega amigo,

FERNANDO MEIRELES



Camilo Lopes de Freitas

Usa gravatas berrantes,
Coloridas, fascinantes,
Que manda vir de Paris...
Tem lunetas bem potentes,
A cavalo
Nos dois metros de nariz!

Descrevê-lo, é impossível,
E' pessoa inesquecível!
A opinião não é minha,
Podem crer...
Mas dos pobres corações,
Que ele traz...
Neste mundo aos trambulhões!

Tem conquistas generosas,
Que lhe dão fitas e rosas,
Uma gravata e o grelo...
Outras, que, às vezes, zangadas,
Um pouquinho descaradas
Chamam por ele: O' Camilo!?

Quando entrou pra Faculdade,
Baixou a mortalidade
Em Braga e Famalicão.
Pelo contrário, no Porto,
Foi preciso, um serviço especial
Para atender, sobretudo,
As enfermeiras do hospital!!

Tome cuidado, Camilo,
Não seja tão descuidado.
Por que isto de ser Cupido
E atirar setas pra o ar
Sem ter alvo definido...
Pode dar mau resultado:
Estando desprevenido,
Com uma seta apanhar!!

Da colega

EVA

O Camilo, eu conheci-o,
Sempre alegre e reinadio,
Que nunca foi boémio
Por ser um pouco abstermio.
Só queria do verde tinto
E que fosse do retinto,
Senão logo dizia
Que a baba, mal lhe fazia;
Mariscos, nem vê-los,
Nunca o vi comê-los.
Mas gosta, oh se gosta!
De ter na mesa, posta,
Ao lado de meio litro,
Um bom bife frito.
Os ficheiros e os selos
Nem quero nisto metê-los,
Nem tão pouco neles falar
Para não os desgostar;
E por falar em desgosto
Mais um ponto quero posto:
Não sabe, por tu, tratar
Todas as voltas do amar.
Muito teria que contar,
Seria um nunca acabar.
Mas já basta de mal dizer
Mais não quero vê-lo sofrer,
Agora, pra ser de vez,
Não quero que fiques co' o talvez
Da minha firme amizade,
Pois, podes crer que é verdade.
Toda a vida nos havemos de lembrar
Daquilo que faltou aqui falar,
De que nunca fomos inimigos,
E havemos de ser sempre amigos.

Com um abraço do

RIOS

Camilo Castelo Branco
Foi um grande prosador,
Mas o Camilo de Freitas
Vai ser um grande doutor.
Doutor especializado
Em males do coração,
Que em vez de escrever receitas
Manda os doentes embora
Sem demora
Para tratar do caixão!

Quanda anda lá na praia,
Na linda Póvoa do mar,
E' vê-lo alegre e feliz
Com as ondas a brincar.
Sim, porque o nadar,
E' um bocado arriscado,
E o Camilo não pretende
Morrer, tão cedo, afogado!

Mas à noite, no Casino,
E' dançar até mais não.
Morenas, loiras e ruivas
São sua predilecção.
E até conta entre as conquistas
Que há por lá realizado,
Certa Silvana
De origem italiana...

Oh! tu, moça casadoira,
Que sonhas talvez ainda,
Com o príncipe encantado,
Repara bem no Camilo.
Pois tu, com ele a teu lado,
Seguirás feliz na vida,
E podes estar convencida,
Que moços melhores
Não se encontram facilmente
Neste mundo e arredores.

Com a amizade da

ODETTE

Ao Camilo, de Famalicão,
Amigo meu de verdade,
Desejo do coração
Ventura e felicidade.
Ele é bem merecedor
De tudo isso, afinal,
Porque este novo doutor
Sempre foi um «bacanal»...
Agora, que ele vai partir
Da vida das Faculdades,
Acreditem, vou sentir
Muitas, muitas saudades.

Com um abraço do

DURVAL

Soou a hora, Camilo,
Da tua apresentação,
às amigas que tu tens.
Da cabeça ate aos pés
Quero dizer-lhes quem és
Já que estás de parabéns.

Foi menino este Camilo,
E doutor tinha que ser,
A' carga! Pra Medicina
A cumprir a sua sina
Com desejo de vencer.
E venceu, chegou ao fim!
Mas pra aquelas curiosas
Que de ti não sabem nada,
A todas, dizer lhes posso,
Que não-de ser muitas a um osso.
E' de tentar,
E não abandonar este partido,
Pois em Famalicão, já é sabido,
Que mais um doutor está pra chegar,

Não é alto, baixo não é,
Gordo, magro também não;
Puritano na gravata,
Lentes tem à diplomata
E também bom coração.

E' uma zorra, uma carroça,
Pra fazer qualquer serviço...
Mas não admite censuras
E é senhor do seu nariz.
Se o chamamos, logo diz
Que não temos nada com isso.

Pelas garotas jeitosas,
Teve ele sempre um velho fraco
E bom gosto pra escolher.
Só é pena que as tontinhas,
Fazendo-se rogadoinhas,
Não o saibam entender.

E' um valor este rapaz.
Quando entra em discussão.
E' fluente, no falar,
E para afidalgar,
Enchousa palavras caras
Para ambientar a questão.

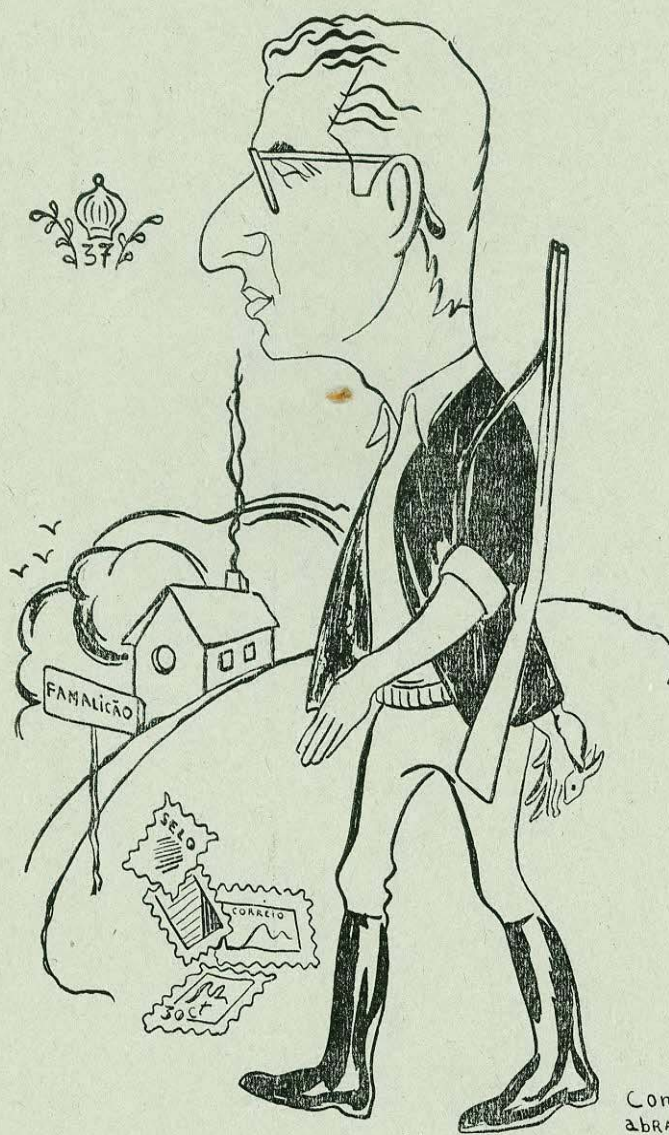
E' o dicionário da casa,
Está claro, do 37,
Essa CASA já falada!
Pergaminhos, bailações,
Serenatas, coboiada,
Vinho verde com capões!

Dos fracos não reza a história,
Mas esta casa já tem a sua
Pra ser vivida p'la vida fora.
Já te lembraste, Camilo,
Que amanhã te irás embora?

E pronto, já não digo mais nada.
Vi o Camilo à minha maneira.
Desculpa lá qualquer coisa
Que isto foi por brincadeira,
E é também um testemunho
De amizade verdadeira.

Um abraço do colega e sempre amigo

F. MEIRELES



Com um
abraço do
fidelidade

Carlos Adérito Vaz Pinto

Recordando

Morena, linda morena
Escuta meu coração!!

.....
Como o tempo vai distante,
Oh! que saudades infindas
Daqueles tempos de galante
E de uma cara tão linda!!
Oh! Velha Bragança,
Que repousas na bonança,
E encerras sonhos meninos...
Que lutas então travaste,
Nesse tempo em que amaste,
Flor mimosa sem par
Que muito te fez penar.

Severa, se tu vivesses
Nos tempos deste Doutor,
Não saias de Vimioso,
Terias um grande amor.

As ruas do Porto conhecem,
Aprumado e bem distinto,
Olhar fixo sempre nelas:
Só pode ser o Vaz Pinto.

Retalhos da Vida

De bacalhau um «cibico»,
De tinto um só «còpico»
E uns cascos de cebola...
Duas canções prò ar,
Lágrimas a mourejar,
E dois tipos sem «tola»...
Cinema, touros e fados,
Canções à desgarrada,
Um cabelo alourado,
Olhos bem pequeninos
Que sofrem por este menino...
Um bigode crescido,
Andar despreocupado,
Sem nunca ser «bubido»
Este Doutor tão fadado,
Talvez não ocupado (???...)
Possa ser pretendido (façam bicha...)
As moças dirão ao vê-lo:
Mas que porte e que linha!
Aquele que o levar
Entre outros aparatos
Não se esqueça de comprar
Atacadores pròs sapatos.
Leitora, que me lês,
Já deves saber quem é...
Com aquela cara de astuto,
Pode, ao passares por ele,
Não te ligar... «Rien du tout».

FIM

Enfim, cumpra-se o fado,
De quem acabado
Tem o curso,
Sem ser urso...
Que a tua vida
Seja um campo de esperança
Dos que vivem na dor.
Que seguindo a tua estrada,
De flores matizada,
Te acompanhe sempre
A flor branca e pura do amor.

São os votos sinceros do amigo

ALBERTO

Tua vida amorosa
Tem sido acidentada,
Nem tu sabes a conta
De tanta namorada.

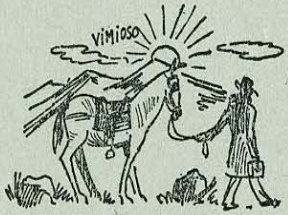
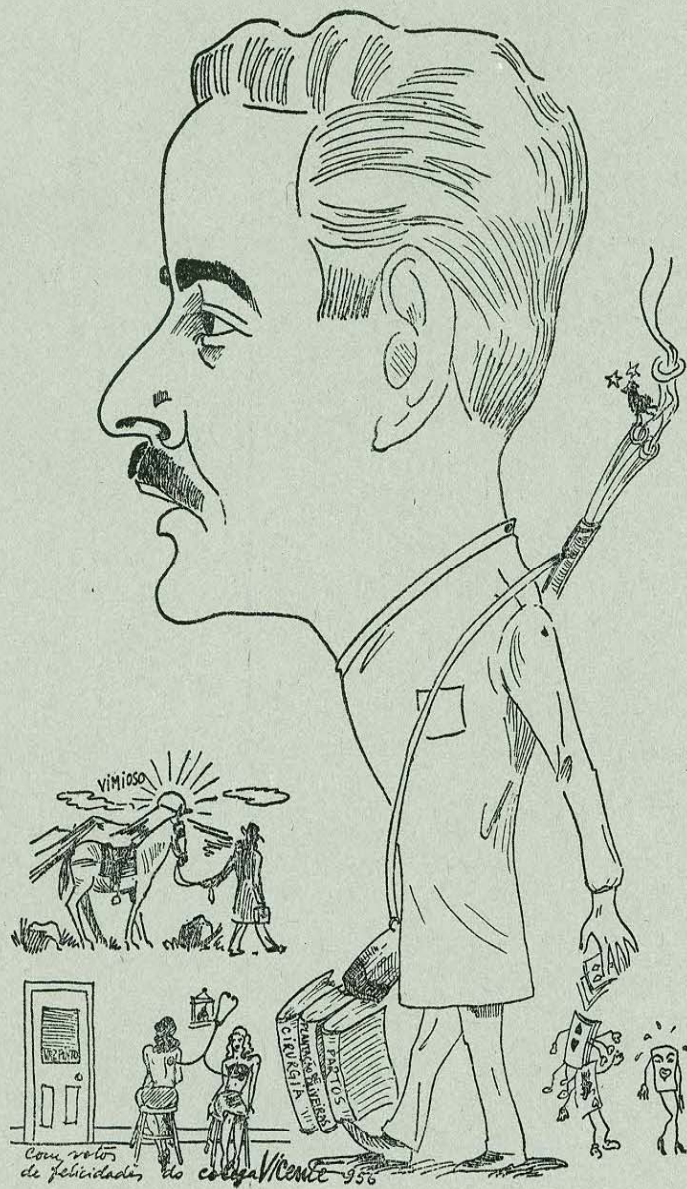
A nenhuma que conheceste
Ligaste teu coração (bem... bem...)
P'las lágrimas que cair fizeste
Tens hoje de pedir perdão.

O castigo já tu o tens;
Encontras-te esclerosado.
Agora já não és «o mesmo»
Dos tempos em que foste amado.

Tua salvação, agora, será,
—Meninas, não tomem esse ar—
Arranjares namoro a sério,
Para te poderes casar.

E após nos ter a vida separado,
Quando te tiveres «enforcado»,
Mais tarde, depois de casado,
Quando a tua sonhar contigo,
E a minha sonhar comigo,
Não te esqueças do teu amigo

DEOLINDO



Com votos de felicidade do colega VIMIOSO - 956

Celeste Brasil Soares Malpique

«Deixa ser o meu gesto uma grinalda
nos teus cabelos, Vida!»

Sebastião da Gama

Eu conheci-a...
era pequenina,
muito traquina,
e já prometia...

Que prometia a Celeste?
Vir a ser quem é:
Ver para crer, como S. Tomé...

Já nas primeiras letras,
não ia com tretas.
Queria observar
para concordar,
de modo a ficar
com ciência
de lavar
e durar...

Das letras primárias
passou a menina às secundárias.
E por aqui acima
(como quem faz esgrima)
só deu golpes certos...
E no fim dos ciclos
(mais do que ciclos... megaciclos!)
estoiraram os morteiros!

Adiante que se faz tarde,
Pois, discretamente, sem alarde,
A Celeste Brasil,
menina gentil,

Vai trepar à Universidade.
E vai com vontade e boa idade
de fazer a sua Medicina
— Como quem cumpre a sua sina —
Uma sina que lhe não leram na mão,
mas que ela leu no seu coração.

Só mais um instante e vou acabar.
Para, em meu nome, no da Mãe e da Ita,
nesta biografia toda catita,
lhe desejarmos grandes venturas,
diagnósticos certos e óptimas curas.

Sabei o que é isto para nós:
De tesouros para vós—que os não ganhastes—
Pedacos d'oiro negro—nossa voz.

ARAÚJO

Trazes no nome impressa uma saudade,
De venturas sublimes, não do mundo;
No peito uma fogueira, claridade,
Toda te abrasas num calor fecundo.

Possuis no sorriso a candura,
No sereno olhar toda a singeleza
Duma alma grande, generosa, pura,
Com sonhos nobres de excelsa beleza.

No querer decidido, vencedor,
Tu tens as asas fortes e seguras,
De quem, em arroubos, voos de amor,
Sabe elevar-se nas grandes alturas.

Nas lutas da vida, em horas ditosas,
No carinho, anseios, no labor,
Que encontres sempre perfumadas rosas
—As bênçãos vindas das Mãos do Senhor!

Pra sempre eu guardarei, com emoção,
A sublime amizade que me deste.
Aos lábios virá, do coração,
Teu abençoado nome—Celeste!

Um afectuoso abraço da

MARIA IRENE



César Ferreira Reis

1153,
Da 1.^a Companhia!
Pronto! Aqui, ao seu dispor!
— Logo uma voz respondia.

Mas se, de butes calçado,
O obrigavam a marchar,
Como é «pouco pesado»,
Aquilo é que era suar...

Tanto a D. Cunha instou
Para de Mafra o livrar,
Que por fim ela o mandou
Prò Hospital Militar.

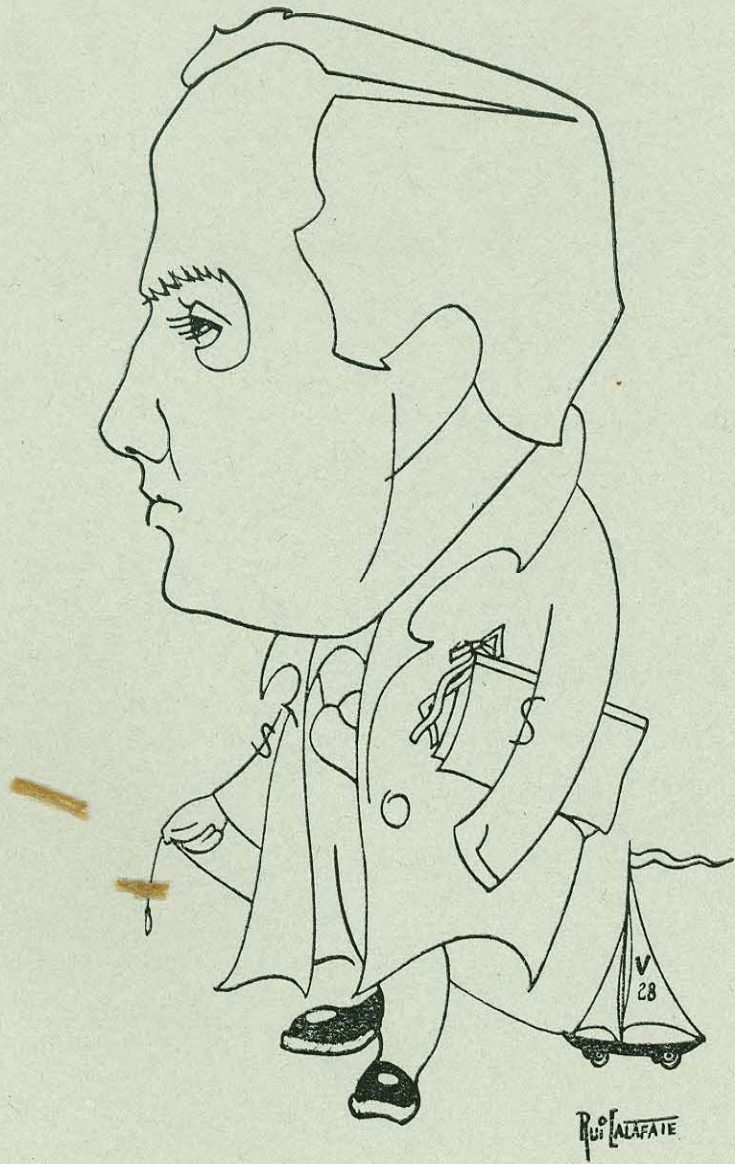
Com seu ar bonacheirão,
Tem ele uma rica tola,
Com vasta imaginação;
Mas por baixo, tudo é «bola».

Risca «curvas» fascinantes
De garotas, de sonhar...
Conta ditos excitantes
De rir, até rebentar.

Fez parte do «Salgueiral»
Este grande animador,
Que, por «jeito» fraternal,
Há-de ser operador.

Bom amigo. Em «fim de festa»
Todos vamos desejar
Que o cabelo que te resta
Caia muito devagar.

AGOSTINHO; VEIGA; SERÓDIO; J. MÁRIO



Dilma Lopes Gonçalves Ribeiro Gomes

Filha querida, também nós viemos
Trazer-te, aqui, nesta hora de alegria,
Os abraços mais ternos, mais «quentinhos»
De quantos tu tiveste neste dia...

Que ninguém, como nós, sabe sentir
A ventura de comungar contigo
No sonho feito viva Realidade...
E ninguém sabe, como nós, também,
Pedir a Deus que forme a tua vida
Só de momentos de felicidade.

Perdoa, pois, estas palavras breves
Que, sendo nossas, são aqui demais...
Mas .. Que Poder há no mundo com poder
Para calar o coração dos Pais?!...

Com um beijo dos teus Pais

Vibrante e radiosa passa est' hora
Das mais belas que tu tens a passar
Dilma! Vive-a com fé, porque a esperança
Canta hosanas de luz em teu olhar...
E essa luz de esperança esplendorosa
Será Certeza, pela vida além,
Com as Vidas que à Morte hás-de furtar.

Por isso e porque sei quantos tesouros
Albergas no teu puro coração,
Eu sei que será bela a tua vida,
E que não mentirás aos meus augúrios;
Que os faço de olhos fitos bem no Alto
E de alma confiante e comovida.

Um abraço da tia

MARINA

A' minha melhor amiga, com um abraço

Pequenina, moreninha,
Engraçada, jovial,
Passo leve, de andorinha,
Eis a «Quiqui», afinal.

Vou atrever-me a dizer
Os defeitos que ela tem.
E porque é «má» a valer,
Vai «vingar», sei-o bem.

Vou contar a toda a gente,
Que tem «peneiras de esperta»,
E que «diz o que não sente»,
Para ver se «desconcerta».

Direi mais, que é «rabugenta»,
«Nariz torcido» também.
E que põe sempre «pimenta»
Em tudo o que a não tem.

Quanto à troça que ela faz
De todos, sem piedade,
Já nem falo, que é capaz,
De me roubar a amizade.

É «gulosa» e por julgar
Que sabe iludir a gente,
Diz que só vai á Primar
«Prá mamã ficar contente»

E, por fim, mais uma coisa
Aqui deixarei também:
E' confessar que é vaidosa
E só vestidos tem cem.

E quero agora explicar
Porque falei desta moça,
(Só mesmo pra me livrar,
De apanhar alguma coça...)

Pedi-me uns versos, e, então,
Como é costume entre nós,
Só dos «contras» fiz menção
E nada disse dos «prós».

Eu só menti, com efeito
Pois nem com muita cautela,
Um minúsculo defeito
Caberia dentro dela.

É que a Doutora, em questão,
E' pequena, limitada;
Se lá cabe um «coração»,
Não pode caber mais nada

ILDA

Viva, alegre, inteligente,
Esta moça divertida,
De todos é conhecida
E conhece toda a gente.
Quem na vê toda «Dior»,
Dos brinco ao guarda-chuva característico
Diz como a raposa à uva:
«Estão verdes». Mas há melhor?
Seu sorriso luminoso
Tal simpatia irradia
Que a noite parece dia
E o dia Maravilhoso.
Mas quero apontar agora
Um defeito (sem ter medo):
E' quando diz um segredo
Lá prá... Senhora da Hora.

.....
Pra acabar que já é tarde
.....

Um só voto vou fazer:
Que Deus lhe dê um «Menino»
Muito rico e bonitinho
E que se chame... como muito bem quiser. (Sic.)

Do seu amigo e colega

JORGE



ARTE

José Carlos
Chaves Lobo

Elias Catarino Tavares

Quem não conhece este «menino» turbulento
Que pra sair da cama é um castigo...
Que chega sempre às aulas pela tangente,
Com ar distante... meio adormecido?

Depois de incomodar a fila inteira,
E, em especial, a mim...
Que estou ao lado,
Para não dormir durante a aula,
Passa a hora sem nunca estar calado!

Tem a mão leve,
E fica delirante
Se algum «cachaço» a outro pode dar...
Mas, há quem lhe conheça o fraco,
E... retribua antes de apanhar!

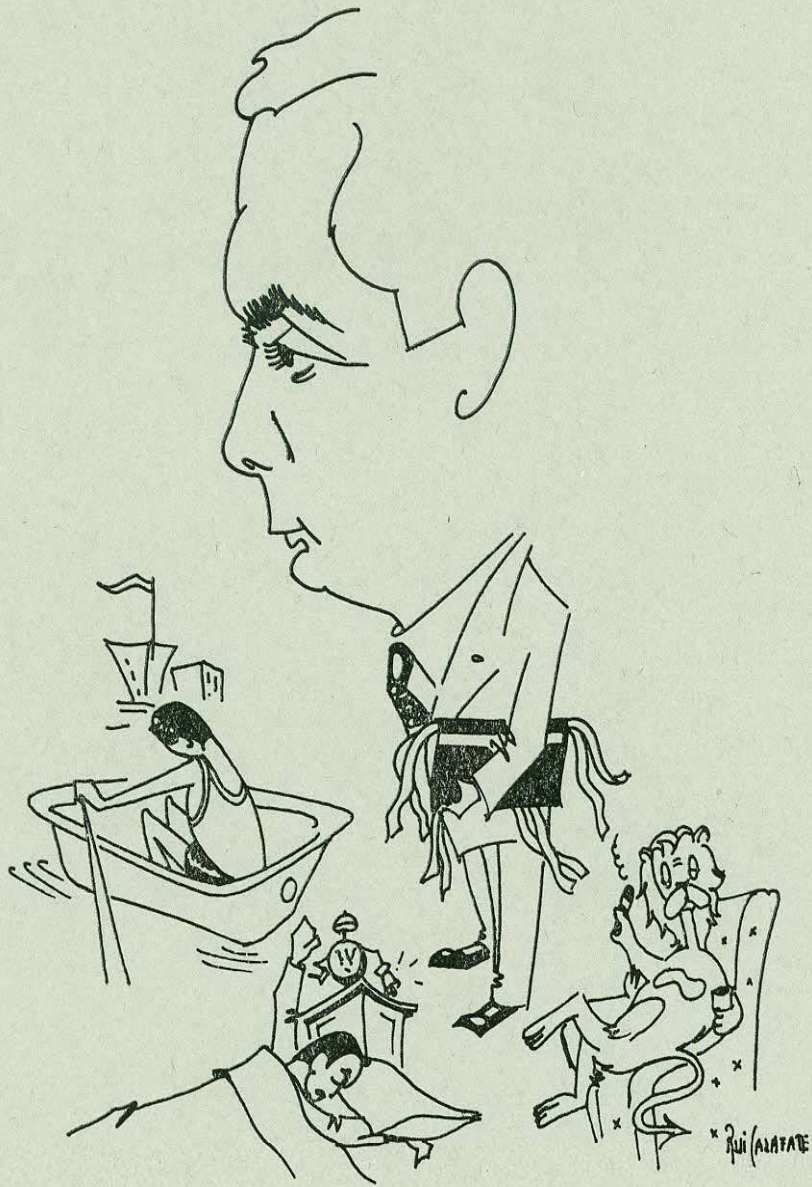
Com os da frente
Tem certa embirração,
Pois um, não está para o aturar;
E ao lado, aquela camisola branca,
Para limpar os pés,
E' tentação!!...

Naquele canto terrível, sem igual,
Do César, do Elias, e Espregueira...
Nunca em tempos idos se viu tal,
Tanta piada, tanta brincadeira!...

Poderia dizer tanto e tais coisas,
Que lhe havia de moer essa paciência...
Vingança do trabalho que me deu
Pra lhe arrancar as cotas da conferência!!

Da colega e amiga

EVA



Eva de Miranda Xavier

«Serena e sã»,
Pura maçã,
Esta Eva sem serpente,
Amor constante
De minhoto latagão,
Feliz Adão.

Sem gestos de alta escola doutoral,
Agudos, rectilínios, traçados a bisturi,
Vibrantes do saber e do mistério,
Super actualizados, «dernier-crie».

Sem o «segundo outros autores»,
Na frase, por acaso sempre ouvida,
Sem as manhas, enfim,
Dos tristes servidores
Do êxito fácil e suas tristes leis...

Com edénica paciência para os Mestres
E fôlego para os grandes cartapácios,
—Escárneo do crasso «urso»—
Ela vai fazendo o curso
Com os mesmos dezasseis.

Eva serena e sã, singela e delicada;
Provinciana do Porto
—Orgulhosa e sincera, forte acolhedora:
Nas «memórias do bem, cortado em flores»
(Cortado das afrontas e das dores
De quem quer levar a vida aberta e honrada)
Eu tenho esta doutora,
Entre todos os doutores,
No canto da amizade mais guardada.

MANUEL CANIJO

Bailes, paródias, passeios?
Só quando vai o Adão:
«O Adão conhece a lenda,
Já não engole maçãs»!...

É um coração bondoso, caridoso,
Sensível ao mal alheio,
Crava aqui, crava acolá,
Despeja a bolsa aos colegas
E sensibiliza os pobres...
É bondosa, caridosa,
Gosta muito dos seus pobres.
Que pena não serem ricos!

Gosta muito de animais,
Mas não quis ser veterinária.

Gosta de gatos, cachorros,
Gosta dos pobres, coitados,
Crava aqui, crava acolá,
Semeia esperanças no ar,
Crava aqui, crava acolá,
Dá-lhes amor, muito amor
Uma esmola e um sorriso
Difícil de rejeitar...

Gosta muito de crianças
Pequenas, rechonchudas,
Vai seguir Pediatría...

Gosta dos pobres, coitados,
Crava aqui, crava acolá,
Gosta muito de crianças,
Vai tratar as criancinhas,
Sim, vai tratar as crianças:
«O Adão conhece a lenda,
Já não engole maçãs»!...

A' Eva, do Victor

A Bé...

Graciosa, ligeira,
Menina «Ballet»,
Carita trigueira...
Só não se prendeu,
Todos sabem porquê...

Foi sempre a escolhida,
E de todos a querida!

Gostei de aprender
A sua lealdade.
A quem ela a dê,
E' franca e sincera
A sua amizade.

Gostei de sentir
Essa liberdade
De querer, de pensar!
O teu optimismo
A tua confiança
Na vida que vem,
Que avança ignorada,
Dá força!

Gostei de senti-la
E aprendi-a contigo
Essa esperança!

De nós três
Eras a terceira,
Eras a primeira,
Eras, talvez, a do meio,
Porque de mim e dela
Tinhas tu o que faltava

A Bé...
Todos sabem quem é!

A colega prestável,
A das comissões,
A nossa conselheira,
A grande tesoureira,
A «crava» tostões...

A colega ideal
Para quem todos vão,
E de quem todos trazem
A melhor recordação.

Foi sempre a escolhida,
E de todos a querida!

Um abraço da CEL



Feliz de Jesus Gouveia

Natural de Vale Frechoso,
Para o Porto foi estudar,
E eis que em Medicina
Ele se pretende formar.

Na República dos Turfos
O Gouveia se instalou,
E durante cinco anos
Só Medicina marrou.

Este novato Doutor
E' um grande bebedor,
E as revistas examina
Só para encontrar a Gina.

E' doido pelo cinema,
Do futebol nem se fala;
De selos é «ajuntador»,
Pois os ajunta à pala.

Este futuro Doutor
A Mafra veio parar,
Mas daqui a pouco tempo
A aspirante vai passar.

Japonesa, é altura
De seduzires o Feliz,
Pois, se não andas depressa,
Dirás adeus ao Doutor
Que, por não te ver, te não quis.

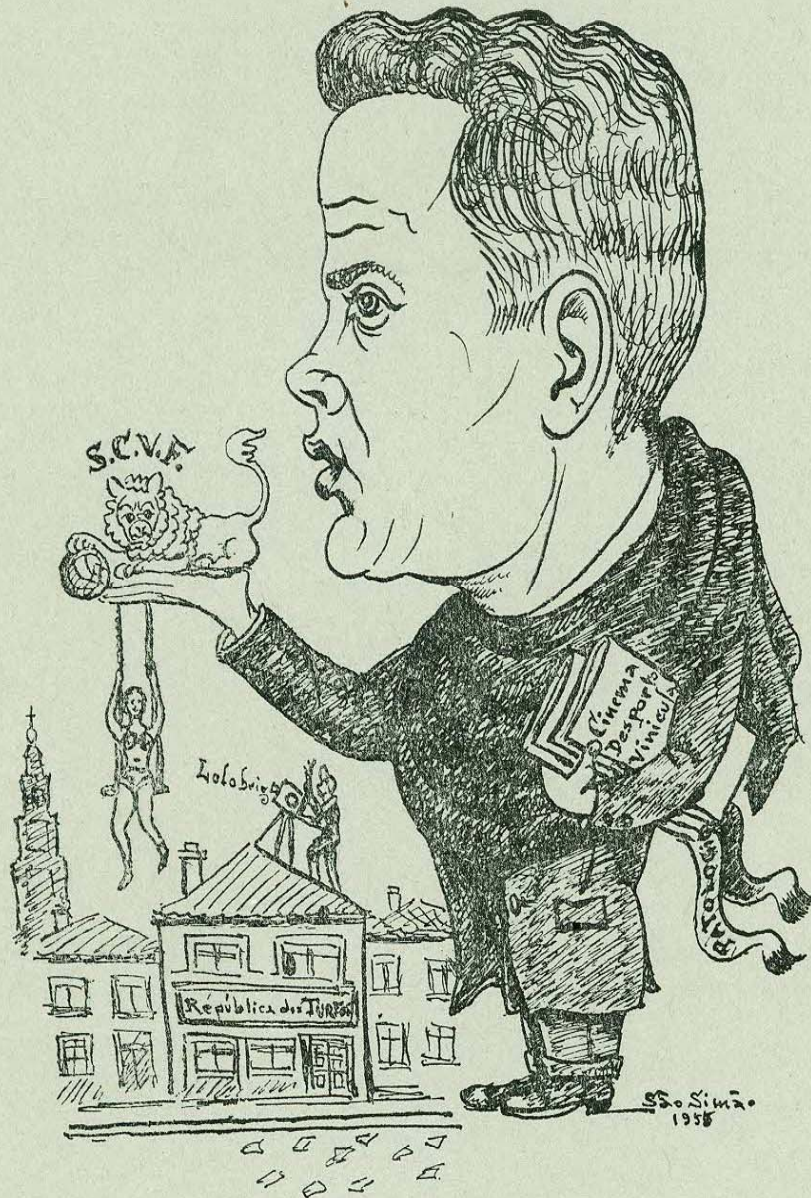
*Um abraço de felicitações
do colega e amigo*

F. CABRAL TIAGO

O Feliz, eu conheci-o,
Gordo e sempre reinadio,
Mas um sorna bestial,
Que nunca sabia as horas
Das aulas do hospital.
Do quarto, fez um harém
Com artistas de cinema
Pelas paredes coladas.
Assim, dorme ele as noitinhas
Com garotas engraçadas!
E', decerto, esta a razão
Por que tarde, ele chega às aulas,
Sem dar cavaco a ninguém.
Mas é feliz o Feliz
Com a vida do harém.
Era o tal que tinha um sopro
Cuja causa ele não dizia
Só pra se não se chatiar;
O que é certo é que o gajinho
Até se deixava auscultar ..
E' um beque dos pesados
Quando joga futebol
No time de Medicina.
Se vê canelas a jeito
Logo a bola ele imagina.
Mas não se importa o Feliz
Daquilo que os outros dizem
Quando eles falam verdade,
—Castiçal (e), baril (e) !
E' o que se leva da Faculdade!
E' serrano este colega,
E Doutor de boa gema
E' ele agora também.
Se lhe interessa, leitora,
Agarre-o, aqui o tem.

*Com um grande abraço
do colega e velho amigo*

F. MEIRELES



Fernando Adelino Faria Ferreira

- Fernando Adelino Faria Ferreira.
—Pronto. Criado de Vossências.
—Passe para aquele lado, ponha-se em sentido
E deixe-se de insolências!
- Nasceu então em Pico de Regalados?...
—Dizem que sim, Senhor Doutor Juiz.
—Mas você não sabe, ou quer brincar comigo?
Cuidado com o que diz!
- Chamam-no aqui para ser julgado.
Tenha cautela com as declarações falsas.
—Eu só digo a verdade, Senhor Doutor Juiz.
—Bem, bem. Aperte o botão das calças!
- Pelo que estou a ver põe verniz nas unhas,
Estão bem cuidadas. Trabalho de mulher!!!
—A mulher, é a razão da minha vida!
—Mau! Responda só ao que eu disser!
- Dizem que você faz vida principesca,
E tem a mania de que é bom. Que lhe parece?
—Inveja, Senhor Doutor; não gosto é de misturas.
—Claro! O culto da «finesse»!...
- Diga-me uma coisa: qual o seu peso e a sua altura?
—65, deu a balança da estação.
Altura, não me lembro, mas dizem que sou baixo.
—Sim, sim, vive rente ao chão!
- Você onde passou a mocidade?
—Em Braga. Estudei no S. Geraldo;
Foi lá que conheci a «Flor Branca».
—Mau! veja lá se entorna o caldo!
- Você esteve em Paris aqui há tempos...
Diz-se que... uma inglesa... uma francesita...
—Compreende, Senhor Doutor Juiz... um homem...
—Pois, pois; Amor cosmopolita!
- E que faz agora, aqui pela cidade?
—Estudo medicina, Senhor Doutor Juiz;
Devo acabar este ano a Formatura.
—Ah! Sim? Olhe... seja feliz.

Teu colega

MANUEL B. MAGALHÃES

Foste parar à berlinda
Pra que todos te conheçam,
Meu menino.
Aguenta a nota!!
Que a dose é pra cavalo
Meu pequenino...

São azuis os teus olhinhos
E deles te serves, pra encandear
Outros olhos inocentes.
Pobres olhos, coitadinhos,
Mesmo sem ver, viveis contentes.

Este doutor é matreirão
E faz muito pela calada.
Pois no Palácio do Gelo
Com atmosfera gelada
Sentiu calor no coração.

Pois! também as francesinhas
Vítimas foram dos teus olhares.
As malas ficam bem feitas?
Tontinhas!
Elas quiseram o teu último adeus
Antes de Paris te ausentares.

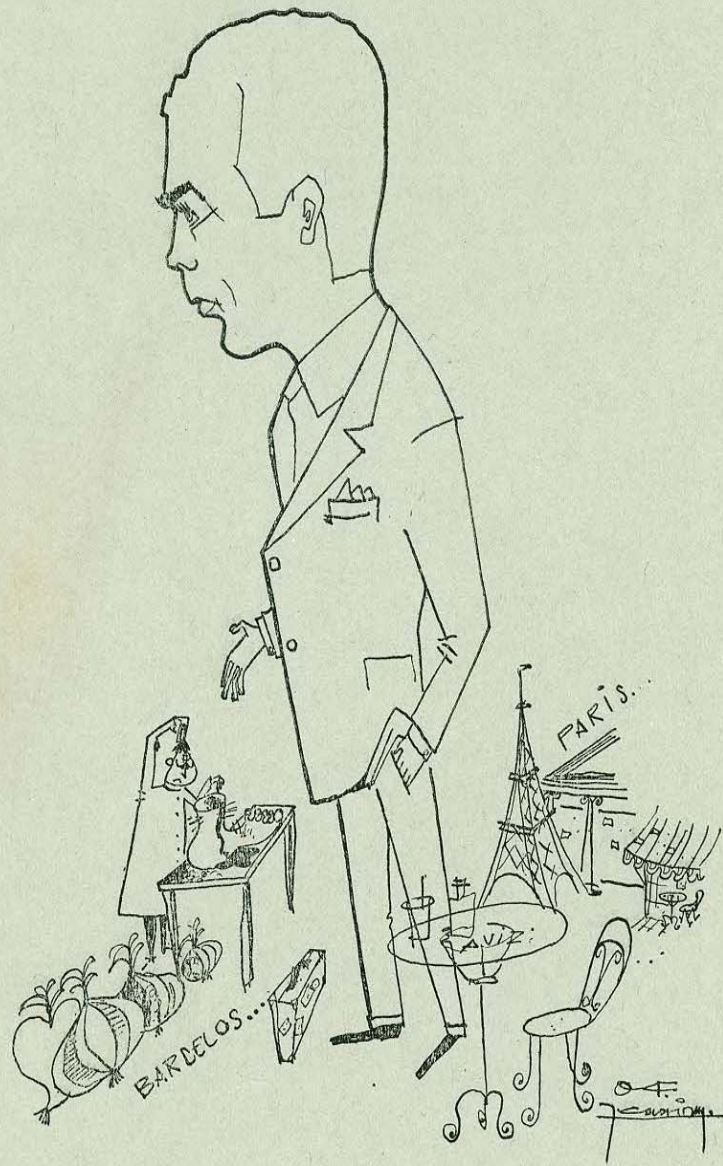
Oh! Aquela belga loira!
Sim! que calças compridas trazia.
Ah! bandido, que essa não te perdoo!!!
Pegaste e tornaste a largar
Então? Já te não pertencia...

Mas o mundo é grande,
E lá que sejas pequeno
Isso nada significa.
Podes escolher à vontade...
Depois? Não há azar,
Muita coisa ainda fica.

Pois é claro, meu caríssimo,
E' o que se leva desta vida.
Pena é que estas sejam apenas
Algumas recordações
Das tropelias, que em Paris,
Fizeram, sem freio, os nossos corações.

*Com um abraço do colega e
parceiro do lado*

FERNANDO MEIRELES



Fernando Edgar Monteiro de Meireles

Ich sah Dich in Paris
und Du sahst mich,
wir liebten uns vom ersten Blick.
Nur 4 Stunden wir konnten
zusammensein wir sprachen
unter den Sternen von unserer Liebe allein.
Wir tauschten die Ringe,
Du trugst den meinen und
ich den deinen, ach könnte
es doch bald immer so sein.
Nun sind wir getrennt
doch unsere Herzen verbindet ein
festes Band, möchten wir bald
sein zusammen in einem Land.

deine GISELA
(Hamburg, 1955)

O Meireles foi à caça,
À caça de altanaria,
Os olhos já leva cansados
Mas caça ainda não havia.
Andando, se lhe fez noite,
E cansaço ele já sentia.
Arrimou-se à alemã,
A mais alta que ali se via.
Foi a levantar os olhos
Ao mais alto da fisionomia,
E viu coisa de maravilha!
Mas que olhos que ele via!!!
Uma luz de olhos tão viva,
Que tudo em roda alumia.
O Meireles entrá a matar.
Porque a caça lhe servia,
Ficou ferida a «Gazela»
E fugir já não podia.
Ela falava inglês,
Pois francês não o sabia,
Ao Meireles, bom português,
Mesmo o inglês lhe servia.
Mas logo falou a donzela
E já vereis o que dizia:

Não te assustes, Fernando,
Eu falo inglês capaz,
Sou filha de um banqueiro
Que tem as contas em dia.
Sete fadas me fadaram
Nos braços de minha tia,
Que te esperasse até hoje
Que é o último dia...

E já o Meireles lhe respondia:

Meine Liebe, ich liebe Dich und
ich möchte Dich küssen jeden Tag.
Du bist allein in meinem Herzen.

*Saúde, dinheiro e amor,
é o que te deseja o*

CAMILO

Pensei, pensei e não achei.
Bons tratos à cabeça dei
Para te encontrar defeito,
Mas, por fim safste escoreito.
A não ser..... a não ser...
(Alguma coisa havias de ter)
Aquela história de conjugar
Em muitas línguas, o verbo amar.
Sabe em português e espanhol
E neste, cantou muito o rouxinol.
Mas agora prefere o alemão,
Ai diabo, está lá quase com o coração.
Mas nunca se sabe ao certo
Se vai casar longe ou perto,
Pois o vento pode virar
E querer outras línguas experimentar.
Fora disto, é uma jóia de rapaz,
De todo o sacrifício é capaz;
E, se estudar o não desgosta,
De tocar, cantar e etc. até gosta.

E aqui o tem, num largo traço,
Cara leitora, . . . se quer um morenaço,
Agarre-o, se tiver tempo,
Que ainda o leva ao casamento.

Para acabar esta ninharia,
Digo-te, coisa melhor eu queria
Digna da nossa amizade
Que é grande de verdade.
Mas a única coisa de valor
Que te dou com todo o calor,
São os desejos, de brilhante carreira,
Sem muita canseira.

Com um abraço do

RIOS

Este Doutor que aqui vedes
Com ares de sabedor,
E' nada mais, nada menos,
D. Meireles «O Conquistador».
Foi no «37» que firmamos a nossa amizade,
Foi no Salgueiral Amigo, nos Foliões,
Foi naqueles Bailes castiços,
Foi na Feira dos Capões...
Aqueles Baptismos cá na Monarquia,
Os passeios do nosso Orfeão,
A tua excursão a Paris
Onde deixaste o teu coração...
Enfim, Doutor, muita coisa te diria,
Se tivesse jeito prò verso;
Antes, porém, quero dizer-te
Grande Meireles e Cabralle,
Que disporás, quando quiseres.

Do teu ex-primo

DURVAL



Francisco Aires Ribeiro Costa

Quando passas na rua, sem que passe
Qualquer simples doutor a mais que passa,
Não sei que passes tens, que s'embaraça
Mesmo a dama da mais latada face.

Depois, que fama tem a tua graça
Nos palcos e salões, em que o enlace
Do brilho da figura coa chalaça
Proclama aos quatro ventos tua classe!

Que prodígio, menino!... E raiva tanta
Por não ter dons iguais, para cantar
Quem merece a mais lídima garganta!...

O remédio é pedires um versito
A's damas que costumam cultivar...
Condessas e que tais... Bem, tenho dito.

Com um abraço do primo

JOSÉ PINTO PIZARRO

Senhores:
Não conheceis o «Menino»
Pequenino,
Anafadinho,
Que desce os Clérigos no ar
Indo à Praça desaguar?
Não?
De manhã, é um mártirio!
Oh céus! que delírio,
Quando o despertador chalado
Se esquece de pôr aos gritos
Deixando-o refestelado
Nos seus qu'ridos lençoizitos!
E' uma festa!
Acorda.
E então, já barbeado,
Vem ao'spital, encantado
Com a sua consciência:
—Faltei? Pois, paciência.
A culpa foi do cansaço
E daquele despertador
Que foi um grande estupor...
...Mas um grande amigalhaço.
Agora, caro leitor,
Com certeza já topaste'
Este grande madrugador,
Bem disposto e falador,
Com óculos de larga haste,
Samarra, com gola de pele,
E um lábio inferior só dele,
O belo sexo rondando,
Só pode ser ele!
E se o quereis confirmado,
Ide a Resende.
Lá o encontrareis divagando
P'lo Cabrum e Levesénde,
Em S. Cipriano implantado.

.....
Caiu o pano,
Porque
Falando de S. Cipriano
E' melhor ponto final,
Senão
Fica um sentimental...

*Com um xi muitíssimo mais
castiço do que estes sensaborões
simulacros de versos, deseja-te
as maiores felicidades o colega,
amigo e primo*

ZÉ



Francisco Alves Machado

Cara... e Coroa

Vós que à tardinha, a passo lento,
Tendes por costume dar a volta dos tristes,
Umás poucas de vezes, sem tomar alento,
Concerteza, sempre vistes,
Como se fosse um precioso achado —
No meio dessa tristeza em movimento,
O Francisco Alves Machado!
Nos lábios, um sorriso prazenteiro;
Nos olhos, a paixão desfeita em lume,
E o fato que veste é impecável.
Vai farejando o “gado estrangeiro”
E sorri pràs moças do costume,
Aquelas que vêem no roteiro
A esperança dum amor irrealizável.
Mas o Francisco passa adiante imperturbável.
Puxa da cigarrreira que é de prata,
(O isqueiro se não é, podia ser)
Acende um cigarro, mas mal acaba de o acender,
Jorra-o no chão e compõe a gravata.
De vez em quando, lancha na Ateneia
Um daqueles lanches que eu não trinco.
Aquillo, é moça que traz na idela
Das que não dão um ponto numa meia,
Mas vão ao chá das cinco!
E' assim o mundo do Francisco!
Mas agora, estou a vê-lo ao contrário,
Através dum vidro imaginário:
Em vez dum isqueiro, usa petisco.
O ambiente é outro, e outro o seu fadário.
Não recebe por mês aquele conto e pico
Que julgais;
Anda sempre teso e o seu nome é Chico
Chico e nada mais!!!

São quase duas da manhã. Cai uma chuva miudinha
que penetra até aos ossos. A cidade vai ficando deserta.

Ali na Praça,
A horas mortas.
Nos cafés ainda está alguém.
Na rua, dois ou três vadios
Que se recolhem aqui e além,
De encontro às portas,
E mais ninguém.
Minto. Ali, daquele lado,
Encostado a um candeeiro, está o Chico.
Na boca, um cigarro em melo e apagado;
Os lábios cianóticos têm a cor dos cravos.
Sente uma dor no estômago (coisa reles)
Que o aborrece...
Aquillo é dos pimentos bravos
Que come no Meireles.
O Chico treme.
O cachecol não o aquece;
Está no fio e é cor de creme
Com uma risca castanha.
Na cabeça, uma boina vasca.
Foi o Necas (contrabandista que pára numa tasca)
Quem lha trouxe d'Espanha.
O chico está encostado ao candeeiro.
E continua a chover...
O candeeiro é igual a tantos outros,
Pintado de verde, ou coisa que o valha.
É aquele em frente à passadeira
Por onde passa a “Maralha”
Nas horas de movimento.
O Chico está sozinho.
Pára um eléctrico com o condutor e uma passageira,
Um eléctrico mesquinho,
Iluminado por dentro.
Pois se ele é noite... o piso está molhado...
E um carro americano, bem lançado,
Respinga o Chico.
O Chico roga-lhe uma praga: — Oxalá que patine...
... Gostava que se esbarrasse...
O carro sobe S.to António e o Chico sacode a gabardine
E começa a tossir (ainda se escarrasse...)

Batem duas horas no relógio da estação.
Ali, a uns vinte metros, está um polícia;
Já lá está há mais de meia hora.
O Chico cospe prò chão,
Lança ao tipo um olhar cheio de malícia,
E resolve ir-se embora.
Dos beirais, caem pingos dispersos.
O Chico passa por mim, acorda-me,
E pede-me que lhe faça uns versos!

No estudo e no resto, fomos companheiros e amigos.

MANUEL MAGALHÃES

A M I G O :

Se o Bom-Jesus falasse
E às gentes contasse
O que tu fizeste!!!
Mas, felizmente
O Bom Senhor
Não conta nada à gente,
E não fala. Vê e Cala e Faz o Bem.

B R A G A

Éramos uns poucos de moicanos!
O Marques, tu, eu e os Arantes
Passando em vertigem pelas ilusões
Levando na alma alegre o King e a Sueca
(De Maximinos aos Peões
E da Ponte a Monte D'Arcos)
Até que, coa alma a arder e a língua seca
Nos dessedentámos na adega do Henrique.
E assim passou um ano,
Basto, bacano,
(o melhor da nossa vida)

P O R T O

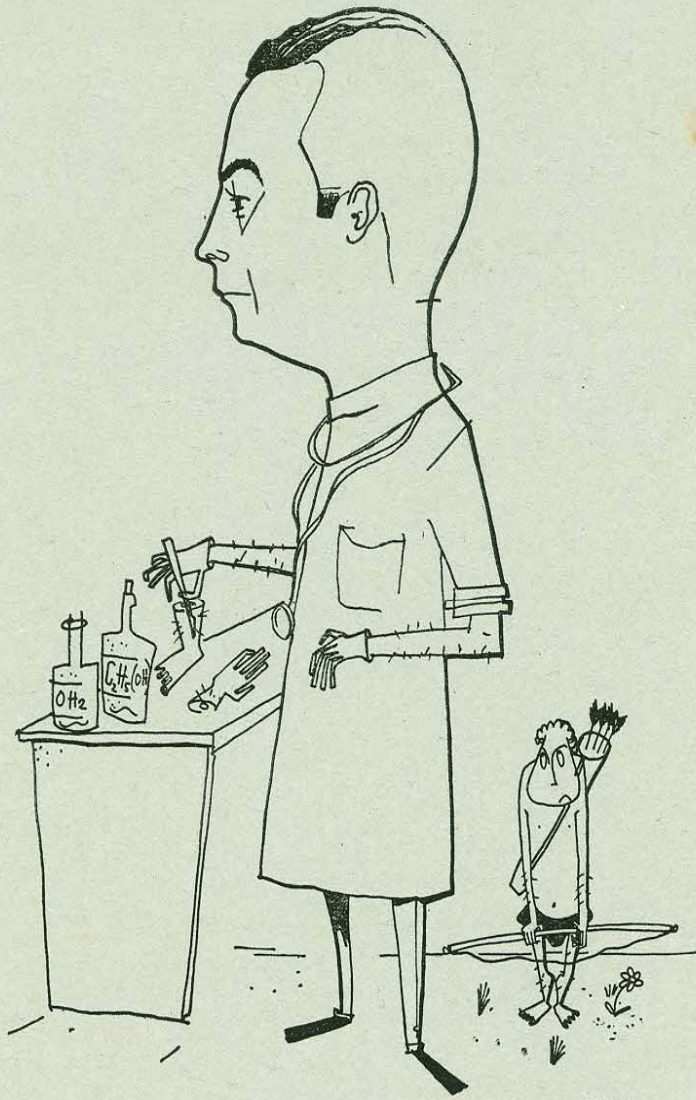
Depois, encontrei-te cá no Porto,
Já feito doutor, já homem sério
Requebrando e olhando pràs donzelas
Só c'os olhos. O coração não é pra elas
Que ela já o têm
É ainda bem.

F I M

Estás, doutor, amigo
E vais deixar
Esta vida que é única.
E's um estudante morto
E os mortos cobrem-se coa Túnica
De amizades
De saudades.
.....
Vais entrar na VIDA,
FELICIDADES,
AMIGO.

Com um abraço do

AMARAL



of
J. Currier

Gabriela Maria Pinto de Almeida

Era uma vez
uma bonequinha,
palmo e meio d'altura,
cara redondinha,
riso de criança,
água cristalina
d'uma fonte pura!

Só brincar sabia,
tanta graça tinha,
tão ingênua era,
que em sonhos teceu
louca fantasia!

Prà vida desceu
ainda a sonhar,
com ela aprendeu
também a chorar!

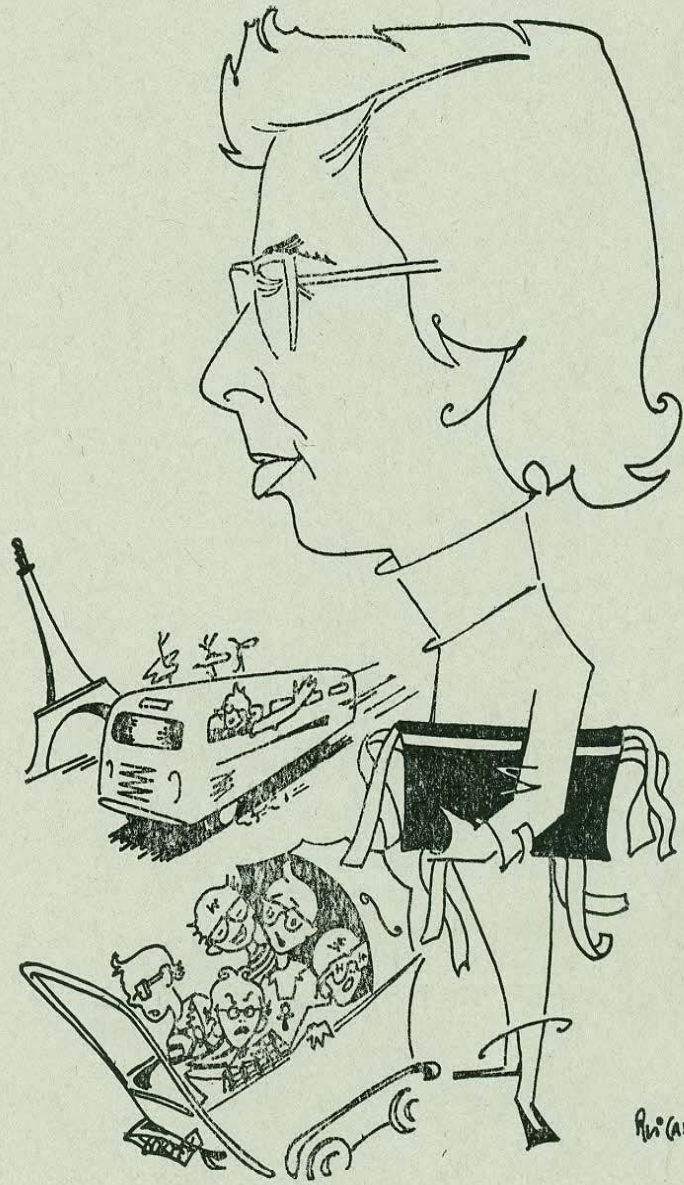
O tempo passou....
folhas mortas d'outono em brasa
caíram sobre sonhos loucos?
A vida trouxe a realidade
do dia-a-dia,
aquela que não queremos aceitar
por teimosia,
aquela que, bem vivida,
é única felicidade!

Os sonhos tontos
da criança pura,
castelos dourados
d'imensa ternura
ficaram no ar.....

E agora,
chega a pasmar
de ser ingrata prà vida,
pois viver,
é bem melhor
que sonhar!

*Com desejo, de felicidade imensa
para os dois, da vossa amiga*

CELESTE



Ilda Azevedo de Oliveira

Eu já te vi mais gorda
Lá isso vi,
Eras, porém,
O que és agora:
Os mesmos olhos brejeiros
De pestanas recurvadas;
Os mesmos lábios,
Tão tentadores,
Sempre esboçando um alegre sorrir;
O clássico, romântico perfil
De camafeu antigo;
O mesmo «todo», enfim,
Que — Ó Musas, acudi-me! —
Que é ... «uma categoria».

Tal eras e tal és — ou me parece... —
Ó! — Ó! — Ó Ilda «suspirosa»!
Alegre sempre e sempre bem disposta,
Se algum desgosto te punge,
Guarda-o no coração,
E o Mundo não sabe disso.

Só se pode apontar-te
Aquela ideia fixa
Que sempre te persegue:
Nas aulas, no «paleio», à mesa da Primar,
Na dança, ou no Cinema, ou seja aonde for,
O caso é
Que num momento te «alheias»,
É a gente logo sabe
Que dentro de minutos
Parte o trem da Trindade!

Deixa-o partir, Ildinha.
Outros virão depois, e chegarás a tempo,
Mas vê que te não fuja o comboio de sonho,
Que leva à Felicidade e só passa uma vez...
A esse, com um xi do coração
Desejo que o apanhes
E nele sigas, sem «descarrilar»,
Até ao fim.
Amen.

JOÃO MÁRIO

Ó Ilda: assim brincando, o tempo anda depressa!
Há muito iniciei a longa caminhada...
E ainda que ninguém me diga que o pareça,
Há muita neve já nesta velha cabeça;
Porém, cresceu pra dentro... e não se nota nada!

Assim, eu fui brincando e o tempo foi correndo...
— Tal como o pensamento, alguém jamais o vê —
Na capa foi surgindo um ou outro remendo...
E sem saber bem como, acabo merecendo
A amizade leal d'Alguém como Você.

Ao considerá-la Alguém, sabia o que dizia:
Você já conquistou a glória pra o Futuro!
Você é mesmo Alguém pela sua alegria,
A mocidade, a graça, a eterna simpatia,
A amizade que deu a um mau poeta obscuro!

Vocês já viram na rua
Uma moça bem catita
Com um andar superior
Como quem diz que é bonita?

Já viram? Pois então
Vão ter o prazer, agora,
De saber dela mais coisas
Que muita gente ignora.

Tem peneiras, é vaidosa,
Para tudo quer louvores,
E por isso se rodeia
De «aduladores» doutores

Lá a vemos deslumbrada
Por tanto elogio ter,
E diz que é desiludida...
Quem havia de dizer...

«Magister dixit» em tudo,
Teimosa, como as que o são,
Pois sempre quer ser só ela
A única a ter razão.

Se estamos a auscultar
De fonendo no ouvido,
Com o «Chinfrim» que ela faz
Não se ouve nem um «ruído»

Meninos, tomai cautela,
Porque ela sabe fingir
A sorrir todos a vêem,
Mas por dentro «está-se a rir».

Deus lhe dê moço modesto,
Rico, lindo mocetão,
Chamado... não digo o resto
Ou digo: talvez... mas não.

Parabéns a esta Doutora
Que «pescou» uma excepção,
Pois o menino escolhido
Não é «tolo nem bufão».

Mas acabem-se as «piadas»
Pois verdade, verdadinha,
Que defeitos não há nela
Nem mesmo nada, nadinha.

Nobre e puro coração
Não há ninguém que o não diga,
E por isso a escolhi
Pra minha maior amiga.

Que sejas muito feliz
Vibra pedindo por ti,
Agora e por toda a vida
A sempre amiga

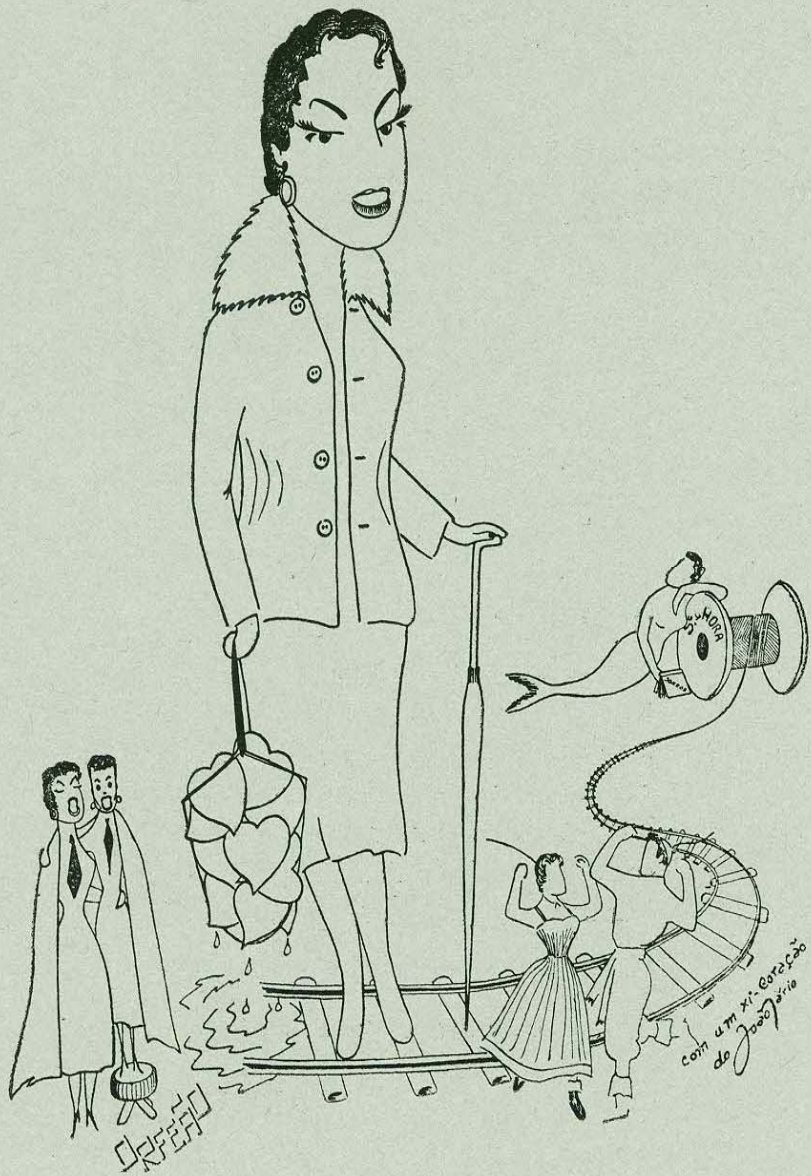
QUIQUI (Dilma)

Ilda: bendita seja a sua mocidade!
Sei que recorda ainda e sempre, com saudade,
Aquele grande amor de Pai que já perdeu.

Mas enquanto esse Pai — ó flor do sentimento! —
A contempla a sorrir do azul do Firmamento,
Um espírito gentil ficou p'la Terra — o seu!

*Com os desejos das maiores felicidades,
o colega orfeonista e amigo sincero e
muito grato*

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA



DREFFO

com um xi-coração
do João Maria

João Henrique Pereira da Silva e Sousa Pessanha Martins Moreira

O João «entrou» novinho,
educadinho, penteadinho.
Agora é doutor, falador,
experiente, «inté» no Amor...

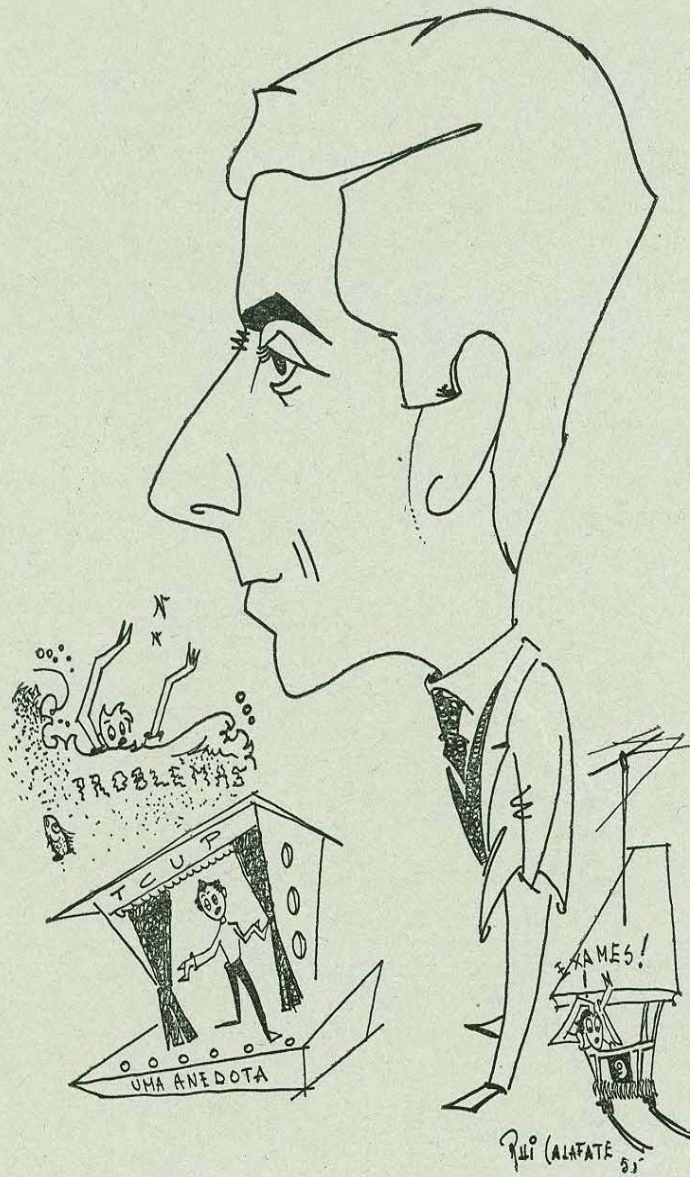
Ainda é, este doutor, prezadinho,
alinhadinho, «cuidados» no colarinho;
é mal ou bem, afinal, que desate
a bolsa, em proveito do alfaiate?

Sério é só por «dentro», e no coração.
— Houve Mestres que vendo-o por «fora»,
em hora de azar, em má hora,
lhe chamaram aldrabão...

O João é jóia de bom quilate;
mas pelo ardor com que se «bate»,
nos magnos problemas das ideias
e pelas muitas e várias palavras feias
que deita ao ar, em tom sonante,
levar-nos-ia a pensar que é meliante,
sendo de bondade tamanha
o doutor amigo JOÃO PESSANHA!

Com um abraço do amigo

ARMANDO



João Manuel Ortigão Duarte Espregueira Mendes

Há no seu ar
um espreguiçar lento
coma ambulatória,
doce amolecimento...
e é de ver, o Espregueira
espreguiçar-se, discretamente,
dormir de qualquer maneira,
de pé, encostado,
torto ou direito...

Traz na pasta ampla
(que já foi um cofre)
o menino sono
muito aconchegado;
prò não acordar
só se quer sentado
de manhã, na aula!

Porque de tarde...
a digestão é lenta,
e, o ilustre Doutor,
embalado por doce
e quente monotonia,
duma terapêutica,
duma neurologia...
continua dormindo!

E, nessa altura,
com franqueza,
a culpa não é sua!

Mas está dormindo
deveras?
O assistente que o
chama!
Uma maçada tremenda
ter um nome conhecido,
não ser um João qualquer
que ficasse pra aí esquecido!

Mas ainda pior é,
estando sonolento,
de pé...
cair um pingo do tecto
frio, gelado,
malcriado...
despertá-lo (que ironia!)
de belos sonhos distantes
pairando em Santa Luzia!

Mas está deveras
dormindo?
Como pode, então,
dizer
solene, sisudo
e atento ao alvo
piadas boas,
das boas
que nos deixam a nós,
sorrindo...
enquanto ele, sisudo,
impávido, grave e atento,
continua dormindo!?...

Aí pelas onze e meia
já ele tem acordado,
pois senão todos
dormiam
ali do nosso lado!
Só o nosso amigo Jorge
o conseguiu despertar,
tão fortes disse, coitado,
não o deixou sossegar!

Agora temos saudades!...

A rígida petrologia
alfabética...
levou-o do nosso lado!
Não sei que faz d'outra banda
mas, decerto...
continua dormindo!...

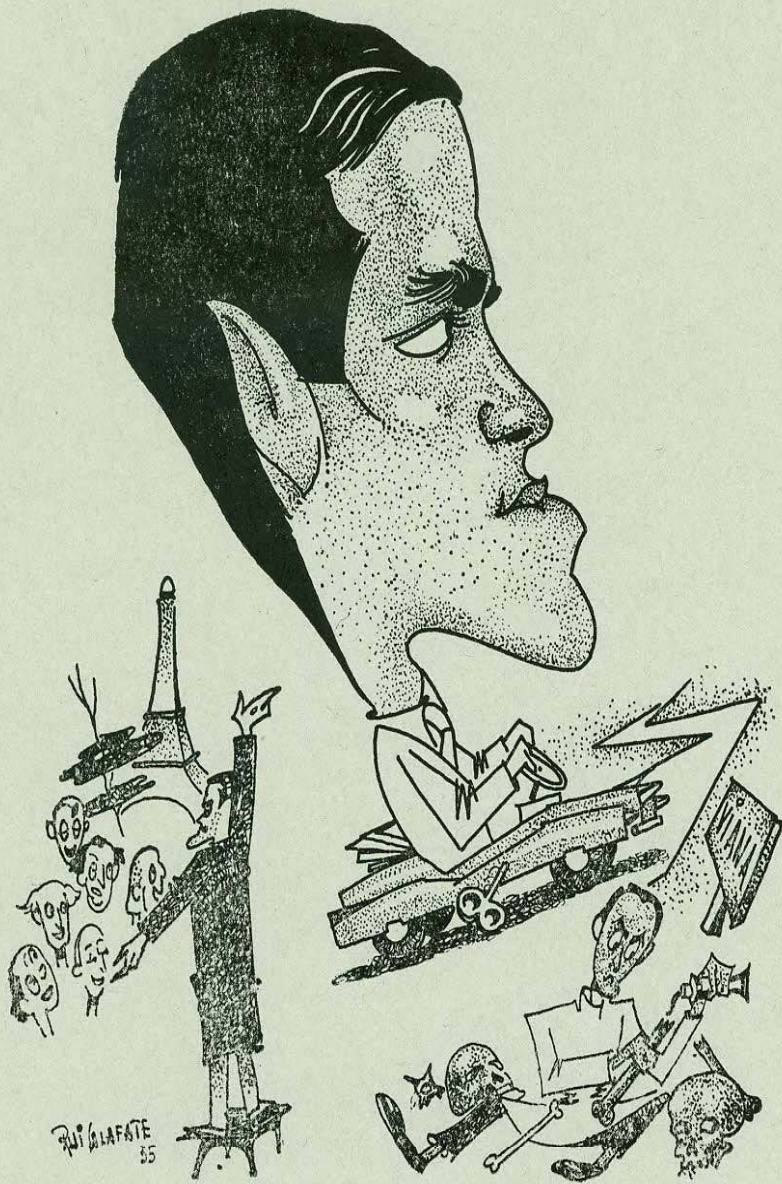
Eu sei que você
é rapazinho atilado
em Paris, demonstrou
(à custa do meu «liliput»)
ter francês muito afinado.

E sei também
que, nas 24 horas do dia,
está, algumas, acordado
e as aproveita bem!

Não leve, por isso, a mal
fazer de si dorminhoco;
foi só para não falar
doutros fracos...
que, através da espessa barba,
o fariam corar!

*Com desejos de muitas
felicidades, a colega*

CELESTE MALPIQUE



João Mário do Amaral Coutinho Calheiros Lobo

Pra cantar-te as qualidades
Que são bem mais de um milhão,
Invoquei as divindades,
Mas não veio a inspiração...

E como no versalhar,
Os meus dons são muito poucos,
Resolvi em ti «cortar»
E deixar louvar-te os outros.

Amigo: vaidoso és tu,
Pois até na garraçada
Exibiste o tronco nu,
Pra encantar a bonecada.

E mais a história te canta
Porque queres os lábios belos,
Desculpas-te coa garganta,
E só chupas caramelos.

Das moças, julgas prender
A todas os corações,
E tens peneiras de as ter
Atrás de ti aos milhões!...

És amigo sem senão,
Quando giras por aqui.
Mas em Espinho... no Verão...
Ninguém se abeire de ti!...

E sempre que estás zangado
Com qualquer uma de nós,
Sem que possas ser vingado,
Baixas uma oitava à voz.

Podia ainda dizer,
Teres de mimo uma carrada,
Mas 'stou farta de escrever
Desta vez, não digo nada.

E pra merecer teu perdão
Tanta mentira famosa
Aí vai um xi-coração
Da.....

ILDA

Ele canta.
E quando o faz,
De manhã, ao barbear-se,
pára a vida à sua volta
Té que resolva calar-se
o demónio do rapaz...
Parece o Bing... a berrar!
Parece o diabo à solta!
Fica tudo «extasiado»,
a pensar, arrelampado:
«O' filho, vai-te matar»!

Ele dança.
E quando o faz,
(Na Piscina ou no Casino,
ou até mesmo pisando
um palco, de quando em quando),
levada por tal rapaz,
toda dengosa, a sambar,
diz a moça: «Isto é divino»!
... e já não quer outro par.

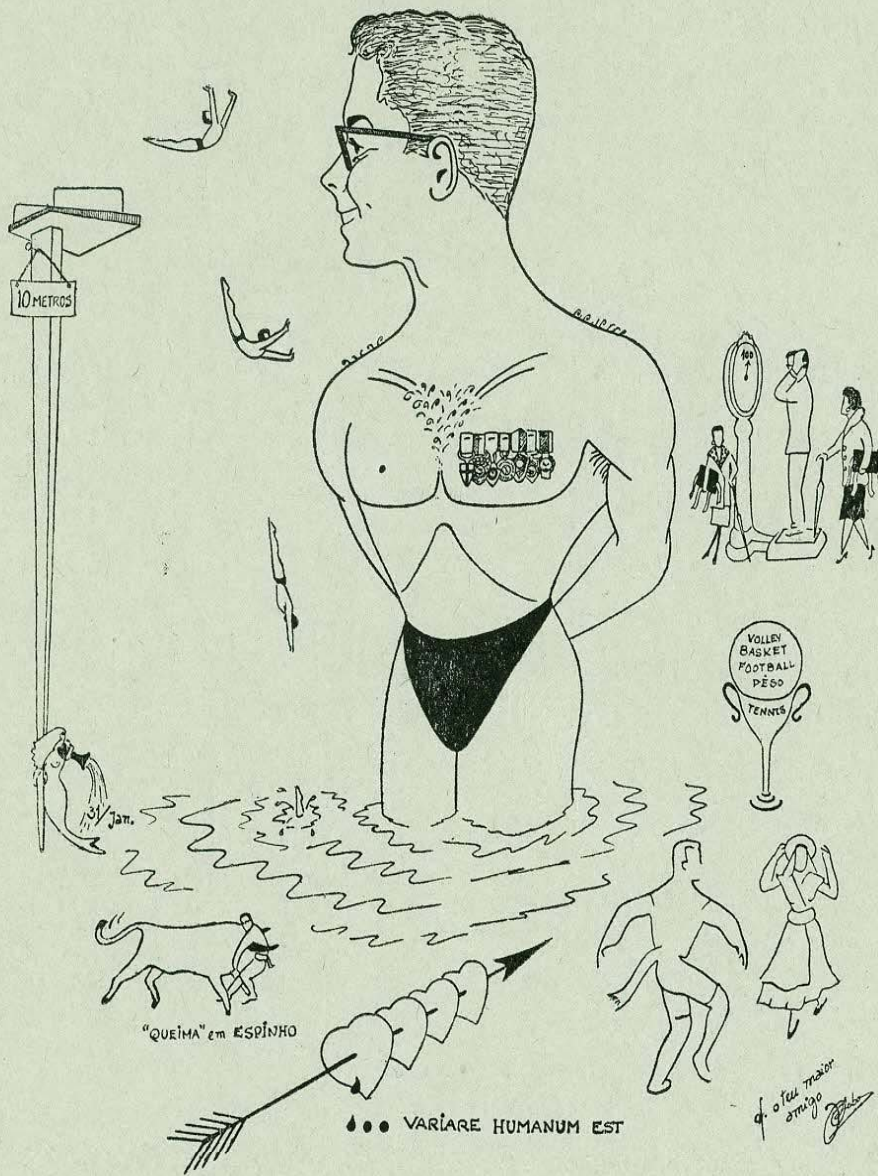
Ele toca.
E quando o faz,
—Coas maracas zás que trás!
Não dá meças a ninguém.
E toda a malta delira!
E toda a moça suspira
por que ele a «toque» também...

Ele salta.
E quando o faz
—na Piscina, mergulhando,
como só ele é capaz,—
acorrem moças em bando
pra melhor o ver subir,
pra melhor o ver saltar...
E nenhum coração bole
(embora o seio lhes trema)
Té que ele volte a emergir
tranquilamente, a nadar
co' uma elegância suprema,
fendendo as águas em «crawl».

Ele estuda.
E quando o faz
coa mira de ser Doutor
(porque a Ciência lhe apraz),
à prima cabe o labor
de abrir o livro e de ler.
Mas ele toma sentido
—que não é duro de ouvido—
e fica sempre a saber...

Ele joga.
E quando o faz
(seja o «volley», seja o «bad»
ou qualquer modalidade),
a sensação que nos traz
o ver a tranquilidade
que põe sempre na jogada,
é duma tal segurança
que... nem vos digo mais nada.
—Que fenomenal rapaz!...
—Que «genica»! Que... pujança!
—Que beleza de criança!...

do Ag.



10 METROS

31 Jan.

"QUEIMA" em ESPINHO

••• VARIARE HUMANUM EST

VOLLEY
BASKET
FOOTBALL
PÉSO
TENNIS

de o teu maior
amigo

Joaquim Andias Martins Ferreira

É Quinzinho
de nascença,
tem agradável
presença,
e o cabelinho
ondulado.

Tem outras
coisas ainda,
mas de todas
a mais linda,
É o seu ar
recatado.

Acorda de
manhãzinha
ao cantar
do passarinho,
mas nunca acorda
sòzinho,
porque dorme
acompanhado.
Dentre a alvura
dos lençóis
e mal que luz
o buraco,
aparecem
quatro sóis:
os olhos dele
e... os do gato.

É um quadro
comovente
que mexe mesmo
coa gente
e nos entenece
mais,
por sabermos
que a mocinha
do Quim, a Dona e
Rainha,
também gosta
d'animais.

Tem um
canário,
uma gata,
mais um gato
e o «Pancinhas».
Pra este
vão as festinhas.
Prò outro,
todos os mimos.
Um dia
quando casar,
que fará ele
aos meninos?

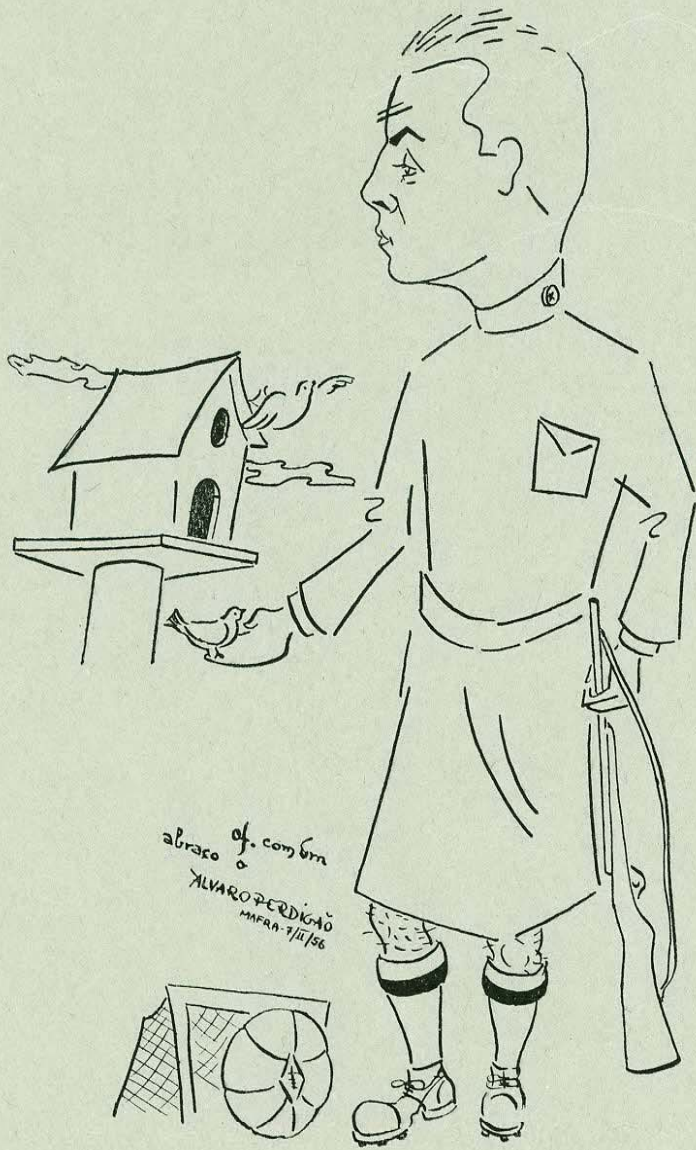
Tem mais
outro predicado,
é o leitor
da família,
e nunca parte
a mobília,
a não ser...
mal humorado.

Só lhe conheço
um defeito,
um só,
e digo a verdade!
Mas para
a comunidade
é um defeito...
bem grave.
Seja o leitor
o juiz.
Que tal,
um senhor Doutor,
sempre de mão
no nariz?

De tudo
o que ficou dito,
denunciado
e escrito,
de todo o meu
coração,
Quinzinho,
peço perdão.



José Afonso Morais Santos



José Alberto Loureiro Freire de Sousa Pinto Cochofel

Se ele tiver um ar de sofredor,
Com cara de quem sofre «mal de amor»
E a palidez a querer furar-lhe a pele;
Se o corpo lhe tremer tal qual um sismo,
Sintoma crucial do mendelismo,
Não há dúvida: é ele!

Quando o vires acabar de tomar o chá,
E «ir lá dentro», pois «tem que ser já»,
Baço o olhar, o rosto cor de fel;
Se o vires regressar bem mais corado,
Com ar de quem já está aliviado,
Não há dúvida: é ele!

Se o vires tomar Sulfaguanidina,
Entero-Vio-Fórmio e Aspirina,
Como se aquilo fosse pão e mel;
Se o vires a saborear o Doriden,
Salicilcaféna, ou o Casfen,
Não há dúvida: é ele!

Se vires um tipo magro e assaz nervoso,
Muito mexido e muito rabioso,
Sempre a correr de casa prò café,
Se vires cantar um dia no Orfeão
Um fulano com voz de rabeção,
Não há dúvida: é o Zé!

Se topares no caminho, alguma vez,
Um sujeito de grande palidez,
De olhar profundo e, todavia, esperto;
E se o vires enfiar p'la Faculdade
De Medicina, a toda a velocidade,
Não há dúvida: é o Alberto!

Se vires uma pessoa concentrada
No livro aberto, onde está gravada,
Da médica ciência, muita cousa,
Se levanta a cabeça, de repente,
E estica ambos os braços para a frente,
Não há dúvida: é o Sousa!

Se vires um sujeitinho apessoado,
Sempre a compor o fato bem passado,
E a puxar as calças pelo cinto,
Se tem um ar de director de banco
E um colarinho eternamente branco,
Não há dúvida: é o Pinto!

Se tu vires um rapaz todo elegante,
Cujo olhar é cioso e penetrante
Bem mais que as setas do Guilherme Tell,
Se alguém ousa poisar sobre «ela» o olhar,
Se a cena que refiro é na Primar,
É ele: é o Cochofel!

Se tu o vires aos tiros, feito tolo,
E depois pôr a arma a tiracolo,
Sem ter aproveitado uma chumbada;
Se o vires ao fim da tarde ,derreado,
Com ar desiludido e chateado...
...É o Cochofel que volta da caçada!...

Mais te dizia, Amigo, se soubesse
Em versos traduzir meu pensamento;
Mereces bem melhor mas, no momento,
Mais não diria, ainda que o quisesse.

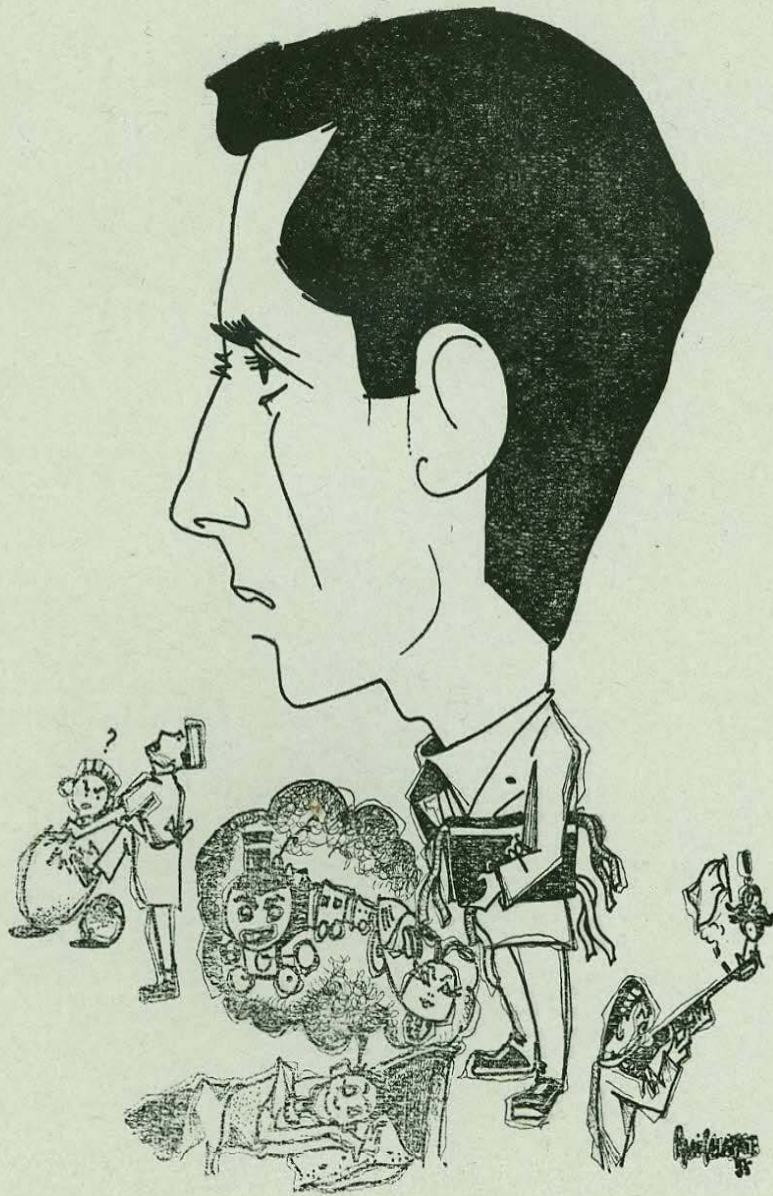
A inspiração, por vezes, arrefece,
Embora se mantenha o sentimento.
Nem sabes o que sofro quando tento
Escrever e a musa me falece!

Só posso desejar-te, à despedida,
Todos os bens e glórias desta vida,
No casamento e mais na profissão.

Quando médico fores, que não te esqueça
Que tens que usar, bem mais do que a cabeça,
É mais do que a Ciência, o coração!

*Com os melhores votos de muita saúde e
muita felicidade, para ti e tua Ex.^{ma} Família
presente e futura, vai um grande abraço do
teu muito amigo*

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA



José Alberto Rodrigues Sá Azeredo

Aqui vem o Azeredo
Que tem muito que contar,
Ouvi agora, Senhores,
Uma história de pasmar.

Passaram anos e um dia,
Caiu em Medicina
Este nobre Doutor,
Sempre à rasquinha, coitado,
Sempre, sempre atarefado
Com fretes dele e dos mais,
Que por arte, ou por fado,
Ele resolve em dois ais.

Nasceu em berço doirado,
E logo foi doutorado,
Por quantos o adoravam.
Brincou feito de Galeno,
Cresceu num mundo sereno,
De quem tem tudo sonhado.

Mas a boa estrela cansada
Um dia, apagou a luz.
Záz, às cegas, catrapuz.
Foi uma grande maçada!...
Andou como barco sem rumo,
A' procura dum canudo.

Cheirou as químicas,
Lambeu os códigos de Direito,
E a tudo dava bom jeito...
Mas nunca perdeu a mania
De ter entre os seus livros
Tratados de Anatomia.

Saturado de sebatas e andanças,
Desgostoso, dum futuro não sonhado,
Refugiou-se, embora de mau grado,
Nos mundos das Finanças.
Casou e foi pai de três amores.
(Outros «presentes» doutores)
Porém, dizia-se cansado,
Da monotonia da vida
E largou tudo. Cheio de esperança,
Sobe aos píncaros das montanhas.
No alto da subida,
Faz crescer uma botica
Bonita, boa, querida,
Mas nem isso o deteve
Na sua longa corrida,
Porque o sonho de menino
Ruminava nas entranhas.
E assim, cheio de empenho,
Corre monte e valado
Na seu bólido esverdeado,
Para escutar com amor
O saber tão procurado.

E senhores!..
Ele, devora com que ardor!
Tratados e mais tratados.
Estuda tanto e com tal alma,
Que posso dizer com calma,
Que chamando este Doutor
Os mortos ficam curados.

Com um grande abraço da tua mulher

ZAIDA SÁ AZEREDO

Nasceu num fole,
Caminha num bólido,
Tem conversa mole,
E espírito sólido.

É um «folk-lore»
De vento em popa,
É elemento mor
De todos, na boca.

Sr. vice-presidente, o ensaio?...
Doutor, os apontamentos?...
Em casa, Papá eu caio!...
Na rua, os meus cumprimentos.

Este Doutor, que a todos cumprimenta,
Com a ligeireza da graça e com reverência
Tem, com estudo da sua preferência
A Psicologia, em Autores de competência.

É saltitante,
É falador,
Este Doutor
Tão cativante.

Num redondel
Devora o Patel,
E se com a «pitada»
Sente maçada
É sopa no mel
Uma cinemada

Com um abraço do muito amigo

ARMANDO SALGADO

Bom Azeredo,
Faço-te os versos a medo,
Porque se queres exhibir
No teu «Livro» belo verso
A má porta vens bater

Mas se tu queres
Duas ou quatro piadas
Com um pouco de verdade,
Prepara o lombo grande,
Onde vão cair ripadas
com dureza e amizade.

O maior dos Montenegros
Que ao fazer 33 anos
Atingiu o «apogeu»
Merecia biografia.
Mas um homem, desta altura,
Exige para o cantar
Canto mais alto que o meu:
Um canto que chegue ao céu,
E do céu, diga às estrelas,
E destas ao Universo
O que não pode cantar
Meu pobre e amargo verso.

Nasceu e cresceu assim,
Grande, triste, nervoso, descuidado,
Instável, maneiroso, atarantado.
Assim, tringalhadas, na
Barriga já grande,
Cabeça pequena,
Mas viva prós exames,
Azeredo, aconselha sisudo e timorato:
«Hum! tu falas muito,
Vá lá, talvez te trames».
O Azeredo? — «É bom rapaz!»
Incapaz de fazer mal,
De muito bem incapaz...
É o senso comercial
— Que não por mal, aliás!

Atento às conveniências
Da «apagada e vil tristeza»
Ali, onde poucos comem,
Quer também sentar-se à mesa

Mas na dura concorrência desleal
Ele vai sentir da luta a crueza,
Porque o Azeredo,
Se errado, não ando,
Quer sentar-se à mesa,
Mas não é malandro.

Há vidas médias, cinzentas,
Sem interesse, sem amor;
A do Azeredo, não:
Canino, fiel marido,
Pai com ternuras de avô,
Amigo do seu amigo,
Azeredo é um homem vivo
Que vive do coração.

*Com um abraço apertado,
Pedido de caridade para o mal-alinhavado.
Do amigo, já «tramado»,
Com o estro mais queimado.*

M. CANIJO



PII (ALA FATE) 55

Căminul din albușor 56

José Augusto Fleming Torrinha

Este Fleming, a quem rimo,
Muito dado às Medicinas,
Não foi ele... foi o «primo» ...
Q'achou as penicilinas.

Camadas de «it» à bessa,
Quando sobe a calçada,
Que leva ao «Clu de Leça».
Dizem que lá, faz furor,
Quer dançando e, sem pressa,
Ou a contar o almoço,
Servido e com primor...
Um belo bife da peça.
E pra provar. «Que maçada»!
Quem come com gente dessa...
Tem que tirar outra vez
O cartão do «Portuense».

Assim, lançado que vai...
Casa cedo este rapaz.
E se alguma moça cai
No baile, ele é capaz
De tratá-la com carinho.

De ossos, já ele sabe,
Do resto?... Quanto a casório...
A noiva que peça ao pai
Que lhe monte o consultório...

Com um abraço do

CESAR REIS

Eis que desponta, qual botão de rosa,
O mui jovem doutor José Torrinha.
Estudioso, fez carreira airosa,
E de ciência, traz bem cheia a «pinha».

De porte um tudo-nada empertigado,
E' «selecto» no gesto e no trajar.
O peito leva sempre um tanto alçado,
conferindo «classe» ao seu andar.

Sua grande paixão é a Ortopedia:
Formões, serrotes, tenazes recurvadas,
Tudo emprega com tanta maestria
No conserto das «canetas» fracturadas,
Que berram os doentes... «d'alegria»,
Tais «carícias» lhes são proporcionadas!

Dizem até más-línguas exaltadas,
Que pr'obter clientes aos montões,
Com arames finos nas escadas
Vai provocar solenes trambolhões.

Sentimentos, não há melhores que os seus:
O coração é d'ouro... e tanto abarca,
Tanto comporta, que... por Deus!
—Não é um coração é uma arca!!

Na Boavista, percorrendo-a a pé,
Ora devagar, ora de corrida,
E' visto últimamente o nosso Zé.
Motivo, porém, de tanta lida?

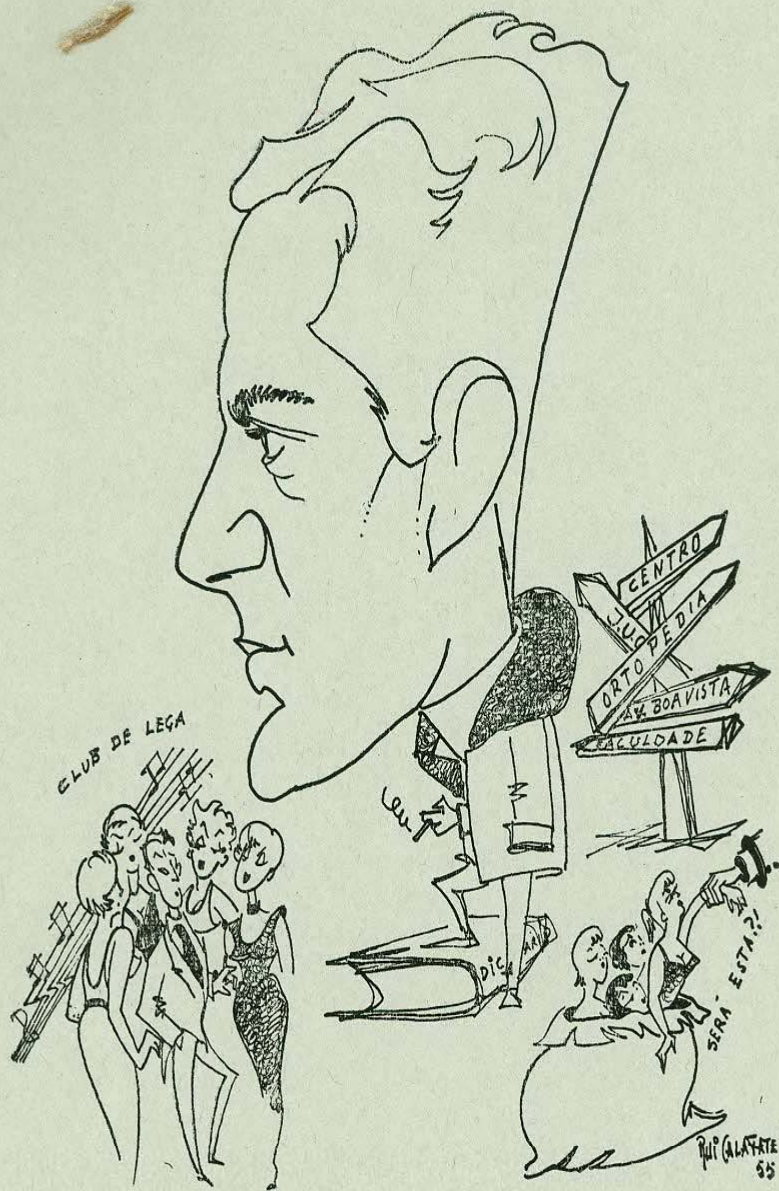
Dizem Amor, não ser de todo alheio
A tão contínuo e insólito passeio!

—Vai livrando este mundo das maleitas.
Porém, tem cuidado! Não te «espetes»!
Não dê estricnina nas receitas:
E' forte o sarilho em que te metes!!!

—Desculpa, caro Zé, e não «afines».
Tudo isto foi escrito por piada,
Muito embora, tu, piada não encontres
Nesta insossa e terrível versalhada.

Com um abraço e votos de felicidade do amigo

EMMANUEL ROCHA BRITO



José Carvalho de Oliveira

Pra cumprir uma promessa
Aliás, já em dobrado,
Aqui me tem, Oliveira,
Para lhe cantar o fado!

Se eu fosse grande tesoura,
Eu havia de dizer...
Mas enfim, sempre não digo,
Boazinha, quero ser.

Defini-lo é impossível,
Mas, também, não é preciso,
Basta dizer de passagem,
Que é «maroto», e tem juízo...

Fez parte da comissão
Da viagem a Paris,
Fez-lhe mal ao coração,
Mas curou-se... está feliz!!

Nada de «parto sem dor»
Nem ideias avançadas,
—Eu cá, sou conservador,
Não gosto de baralhadas!

E daqui por alguns anos,
Se eu for a Famalicão,
Hei-de vê-lo já «enforcado»
Comandando um batalhão!!

Não vão pensar que é por sina
Que tal afirmo para já.
As coisas, devagarinho...
Vão caminhando pra lá!!

*Felicidades, deseja-lhe a
colega amiga*

EVA

Eu quero um canto da tua página,
Pra cantar a nossa velha amizade
Começada nos bancos da escola,
Intacta, ao deixarmos a faculdade!
Juntos, há que tempos! começámos,
Juntos, ainda, chegamos ao fim.
De desilusões e de amarguras
Sentimos estar experimentados;
Fico por aqui. Oxalá, doravante,
A tua vida, seja cheia de venturas.

Um forte abraço do

CAMILO

Ao «papá»

Se o virdes, calmo e sério
Saído, dum cemitério,
O havereis de julgar!
Pois este ser, tão sisudo,
(Calado, parece mudo)
Está horas sem falar.

Este Carvalho, que é Zé,
Oliveira, também é.
—Que coisa fenomenal!
Para aumentar a encrenca
(Isto, dito sem ofensa)
Ainda é Animal.

Pois um ser tão invulgar,
Duma espécie singular
Que Lineu, não mencionou,
A um coração, descuidado,
Por acaso foi levado
E ali desabrochou.

Bem tratado, foi crescendo,
As raízes, estendendo
Por esse mundo além.
E cresceu, de tal maneira,
Que chega da Carcereira
A Paris, ou Santarém.

E tudo dito já está.
—O ponto final vou pôr
Desejando ao «papá»
Saúde, dinheiro... e amor.

Do filho... bem educado

NUNO



José Fernando de Lima

Sporting Souto-Chão
Sporting Gavieiras,
Amizade, reinação
O relvado eram areias.

E' dessa data remota
Que vem a nossa amizade.
Seguimos a mesma rota
No Liceu e Faculdade.

E' pra ti que vou fazer
Versos que vou dedicar
A'quela que terá de ser
Companheira no altar.

—Eu, das suas qualidades,
Nem sequer quero falar ...
Mas a vós, lindas beldades,
Eu o quero explicar.

De toda essa «matilha»
Que pela Escola passou
Ele foi a maravilha
Que jamais se enfeitou.

No futebol é exaltado
Quase outro «Júlio Banana»
Mas casamento, cuidado!,
Odeia a mulher mundana.

Mulher caseira só quer
(Ilusões de namorado)
Se um dia a chegares a ver
Põe-te a pau, senão és levado.

Nem mundana, nem caseira
E' assim que deve ser.
Nem «coquette» nem «sopeira»
Mas, enfim, se possa ver ...

Portanto, se estás a olhar
Prò lindo moço qu' ele é,
Se não sabes cozinhar
Não lhe faças rapapé.

Interesses, sem ser asneiras,
Só um é que ele sente
O correr, às 5.^{as}-feiras,
Prà Conferência S. Vicente.

Na vida que Deus te der
A brincar com os ratinhos
Que também te faça ter
Em casa, muitos meninos.

Que na «escolha» e na clinica
Tu sejas um sorteirão
Não importa seja rica
Ou qu' ande de biberão.

O que importa realmente
sejam doces, como mel.
deseja-te, sinceramente,
O velho

Carlos Manuel

Não posso deixar passar
Tão boa oportunidade,
De deixar aqui gravada
A nossa eterna amizade.

*Um grande abraço
do teu primo*

RUY

Eu queria ser um profeta
Para o futuro predizer
E dizer a todo o mundo
Que és um médico a valer.

Eu queria ser um cigano
Para ler na tua mão
Teus sucessos e vitórias
Em doenças do coração.

Não sou cigano nem profeta
Nem preciso de o ser
Para dizer quem tu és,
Sem receio de meter peta.
E's um honesto trabalhador
Da cabeça até aos pés.

Os meus desejos para ti
Nesta hora de despedida,
São ver: o consultório à cunha,
Dar-te aqui um grande xi,
E deixar-te a amizade sentida
Do Fernando Santos da Cunha.

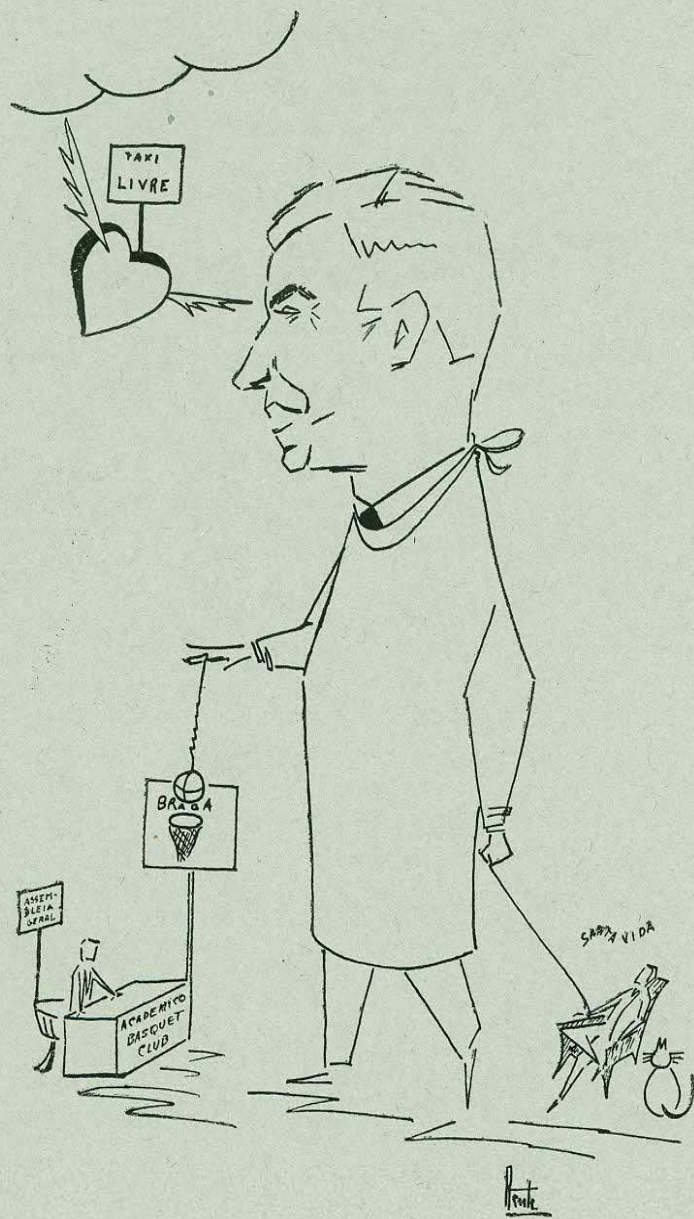
*Com um abraço do teu
muito amigo*

Fernando Santos da Cunha

Estudioso, vivo, inteligente,
Manancial de virtudes, este doutor de Braga,
Na clinica será, a todo o momento,
De bactérias e vírus uma autêntica praga!

Com votos de felicidade, o teu colega e amigo

J. CARDOSO DO CARMO



TAXI
LIVRE

BRAGA

SANTA
VIDA

ACADEMICO
BASQUET
CLUB

SANTA VIDA

Pente

José Henrique de Sousa Rios

'stá claro, já o conhecem...
E pra si falo, menina!
Tem aqui um bom partido,
Inteiro é que é, bem entendido,
E Doutor em Medicina!

Tem muita história este rapaz
E de todas, a mais longa
Que eu conheço.
Quer sabê-la? É curiosa?
E' bonita e corajosa?
...En?!...e jeitosa?
Então é fácil, vá ter com ele
E ele lha conta por bom preço.

Mas se tem necessidade
De dados mais por miúdo,
Dir-lhe-ei pra começar
Antes de a ele se abeirar
(barrigudo?!... não)
Que é sincero mas telhudo.

Tem «cor bovis», sabe o que é?
Mas, da doença, ele não tem medo.
Um coração que dilata
Pra aos seus amores dar guarida,
É moléstia que não mata
Nem lhe tira anos de vida.

Mas pra si ainda há um lugar
Ele não lho nega, é só mais uma.
Bata-lhe à porta com jeito,
Entre, mas torne a fechar
Pra não entrar mais nenhuma.

Mesmo assim tenha cuidado
Pode ter uma surpresa.
Bailarino de requinte,
Folião por natureza,
Acredite,
Atrás dele são mais de vinte!
Que fazer? muito fácil.
Vigie-o
Sem ele saber.

Mas não importa, afinal,
Que tantas o sigam na estrada
Se pra ele a verdadeira
Será a do fim, a primeira.
E essa ainda vem atrasada.

*Saúde e bichas são os votos
do teu colega e velho amigo*

FERNANDO MEIRELES

Para que te lembres «Riquinho»
Daqueles bons tempos passados,
Daquelas idas ao Cantinho
E dos óptimos pimentos assados.

Para que quando já fores velhinho
E tiveres ganho muito dinheiro,
Te rias um pouquinho
Lembrando-te do vidraceiro.
Para que no teu livro de receitas
Em homenagem ao «Salgueiral»,
Ponhas em letras direitas
O «Vinho» nunca faz mal.
Para que te lembres um dia
Da nossa grande amizade
Da nossa Real Monarquia
Que deixas mas com saudade
Aí vai um grande abraço
Do teu colega de Orfeão
Que uma vez, por causa do braço,
Teve de fazer de escrivão.

Um abraço do amigo

DURVAL

Eu quisera trazer-te um poema
De verbo sonoro e elegante,
Que falasse destes anos de Faculdade,
Que dissesse dos teus méritos,
Rumorejasse da nossa amizade.

Eu quisera trazer-te um poema
Que recordasse o trinta e sete
Dos baptismos de caloiros, das bailações
E tantas outras iniciativas sociais,
Artísticas, alimentares, bagaçais.

Eu quisera trazer-te um poema
Que cantasse a história dos capões
Desossados no nosso quarto
Depois de rejeitar negócio coa patroa
Que dava sessenta mil reis pela capoa
Pra tirar raça de capõezinhos.
E quantas mais coisas não contaria
Das tuas actividades nos Foliõezinhos,
Nos Cabralles e até no Orfeão.
E das correspondências sem fim
Pra portuguesas, espanholas,
Belgas, francesas e pra inglesinha...
Não rima mas é mesmo assim.

Oh! que poema eu podia fazer!
Falaria da Queima em que puseste fitas
Daquela baile de gala sem igual...
Do extrato seco, dos fungos, do iodeto,
Mas que poema eu não faria,
Recordando os sortilégios de Paris,
Aqueles enfermeiras mulatais...
Não! não posso, não escrevo mais.

Eu quisera trazerte-te um poema
De verbo sonoro e elegante,
Mas rai's me partam se sou capaz,
Não! não posso, não escrevo mais.

Com um abraço do

CAMILO

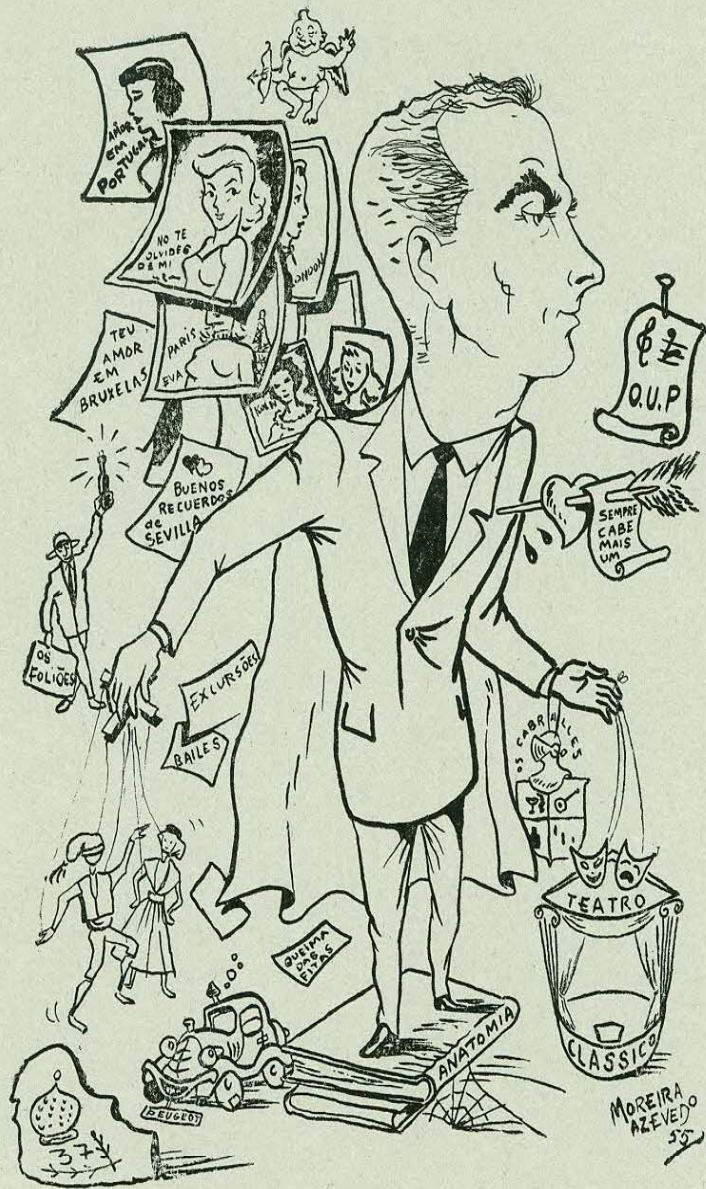
Elas te chamam Henrique
E és de família, Rios.
Mas pra mim, que não me logras
Serás sempre o Dr. Zé,
O inimigo das sogras,
A quem causas Calafrios;
Pões-lh'os cabelos em pé,
Ou lh'arranjas um «cheliq»

Pra terminar a permissão
— Do silogismo a primeira —
Direi mais deste menino:
Por acasos do destino,
Nasceu em terras da Feira
Sem ser feito de cortiça.

E' namorador inato:
Namorará toda a vida
Desde o berço até à cova;
— Eis a segunda permissão
Mais forte que Casa-Nova
Tem do Amor a medida,
Que o débil fogo atíça,
Ao coração mas sensato.

Se tens livre o coração
E sabes Filosofia
(Que a encerra o amor...!)
Japonesa, olha o Doutor:
Prende-o na tua magia
E tira a «CONCLUSÃO».

Do NUNO



José Leopoldo de Almeida Carvalhais

Pelas ruas ouço gritos
Corryerias e apitos,
Tudo em grande algazarra:
—Agarra, agarra!...
Turvo o olhar,
Cabelos no ar,
C'um bigode de apavorar...
Por mim passa um matulão
Tal e qual um furacão:
—Esticado o nariz prà frente,
Ele aí vai num repente
Co'aquele apêndice terrível...
Qual quilha de nau incrível...
... Oh Céus! isto é demais!
Será possível?
Mas é... é... o Carvalhais!!!
E então compreendi.
As horas vi...
... Nove horas da «madrugada»!
A coisa ficou explicada:
—O homem desta epopeia
Ia prà aula das oito e meia.
.....
Para uma coisa é pontual
Afinal,
Este Doutor Carvalhais:
— Para a caça aos pardais.
E pode ser que o vejas
A's narcejas,
Com arma que nem uma tranca,
Em Avança.
Anda a fazer o seu surto,
Com botas de cano curto,
A'gua por cima metendo.
E assim o vendo,
Oferece-lhe um bom bagaço,
Sem embaraço.
Fiel à teoria
Que ouviu um dia,
Nos pés o irá deitar
Para as gripes evitar!...
.....

Poderia dizer muito mais,
Caro amigo Carvalhais,
Se a Musa pra isso me desse!
Agora que ela falece,
Não dando assunto,
A este bestunto
Anêmico, esclerosado,
Por tanto esforço e cansado,
Só me resta dar um xi
A ti,
Esperando que as aulas magistraes,
Continuem por muitos anos mais
A serem por ti dadas no Piolho,
Misturadas com anedotas de muito molho...
E que eu esteja presente,
Coas pernas esticadas para a frente,
Estabelecendo a diferença
Imensa,
Coas chatas aulas do Lente.
.....
Do companheiro das caçadas
E «Piolhadas»
Que sempre nisso será fiel,

JOSÉ ALBERTO COCHFEL

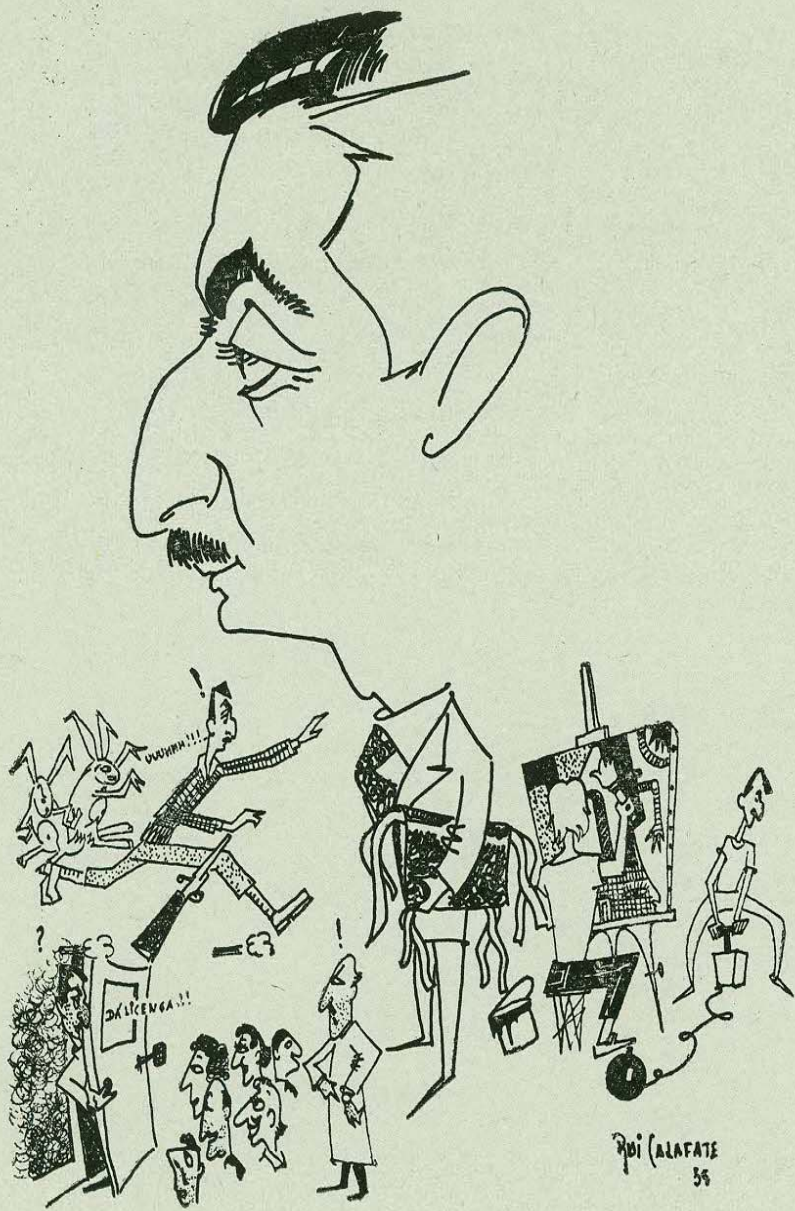
Eu que não venho esifero, eu que porto
Esquálido o cabelo, fúria no coração,
Vassalo vou cantar
Um gesto seco,
E um bigode obtuso,
Tocar a minha avena
Com muita devoção.

Ei-lo fumífero entre ondas
Tal do Sol o arrebol.
Ei-lo apocalíptico, rebarbativo, hirsuto,
A arrefaçar colérico,
O dúbio buço do adolescente mole.

E' ele, inteiro, imenso, ecóico, heteróclito, incomedido
Vagamundo das setas de cupido
Que o hão ferido!

Carvalhais, oh artimão da velha faculdade!
Quando, formado, num meio arval estiveres
A receitar hiera,
Recorda, 'ao ler estes carmes,
(os versos do passado serão carnes)
A nossa velha amizade.

SERAFIM



José Luís Silva

Quando o Zé Luis inda era pequenino
É ao ombro trazia uma sacola,
Disse-lhe assim, um dia, o mestre-escola:
— Anda cá, meu menino!
Pra não fazeres figura de paleta,
Tu ficas a saber
Que o caminho mais curto a percorrer
É sempre a linha recta! —
É o pobre rapazinho, ainda tão miúdo,
Julgando perceber do mestre a intenção,
Começou procedendo “em linha recta” em tudo,
Tivesse ou não tivesse uns “poses” de razão.
O tempo foi correndo...
E o Zé Luis crescendo.
Um dia já lá vão, talvez, uns cinco anos —
Entrou na Faculdade um menino feliz
Chamado Zé Luis.
Ele era um tipo humilde ao pé dos veteranos,
Mas embora os tratasse, a todos, com respeito,
Olhava-os a direito!
Todo e qualquer problema o interessava;
Assim, enquanto o Zé Luis estudava
Os livros enfadonhos,
Quanta vez lhe voava o pensamento,
Direito como um fuso, num momento,
Para os mais belos sonhos.
Um dia começou a ser notado:
Além de bom aluno e aplicado,
Entrara-lhe no fundo do bestunto
Não descurar, jamais, qualquer assunto
Que precisasse ser modificado.
Assim, lutou sempre em profundidade,
Em busca da justiça e da Verdade.
Entrou para o Orfeão;
Porém, achando fraca a organização,
Resolveu melhorá-la a bem ou a mal.
Um dia foi falar com certos dirigentes
Dos mais influentes,
Pra fundar-se um jornal,
Para ressuscitar o que está morto
E endireitar o que nasceu já torto:
Uns “cortes” a preceito...
Impunham mais respeito...
Principalmente, claro, a umas “catraias”
Que andavam a abusar de usarem saias...
Do grupo de “Os Cabralles” já não faz parte;
Embora tenha sido fundador,
Pois aquilo tornou-se muito mau
Desde que acabou o “tachau”.
Tem trabalhado em muitas comissões:
Na d’Africa e... da Revista
Demonstrou as melhores aptidões:
Foi uma coisa nunca vista!
Só tinha uma mania: ser esperto
E às “curvas” femininas escapar;
Lá se foi escapando... mas, decerto,
“Ela” teve bem mais habilidade,
Porquanto na verdade,
O conseguiu caçar!
As borgas que ele fez, todos fizeram,
— Nada mais digo, ou sai alguma “gralha”... —
As “nassas” que apanhou, todos tiveram;
São coisas da maralha!
Ao terminar, Zé Luis, a brincadeira,
Desculpa se te disse tanta asneira,
Porém, não foi por mal.
Saúde e muita sorte em tua vida,
São os meus votos mais a tua “querida”
Etc. e tal!

Abraça-te o teu amigo certo

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

“Ele quer amar, amar perdidamente,
Amar só por amar, aqui e além...
Esta, aquela, a outra e toda a gente,
Amar... amar... e não amar ninguém”

Quem ler estes versos que alguém escreveu,
É que tão sem arte eu quis imitar,
Verá que o doutor que vou descrever,
Não é um caloiro na arte de amar.

Mas não é a amar que ele perde o tempo,
Nem a ver “miúdas” que vão a passar.
É no “Papagaio” ou no “27”,
A comer um bife, ou um bom jantar.

Se tem uma língua bastante afiada,
Podem crer que às vezes não o faz por mal,
É porque precisa, com necessidade,
De arranjar notícias para o seu “jornal”.

Do nosso Orfeão é um bom elemento,
Mas passa o seu dia todo a discutir,
Ou é o estatuto que não está bem feito,
Ou a direcção que deve cair.

Mesmo já cansada de tanto escrever,
Como toda a gente, não vou terminar,
A nossa amizade e camaradagem,
Todos a conhecem, para quê falar?

Da Colega

MARIA EDUARDA SALEMA E COSTA
(a simpática)

Quando o nosso Zé nasceu
Todo o mundo estremeceu...
Pois todo o mundo sabia
Que novo Cyrano havia...
.....

Gosta do acalorado
Duma boa discussão,
E um bom casco avinhado
Com tendências a brigão...

Da discussão nasce a luz,
Mas cá com o nosso Zé,
Da discussão nasce o... murro
E... Talvez um pontapé.

Não há no mundo reguila
Mais esperto que este Zé
É o primeiro da fila...
No seu pensar, já se vê.

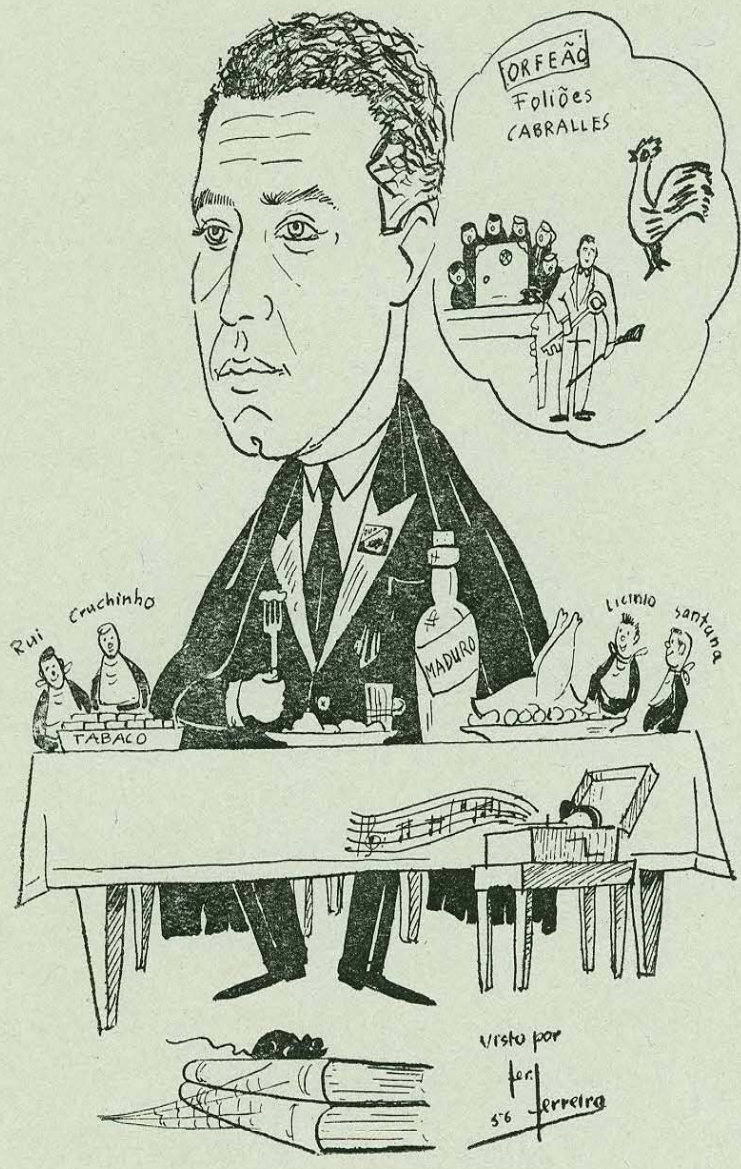
Estava a nascer, rugia
Pois já aí era “leão”
Agora solta rugidos
No ensaio do orfeão.

Da mui nobre República
Dos Cabralles, ele é
E de ainda muito mais
Pode ser o nosso Zé.

Falta-me ainda a história
Que me vem ao pensamento,
Do jogador de jiu-jiu-ts
Que mandaste pro cimento.

Pra acabar, peço desculpa
De ter dito a sã verdade...
Mas sabes que na balança
Pesa apenas a amizade.

ÁLVARO LOPES PIMENTA



ORFEÃO
Foliões
CABRALLES

Rui
Cruchinho

TABACO

Licio
Santana

MADURO

visto por
fer.
56 Ferreira

José Manuel Teixeira Cardoso do Carmo

Menina, não faças banzé,
Ao olhar este doutor.
Nalgumas poucas palavras,
Numas frases mal rimadas,
Eu falo-te deste senhor
Lembrando-te o que ele é.

Conhecem-no, com certeza,
Pelo seu ar aprumado,
Pela maneira de falar,
Pelo seu nariz recurvado.

Alegre e bom camarada,
Gosta de conversar, de dançar,
Gosta da sua piada
E até (que horror!) de estudar.

Das muitas coisas que faz,
Direi em primeiro lugar
Que é da J. U. C. este rapaz
E lá o podeis encontrar.

Tenista e ás da bilharada,
onde, com mestria, carambola,
Em atletismo, foi falado,
E até deu pontapés numa bola.

Doido por armas, coelhos, perdizes,
Na sua fúria a tudo atira,
Só não apanhando as felizes
Que não vê no ponto de mira.

Felicidades eu te desejo
Na vida que vais encetar
E que sempre tenhas ensejo
De na clínica brilhar.

Com a fobia das doenças
Toma remédios e purgas;
Nada há que não experimente
Até D. D. T. para as pulgas!

Côncio do seu valor,
Entrou para o Orfeão,
Para aí, como tenor,
Dar fífias até mais não.

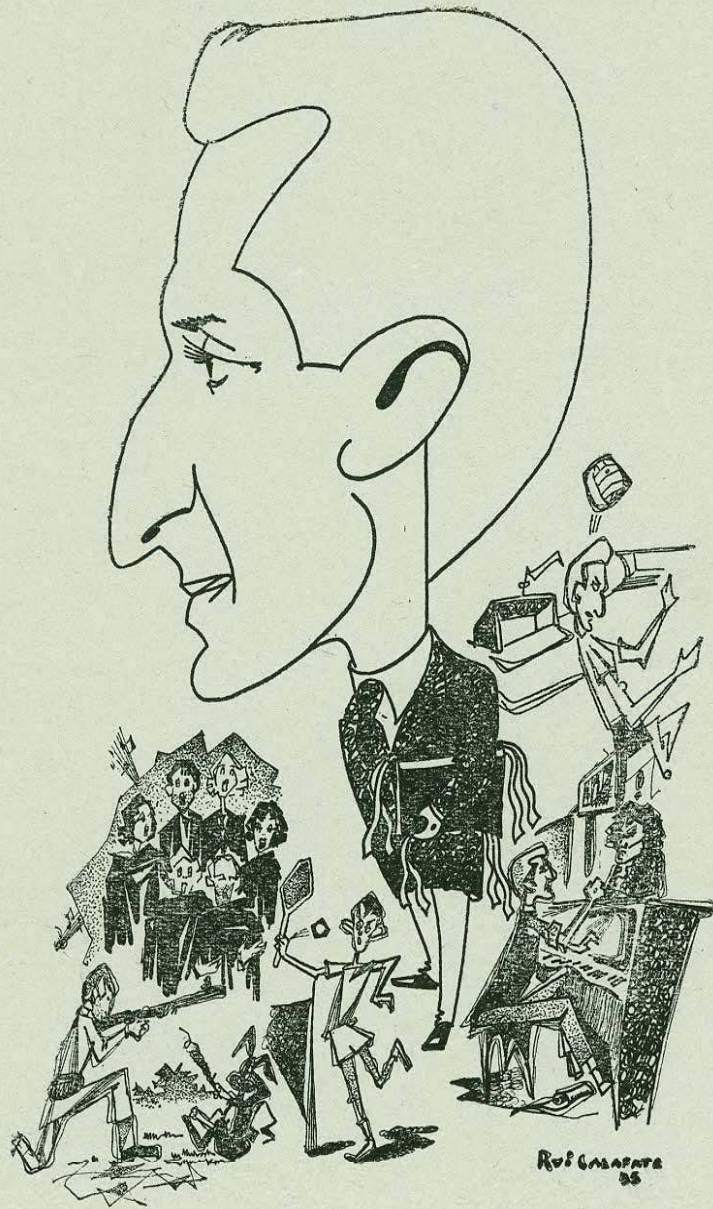
E no piano, este moço
Faz o que quer do teclado,
Seja de marfim ou osso,
Esteja ou não afinado.

De tanto e tanto capaz,
Direis que não faz sentido,
Não ter sido este rapaz
Ferido p'las setas de Cupido

Perdoa-me estes fracos versos
Em que te pus retratado,
Mas a culpada foi a Musa
Por não me ter inspirado.

*Com um grande abraço do
teu amigo e colega*

TONO SILVA LEAL



Licínio José Almeida Cardoso

O quê? Este «pardal»? Eu encontrei-o
Um dia... Ele era assim um tipo muito feio,
Com o ar superior de quem já não se perde,
Nos domínios do tinto ou branco e caldo-verde.
Antigamente — aí quinze anos mais atrás —
O «pardal» bem mostrou de quanto era capaz:
Largou o chapéu negro e o também negro fato,
Por via duma carta, a modos cor-de-rosa;
Pelo muro safu dum célebre internato,
Iniciando assim a vida aventureira.
Ingressou num colégio, aonde o foi topar
O Zé Cruchinho. Então, começou na verdade
Uma grande amizade,
Que nunca há-de acabar.
E, finalmente, entrou na Faculdade um dia!
Isso sim, era estudo! E então a Histologia,
Com Cruchinho, chouriço e tinto, já se vê:
«Tanino + Chouriço é igual a Pé-bê!...»
Entretanto, a autora ideal da rósea carta,
Por quem se apaixonou,
Mandou o pobre moço ao rai' que o parta
Abanou as asinhas... e voou!...
A tropa é que o salvou da atroz desilusão:
Enquanto andou por lá batendo os calcanhares,
Em Braga lhe surgiu, em certa ocasião,
Uma linda mulher, por quem «bebia os ares».
Também esta aventura em breve se acabou:
O azar que o persegue
Fez que a moça o mandasse ao diabo que o carregue...
E logo se pirou!
Mas o «melro» infeliz — o «pardal» em questão —
Tinha passado já um ano no Orfeão.
E era na verdade um tipo mui castiço:
Coa velha capa negra a esvoaçar ao vento,
Quando alta madrugada entrava no «cortiço»
vinha assaz barulhento...
E tudo isto porquê? Sob a capa velhinha
Um volume avultava:
Ou era garrafão, ou era garrafinha
Que o «melro» transportava.
O «melro» era feliz! Mas, ao raiar do dia,
As borgas ancestrais
Davam-lhe cor doentia
Ao rosto, quase negro e cheio de sinais!...
E nas borgas que fez, segundo os maldizentes,
O Miranda e o Crucho eram seus «assistentes»...
O que o «pardal» levava, era uma santa vida!
Mas «certo profexor» jurou-lhe uma partida:
«— Ai aj'aulas pra ele não um dormitório?!...
Nada xabe... não estuda... Ai o grande finório!
Eu estico exe no ejame! Olé, xe estico!...
Anda aí feito melro e de bico amarelo...
Poij'eu hei-de estender o tipo; hei-de espremê-lo
Até ele ficar coa cara cor do bico!...»
Chegando ao seu ouvido o infernal zum-zum,
Para ele pior do que uma bomba — Pum!... —
Meteu as duas mãos e os pés na consciência:
A faisca saltou! E — oh inteligência!... —
Dum dia para o outro as borgas acabaram!!!
Um dia, com surpresa, os mestres repararam
Que esse mesmo «pardal» da cabeleira hirsuta
Escutava as lições e trabalhava à bruta.
Ia à enfermaria a «engraxar» o Quim;
E tendo pelo chumbo um tremendo pavor,
O «ex-melro» consegue até falar «axim»!
Para cair em «graxa» ao «certo profexor»!
E dentro do Orfeão — segundo certa gente —
Encheu-se de valor, de fama... e de dinheiro:
Ele era Tesoureiro...
E agora é Presidente!
Quão diferente é agora a «Licinial figura»!
Hoje, apenas possui, da humana criatura,
O aspecto e a palavra; os múltiplos prazeres
Da vida de estudante,
Perdeu os num instante!
Bem vivo, só mantém o gosto p'las mulheres.

R — oh tremendo espanto! —
O «melro», coitadinho,
Depois de habituado já a beber tanto...
...Enjouou-se do vinho!...
Hoje, é só orfeonista; e — mau grado as funções
De Presidente — ainda está nos «Foliões».
E dizem — que eu não sei se é falso, ou se é verdade —
Que o melro vai casar,
Para ter dois amores até à Eternidade:
A profissão e o lar!

Já lá vai, oh Licínio, a vida bela
Das velhas serenatas e noitadas
Em que dizias frases inflamadas
A's moças que assomavam à janela.

Alguém já, velho Amigo, te deu trela,
Talvez por via dumas guitarradas.
Vais ficar com as «botas arrumadas»
E a «prateleira» fica à guarda dela.

Vais seguir, oh Licínio, a eterna regra:
Abandonas a velha capa negra...
O nosso Orfeão... a tua Faculdade... ..

Vais ser feliz — eu creio — em cada instante.
Mas recordando os tempos de estudante
Dirás aos teus botões: «— Quanta saudade!...»

Com um grande abraço

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

O curso já ia em meio
E ninguém o conhecia,
Quando o Licínio voltou
Da tropa, em certo dia.

Mas ele logo se impôs
A todos, sem restrições.
Enfileirou nos «Cabralles»
E também nos «Foliões».

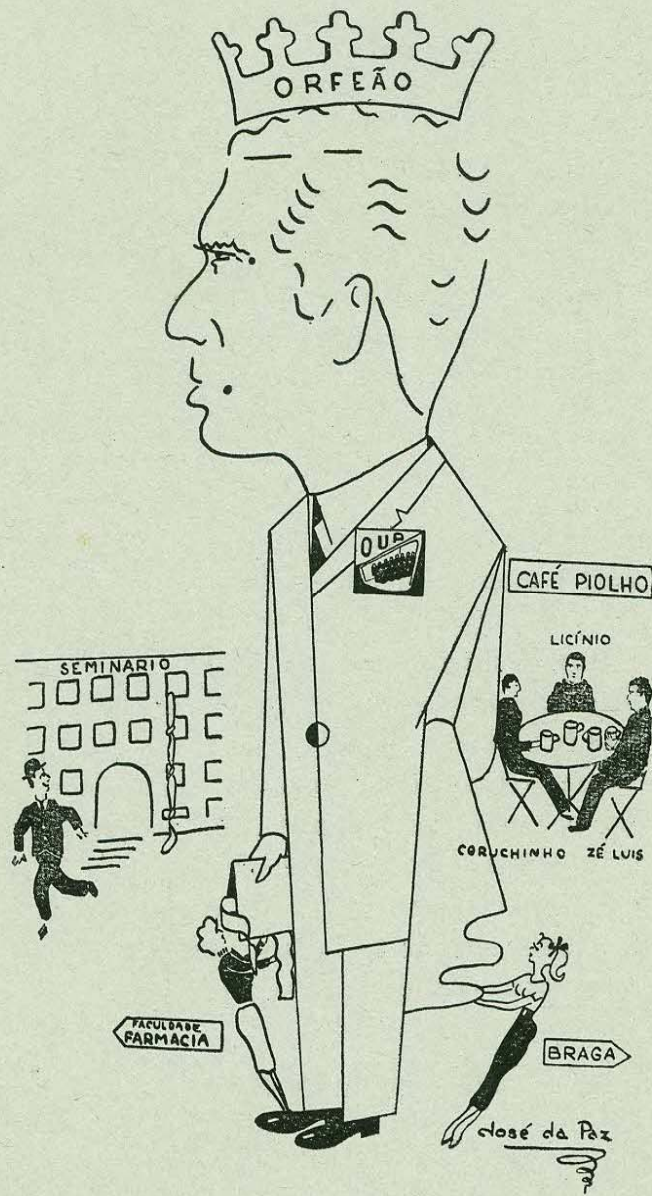
Voltou para o Orfeão
E hoje, onnipotente,
Em todos pensa mandar,
Por ser ele o presidente.

Tem certo jeito prò «corte»
E escreve menos mal
As notícias que os amigos
Mandam depois prò «jornal».

Gosta das bandas de Cete,
Mas, também no Orfeão,
Há uma menina capaz
De prender seu coração.

E é tudo quanto sei,
No presente e no passado,
Pois embora não pareça
O Licínio é reservado.

Maria Eduarda Salema e Costa



Luís António da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite

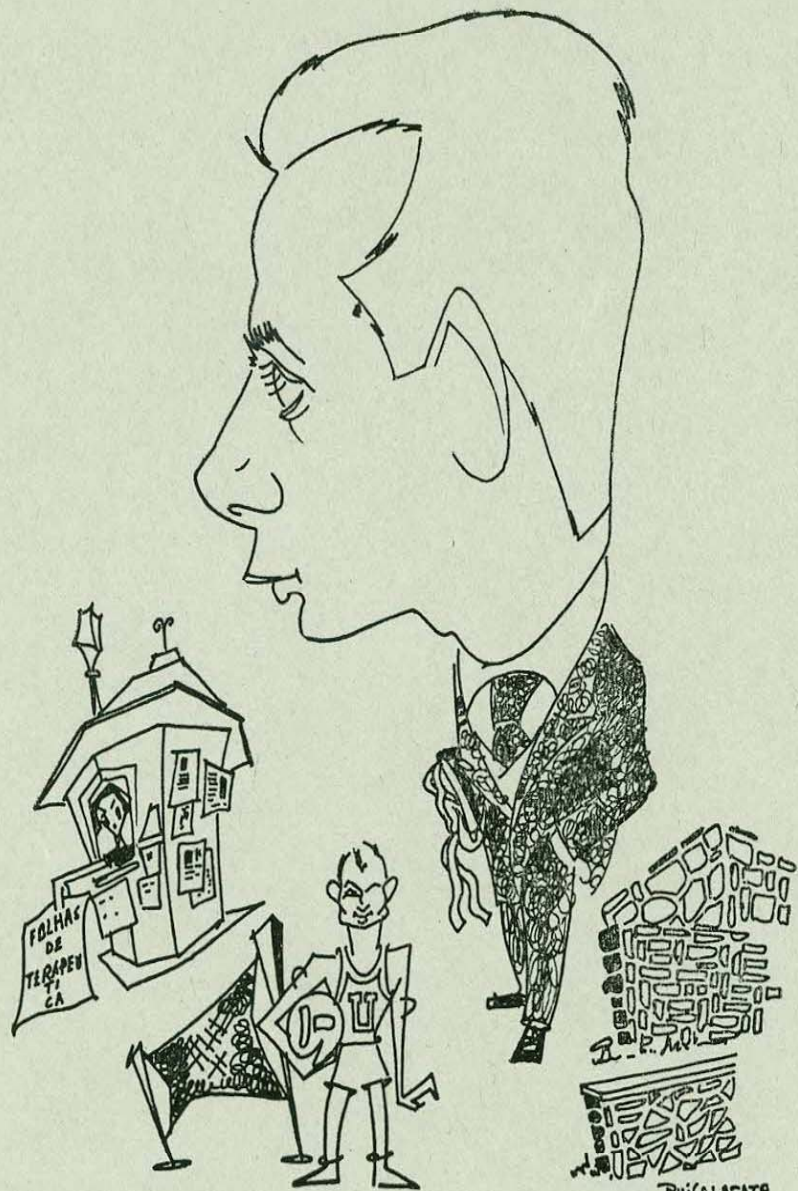
Como se duma fonte que nunca existiu
Pretendesse sugar água em abundância,
Do crâneo tento puxar, com ganância,
Versos de poeta que nunca fui.
Dou murros na testa,
Amasso as orelhas quentes,
Desalinho o cabelo,
Mastigo os dentes!
Como, como cantá-lo?
Sim, gostaria de fazê-lo...
Apontar os seus méritos sem conta,
Mas só tenho garganta de galo
Para anunciar o sol que desponta!

*

Lanças os primeiros dedos de luz
Para o mundo ingrato da Medicina,
E ela te surge como uma cruz
Envolta em densa neblina.
Mas, se emergiste da negrura do estudo,
Irás refulgir em Cristelo,
Vivendo com o doente num sofrimento mudo,
Em que serás herói e santo, sem sabê-lo.
Que atinjas o zénite rapidamente,
Que jamais as nuvens te ceguem o fulgor,
Que sejas sempre astro incandescente
Sem nunca conhecer, do ocaso, a dor!

Com um abraço amigo do

ANTÓNIO MENDES MOREIAR



RUI CALAFATE
56

Luís Barbosa Teixeira da Rocha

Em berço d'ouro,
Veio um dia
A' Luz,
Um lindo
Helénico menino
A quem logo, a Fada Madrinha,
Deu o nome
De «Xico Barão»
E penteou
O pouco cabelinho
A' Marlon Brando.

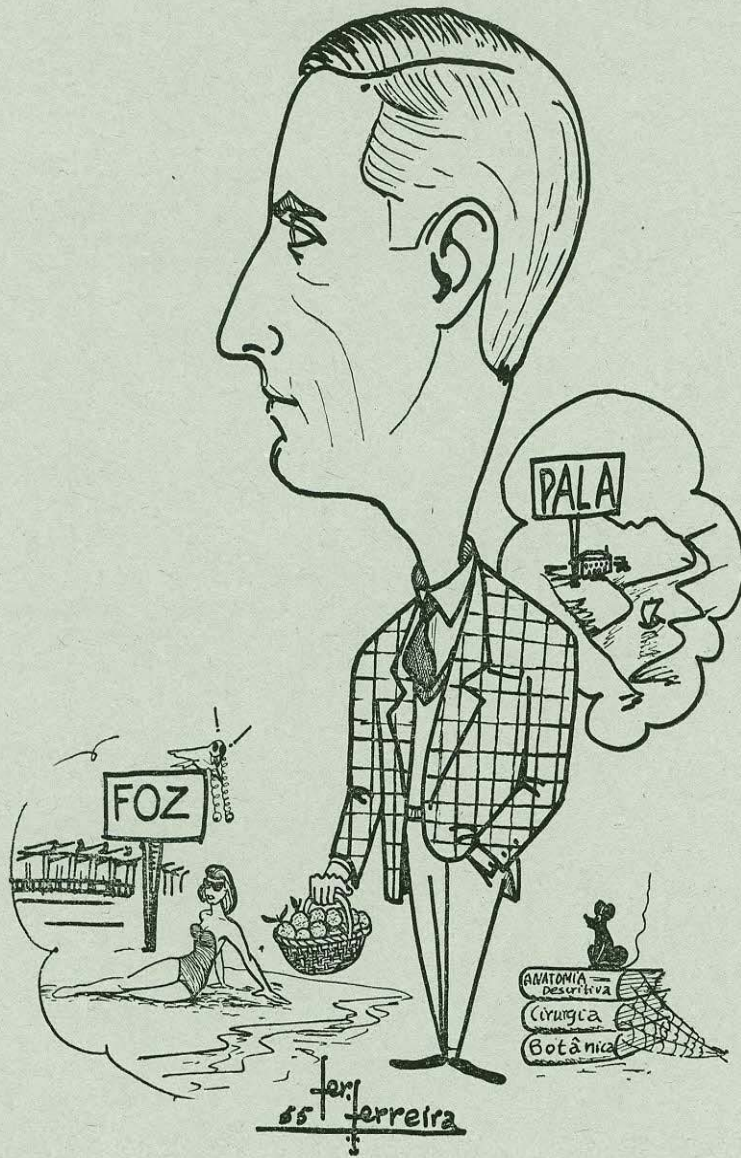
Cresceu, cresceu
e correu
Terras de Portugal,
dos Algarves,
E foi mesmo até às ilhas.
Até que um dia,
Muito novo ainda,
O mandaram
Prà velha Escola Médica do Porto,
Onde, ingénuo e luminoso,
Tremeu, tremeu,
E ficou silencioso.

Contudo,
A vida corria risonha.
E com a matula subiu
A' Estrela,
Aos «Castelinhos»
E até mesmo à Torre Eiffel.
Mas um dia, no «MARE MAGNUM» da ciência,
Surgiu-lhe
Um pretense Adamastor.
E então o Luís,
Da Rocha, sem ser calhau,
Para não ter mais
E tão «Bastos» desgostos,
Com armas e bagagens
Para Coimbra
Se mudou.

Mas entre nós,
No nosso coração,
Deixou
A grata lembrança
Do esplêndido rapaz,
Amigo sem senão,
Que sempre foi.
É por isso
Aqui vão os votos sinceros,
De que seja mui feliz
E tenha muitos meninos,

que para ele fazem todos os
do «SALGUEIRAL» amigo.

J. L. M. C.



FOZ

PALA

ANATOMIA
DESCRITIVA
Cirurgia
Botânica

Dr. Ferreira

Luís Manuel Magalhães Meneses Caldeira de Albuquerque

Parai, que ides pasmar
Com a história
que vou contar:

É a história de um rapaz
Inteligente e sagaz.
Saira ele de TRANCOSO
Aspirando a ser famoso!

O seu nome era Luís,
De apelido, Albuquerque!
Tinha um palmo de nariz,
Era todo salamaleque!

Sete anos foram passados
Num colégio clerical,
Deixando todos pasmados
Com o seu ar natural!

Queria ser licenciado
No reino da Medicina.
E julgava ter acertado
Em cheio, na «Batatolina».

E, como ao seu ar competia,
Já a calva lhe aparecia.

Mas as sebatas ficavam
Lá em casa a descansar!
Os seus olhos só pousavam
Num bom taco de bilhar!

Era esta a sua vida,
As suas noites mais belas.
Todos iam na «bebida»,
Mesmo até nas «3 tabelas».

Até que um dia chegou
em que deu tudo por tudo.
Com ímpeto, ele arrancou
e conseguiu o «Canudo».

Agora, é vê-lo satisfeito
a olhar prò seu trabalho,
Soltando com certo jeito,
o seu grito «Eh! Ramalho!»

E eis, como prometi,
uma história de pasmar,
Dum rapaz, que eu conheci
sempre a jogar bilhar.

Saíra ele de Trancoso
Sem ter nada no «toutiço»;
Volta pra lá bem famoso
Tal qual outro MAGRIÇO.

N. B. — E agora que sais da «Tasca»
Tem cuidado com as mães
Mas, se te vires «à rasca»
Chama o

HUMBERTO DURÃES

Queime bem as suas fitas
Que o dia de hoje lhe trouxe.
Pois o que vai e não torna
Quando o queremos... acabou-se.

É como um sonho vivido
Numa noite que passou,
Botão de rosa colhido
Num jardim que se murchou.

E quando um dia pensarmos
Em tudo o que não fizemos,
Intimamente, choramos
As rosas que não colhemos.

(Já o jardim é dos outros:
Quanto a nós, não mais o vemos...)

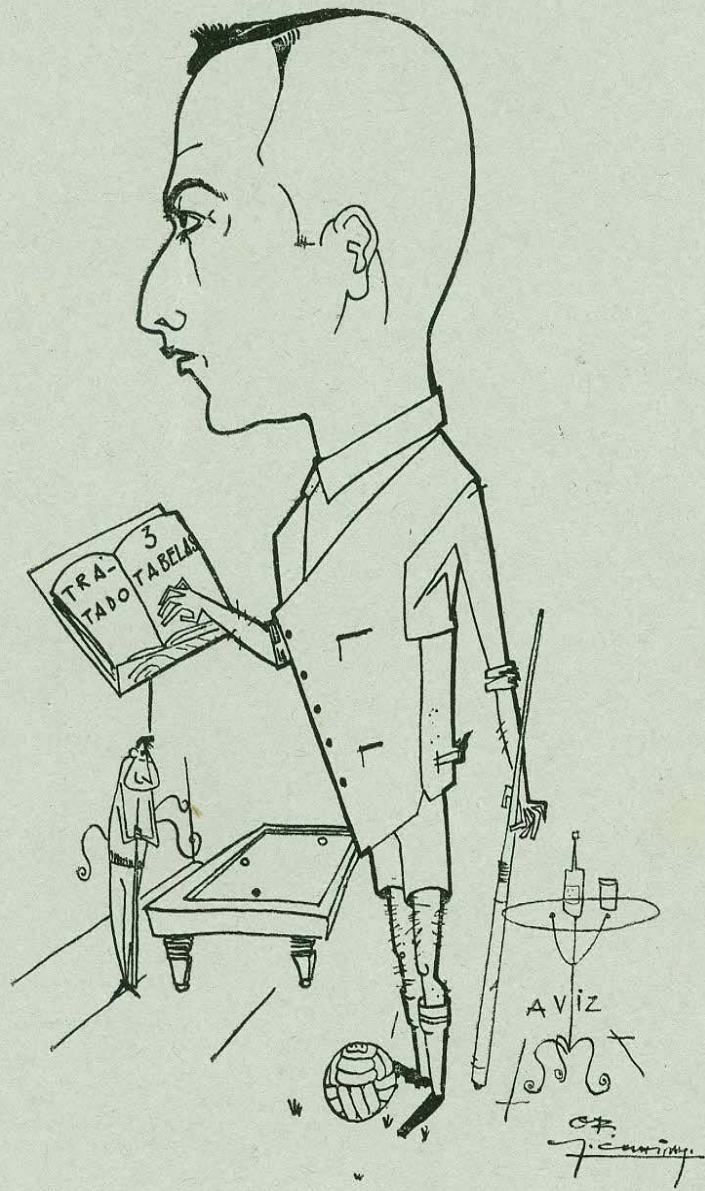
Por isso, no grande dia
Da queima que hoje mereceu,
Faça tudo o que faria
Se o mundo fosse só seu...

E é. A vida que passa
Não vale mais que um tostão;
A mocidade tem graça
Para cima de um milhão...

E, se alguém o desmentir,
E' porque nunca colheu
As rosas do tal jardim.
Que nem sequer conheceu.

Um abraço do amigo

J. FARIA BRAVO



Manuel Guedes Guimarães

Gérmem do génio, ali estava
ansioso, a latejar.
Só mais um pouquinho de húmus
e ele ia desabrochar!

Vieram as Anatomias,
as Físicas e outras tais,
literatura, cinema,
rendosos jogos florais.

Versos de amor e de escândalo,
em sonetos e odes várias.
Versos e versos a rodos,
'té quadras publicitárias.

E veio o amor—linha mestra
A procurar paralela.
E aparece a outra linha
Pra seguir a par com ela.

Sol e sombra nos caminhos
abertos para a lonjura,
fazendo de cada passo
deliciosa aventura!

Estrada da vida avançando
(que há por aí que a resuma?),
Semeadinha de cruces
A quinhentos paus cada uma. (*)

«Cruz dos meus braços abertos
A' espera da cruz dos teus...»
— Se o Manel não é cristão
Perde-se um poeta, meu Deus!

Ogiva, elipse, hipérbole,
caprichosa geometria,
pesadelos insofríveis,
que a custo a gente sofria.

Era um arco e outro arco,
cruzando aqui e além,
tudo traçado aos pontinhos
e aos borrõezinhos também.

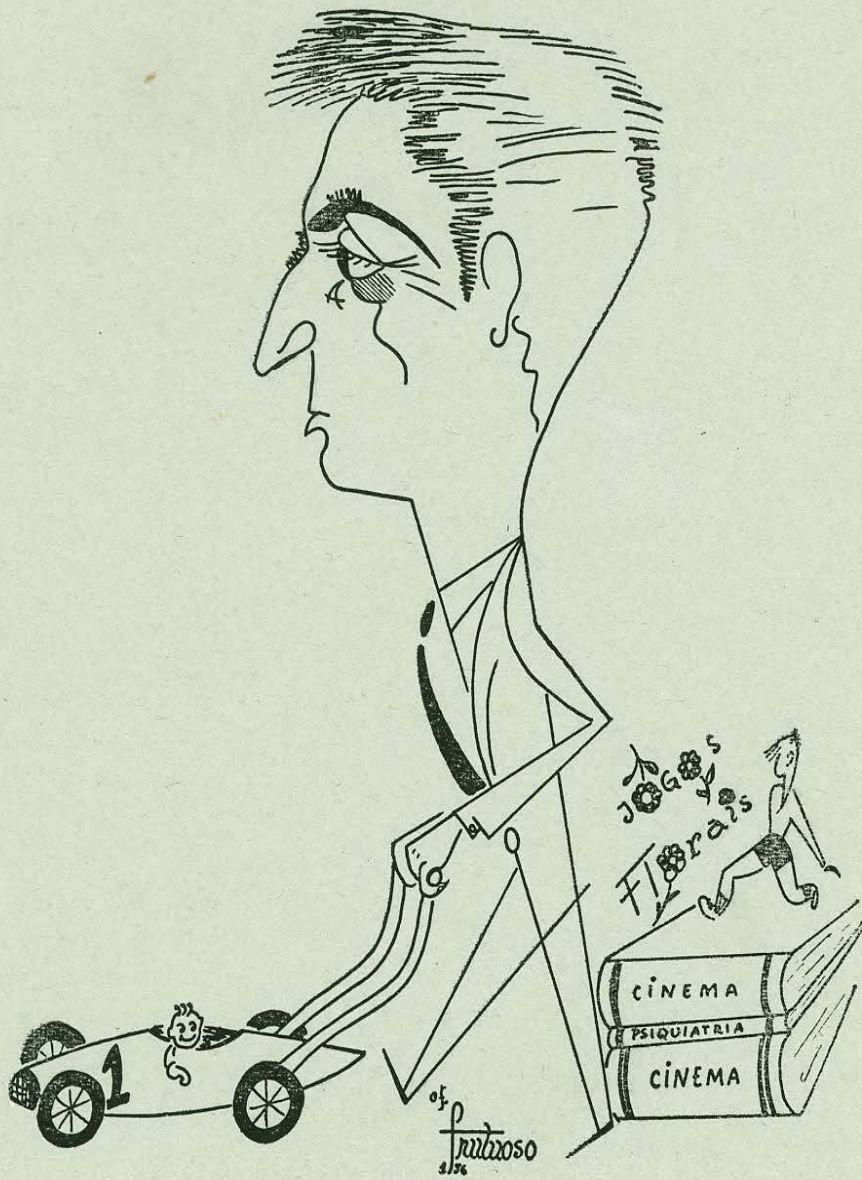
— «Tragam um desenho de casa»,
disse o mestre carrancudo.
E o Manuel reduz a coisa
a um simples ângulo agudo.

— «Um ângulo é geometria»,
defendendo-se, afirmava.
Calado, o Mestre suspira:
No fundo, não concordava.

Com 1 abraço do

SÍLVIO

(*) Vide classificações dos Jogos Florais
952-53 e 53-54.



Manuel Júlio Teixeira Cardoso do Carmo

Não o conheces, leitora?
Queres que eu to apresente?
Tem-lo aí na tua frente.
Pra quê a apresentação?
Mas, vá lá, sempre te digo
Qualquer coisa deste amigo...

Sabe tudo ou faz que sabe?
Não se chega a perceber
Se é tudo sabedoria,
Ou maneiras de dizer.

E quanto a dança
Muito haveria a contar,
Mas é melhor calar-me,
Não vá tudo estragar.

Coas suas grandes ideias
Nunca faz nada no ar.
Para não fazer asneiras
Leva tempo a pensar.

Teórico futebolista,
E' vê-lo, em pleno café,
Garantir a quem assiste
Que não foi mão, mas, sim, pé.

Futebol? Estudo? Cinema?
Mete logo discussão.
Que prazer tem o Manel
De lançar a confusão.

E' volante dos primeiros,
Guiando com muita prudência.
Conhecendo-lhe a ciência,
Fogem dele os candeeiros
Com dias de antecedência.

Joga o ténis a primor,
Com qualquer outro compete,
E é vê-lo, com vigor,
Movimentando a raquette.

O resto não ponho aqui
Porque a pena se detém.
O melhor é estar calado,
Que é livro de dizer bem.

Desculpa os exageros,
Todos ditos sem maldade,
E aceita os votos sinceros
Da maior felicidade.

Com um grande abraço do teu amigo

TONO DA SILVA LEAL



Visto por
Jery
da Ferreira

Manuel Romão Melo Brás de Magalhães

Souvenir de Paris

O moço de que vou falar
E' moço de certo valor.
Demarra! Sabe engrenar!
E é um bom corredor.

Um dia foi, em «terceira»
de passeio até Paris.
Engatou uma enfermeira,
Ora ouvi o que nos diz.

Lá, numa brincadeira,
mostrei de que era capaz!
Ao querer meter «primeira»
Engrenei em «marcha-atrás»!

Bois de Boulogne! Tour Eiffel!
Champs Elysées et Pigalle!
«Attention, Manuel!
Çá ne m'est pas égal»!

«Pas maintenant, Manuel!
Hélas! Prenez garde!
Regardez la tour Eiffel
Que se vai fazendo tarde!

E como era tempo de vir-me,
Regressei a Portugal,
Sempre, sempre a consumir-me
Com saudades, sem igual.

Se recordar é viver
Não esqueças, Magalhães,
O que deu a conhecer
O teu amigo

DURÃES

Magro, sisudo e franzino,
Mas de firme opinião,
Temos presente um latino
Dos que deveras o são...

Não gosta de bifalhada
—Dir-vos-ei muito em segredo—
Nem sequer de carne assada!
De engordar tem muito medo...

Perderá toda a elegância
E o seu ar doutoral...
Se comer com abundância!
Não acham que lhe faz mal?

Se o quiserem convidar
Para breves refeições,
Devem sempre eliminar
Presuntos e salpicões.

Para manter essa linha
Tem normas especiais:
Fia, fia... qual velhinha
Linho puro pra bragais...

Donde viria a «roquinha»
Que o fez tão bom fiador?
E' pergunta comezinha,
Nos colegas do Doutor.

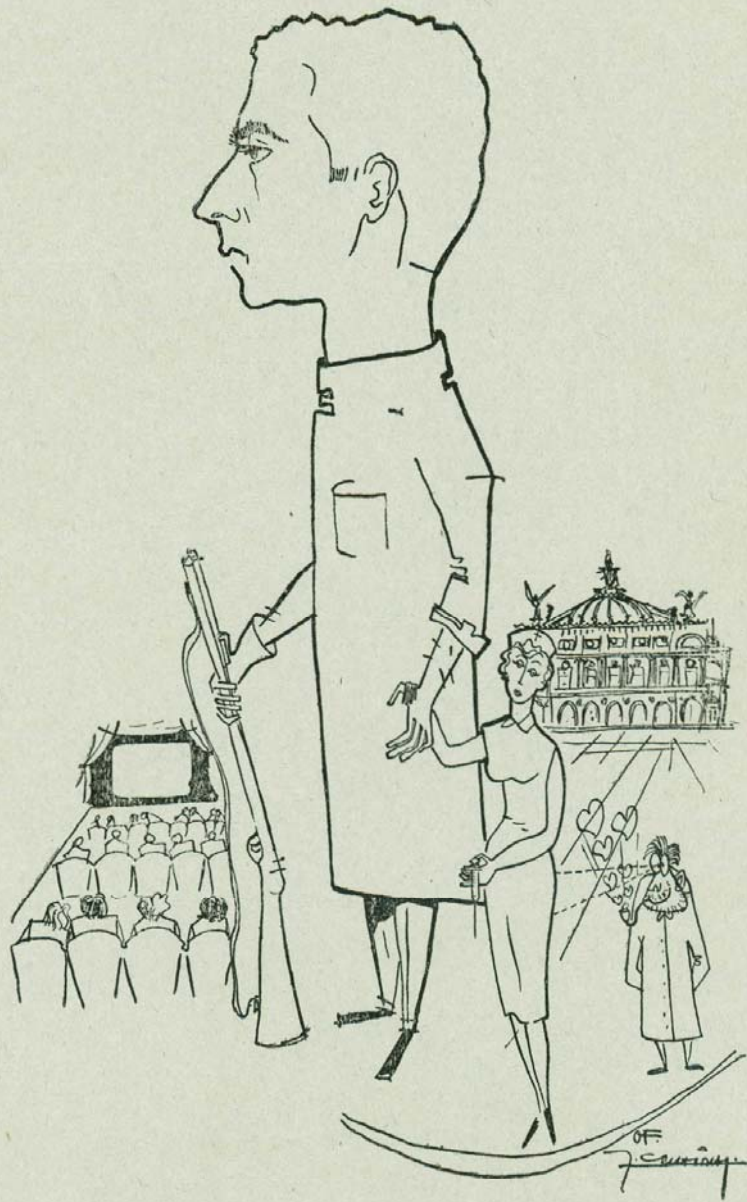
Que dizem ser acertado
Ele mudar de tenção;
Pois um homem isolado
Não é mais que abstracção.

CREMILDE

Chegaste enfim, ao termo do teu curso;
Acabou para ti a Faculdade.
Vais partir, deixando entre os que ficam,
O teu lugar cheio de saudade.

Mas que o êxito te acompanhe sempre,
Nas conjunturas que esta vida tem.
E que mais tarde, se de ti falarem,
Os que o fizerem, possam dizer bem.

Do amigo A. A.



Manuel Rodrigues da Silva Ribas

Este doutor melancólico,
Tem ares de monge bernardo,
Num lugar ermo e bucólico,
Ruminando em seu passado.

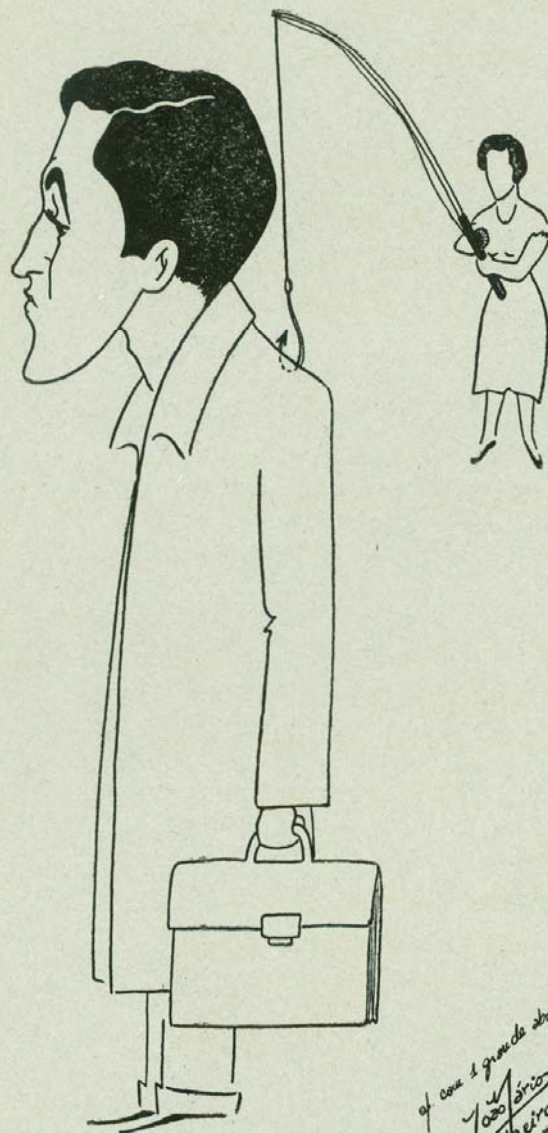
Seu aspecto faz lembrar
Mistérios orientais:
Faquires, dervixes, serpentes,
A Esfinge, os areais . . .

Sua cor é de cigano?
De marroquino? De hindu?
Enigma que me tortura!
Se és sábio, decifra-o tu.

As suas mãos quilométricas,
Seus dedos descomunais,
Fazem pensar no Alma-Grande,
Em assassinios brutais.

Sossegai, porém, amigos ;
Sob este aspecto esquipático,
Este nosso doutor Ribas
E' um moço mui simpático.

Coração diamantino,
Alma sensível e boa,
E' uma jóia de rapaz,
Uma excelente pessoa.



of com a grande abraço
João Luís
Cabeiros Lobo

Manuel de Sousa Guimarães

Este valente doutor,
Que em tudo o mais é atilado,
Com seus dois fracos de Amor
E' um bi-apaixonado.

Um dos fracos é a Menina
Por quem vive a suspirar,
Outro fraco é a Medicina...
Pra o que lhe havia de dar!

Com ambas elas empata,
Pois para isto lhe deu:
Por uma, todo se mata
E para a outra nasceu.

Uma, mói-lhe o coração
E a outra lhe mói a tola,
Mas em tal consumição,
Todo ele se consola.

Em troca desse tormento,
Tem duas luas de mel,
Pois, tendo na tola tento,
Casa com ambas Manel!

Carlos Alberto Alves de Sousa

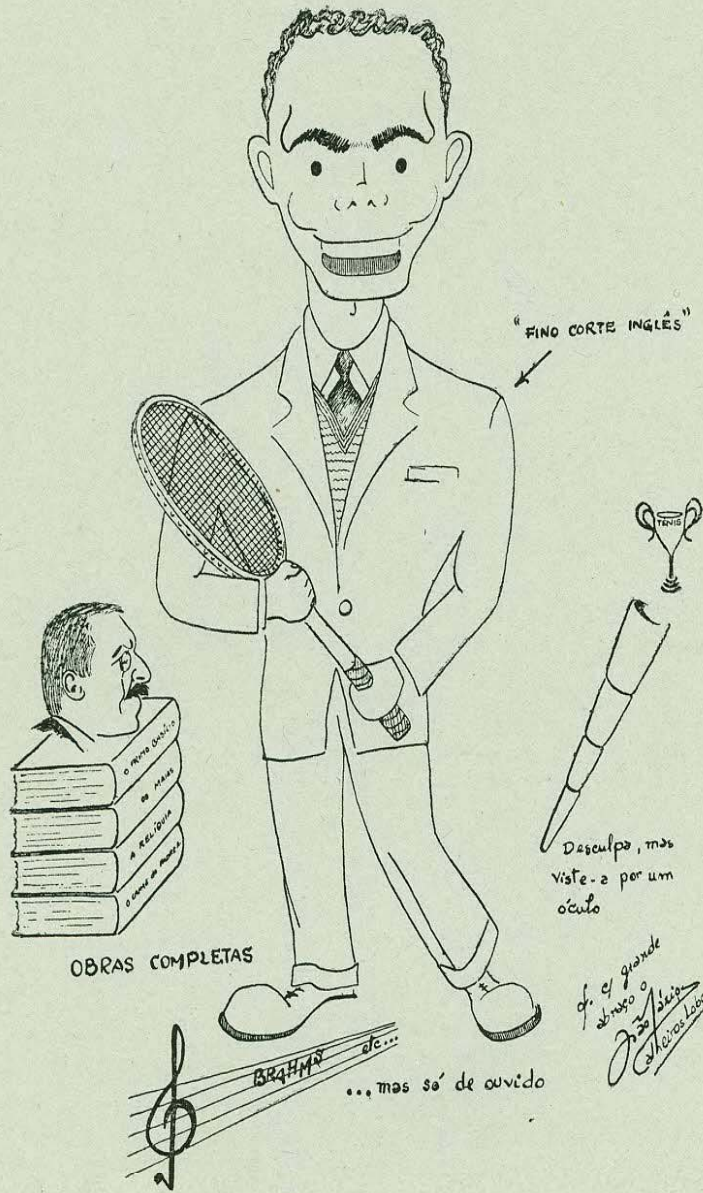
3/12/955.

A este doutor por pirraça,
Livros dai-lhe, mas não Eça
(Que sempre que vê derriça),
Se quereis levar uma coça
De vos quebrar a dentuça.
E pra que tenha mais graça
Do que um livro do Eça,
Metei Beethoven na liça
De Debussy fazei troça;
Tereis tal escaramuça
Que nada há que desfaça,
Nem que lhe faleis no Eça.
Mas deve haver justiça,
Não quero fazer mais mozza,
Coisa que mais o aguça
E melhor o satisfaça,
Prò ténis mais que prò Eça,
Nunca lhe chega a preguiça.

E não quero terminar
A minha veia latente,
Sem que venha a rematar
O meu *contraproducente*.

CÉSAR REIS

3/3/55



"FINO CORTE INGLÉS"

Obras completas
de Beethoven
de Schubert
de Mendelssohn
de Schumann

OBRAS COMPLETAS

Desculpa, mas
viste-a por um
óculo

BRAHMS etc...
...mas só de ouvido

Dr. e grande
aluno o
Dr. João de
Castro Alves

Maria Adelaide Botelho Teixeira

Al verla tan jovencita
y con cara tan risueña
nadie podía pensar
lo que su interior encierra.
Es casi un cirujano
que maneja con maestría
los útiles de operar
teniendo gran valentía.
No tiene miedo al quirófano
ni tampoco a la anestesia,
lo demostró hace días,
por eso tengo experiencia.
Ella fué tranquilamente
como quien va a pasear,
y estaba al día siguiente
acabada de operar.
Nada le pudo dar miedo,
era todo familiar
las pinzas, el algodón,
bisturi y lo demás.
Como quien no hizo nada
del quirófano salió,
donde tienen el apéndice?
enseguida preguntó.
Aquí, en un frasco
lo guardamos entre alcohol
para que puedas estudiarlo
y sabertelo mejor.
Ensénalo como un trofeo
que genera en el deporte,
tranquila y sonriente
y contenta de ese corte.
Yo creo, por su valor,
si la llegao a dejar
que ela sola, caso único,
se hubiera podido operar.
Solo dos días de cama
y al tercero levantada,
al cuarto está en la rua,
y aquí no ha pasado nada.
Quien nos diga que es difícil,
que cuesta una operación,
contaremos este ejemplo
que Marfa Adelaide dió.
Estudia con mucho afán
y está para terminar,
mas yo creo que podría
ahora mismo operar.

Con un poco de miedo
hago versos para tí,
porque veo en tus manos
un precioso bisturí.
Y si los versos son malos
temo yo que has de usar
esa arma que los médicos
teneis para cortar.
Porque hacer unos versos
a un doctor ya graduado
es un grán atrevimiento
en el que no habia pensado.

Se terminaron mis versos,
guardate el bisturí,
los hice un poco en broma
tan solo pensando en tí.

A Lai...
menima de mimo
carinha de rosa,
corpinho tão fino
saltita nervosa!

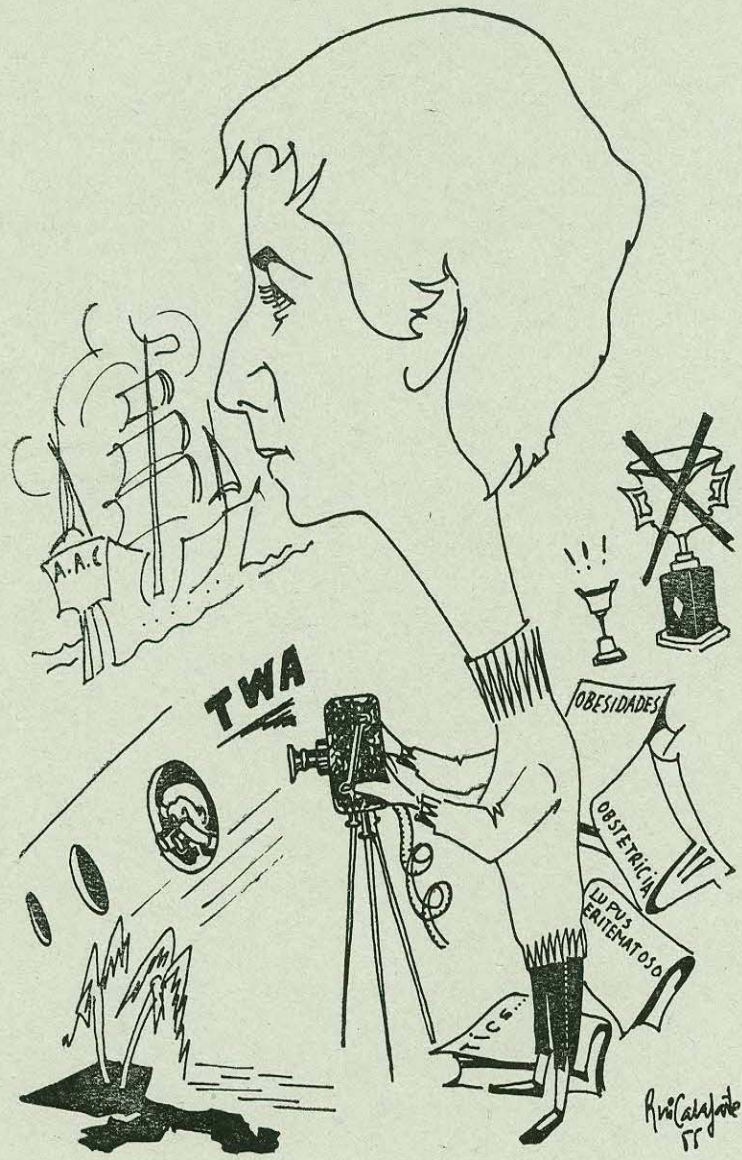
A sua presença
parece-me ausente,
não sei no que sonha
adivinho o que sente!

Passarinho assustado
com pouco estremece,
voando para longe,
de todos se esquece!

Que a vida te dê
o sonho que sonhas,
que a vida dê vida
a esse sonhar!

Um abraço da

CELESTE



Maria Albina do Carmo Pereira Mendes

Prece

A nossa gratidão, não paga a Vida
Que Deus nos concedeu, por te criar,
Foi romance de amor, sempre a sonhar...
Canseira de ansiedade não perdida!

A Graça do estudo, apeteçida,
Num esforço, conjunto, singular,
Foi Deus ainda, sorrindo, a abençoar
Que a levasses, excelsa, de vencida!

E neste patamar da existência,
Cumprindo em nossas almas um dever
De Pais, ao Céu rogamos a clemência

Para teus passos, na aurora do saber!
E algo pagues... curando pela Ciência,
Na fecunda Alegria de Viver!

Teus Pais

Vejam! Pasmem!
Ontem... Menina,
Hoje... Senhora,
Amanhã... Doutora
A Maria Albina...

Bonita...
Catita...
Vaidosa...
Mimosa...
Tal qual uma rosa
Abrindo em botão!...
Amorosa...

Ei-la! Clérigos subindo,
Com promessas no olhar...
De capa negra, sorrindo
Ante o futuro a brilhar!...

Fitas amarelas
Esvoaçando,
Ilusões singelas,
Alma cantando!...

Maria Albina: eu queria
Dizer-te em versos bem quentes
O que a minha Alma sentia
De amizade sem igual...
Que subas até ao alto,
Encontres teu ideal,
E que para os teus doentes
Sejas a mãe, a amiga,
A Médica carinhosa...

Que sempre Deus te bendiga
Em senda tão espinhosa!...

*Com desejos de Felicidades da
«Velha» amiga*

M. HELENA

Leitor: se vires um dia uma senhora
Muito bonita e um tanto sonhadora,
A conversar co'um tipo magrizela,
Aí p'lo meio da tarde, na Primar,
Se tem negro o cabelo e negro o olhar,
Não duvides: é ela!

Se a viste acaso já no Coliseu
Cantar naquele Orfeão, que é muito seu,
Co'uma voz de soprano, muito bela;
Se à porta dum exame ouvires chorar,
'spreitares e vires alguém a vomitar,
Não duvides: é ela!

Se um dia precisares dum confidente
—Por dores do coração ou dor num dente—
E encontrares alguém que te dê trela,
Se vires uma senhora bem bonita
A chorar ao ouvir tua desdita,
Não duvides: é ela!

Quando a vires aos domingos, todo o ano,
Ir de pó-pó co'os pais e mais o mano
Dar um passeio pelo qual se pela;
Se uma senhora faz muita algazarra
E mais barulho do que uma cigarra,
Não duvides: é ela!

Se vires uma senhora mui mexida,
Toda vivacidade, graça e vida,
A dar à taramela todo o dia;

Se com mil gestos e a falar depressa
Te reventar o tímpano e a cabeça,
É ela: é a Maria!

Se a vires sentada à tarde, na Primar,
Muito compenetrada, a estudar
Co'uma expressão atenta e assaz ladina;
Se depois de estudar um bocadinho
Não aprendeu «nenhum» e faz beicinho,
É a Maria Albina!

Se és seu colega e queres explicações
Sobre qualquer assunto das lições,
Ela te explica... e ao fim, tu nada entendes,
— Pois falou com tamanha velocidade
Que tu perdeste o pé e o à-vontade —
É a Albina Mendes!

Se vires um dia um anjo de bondade,
Muito estimada na Universidade;
Quando notares também que se arrepele
Coa preocupação do enxoval
E do «Problema Cochofemorai»,
Não duvides: é ela!

Maria Albina: prestes a deixar
Essas fitas doiradas que hoje ostenta,
Tenho a certeza que Você lamenta
A vida descuidada abandonar.

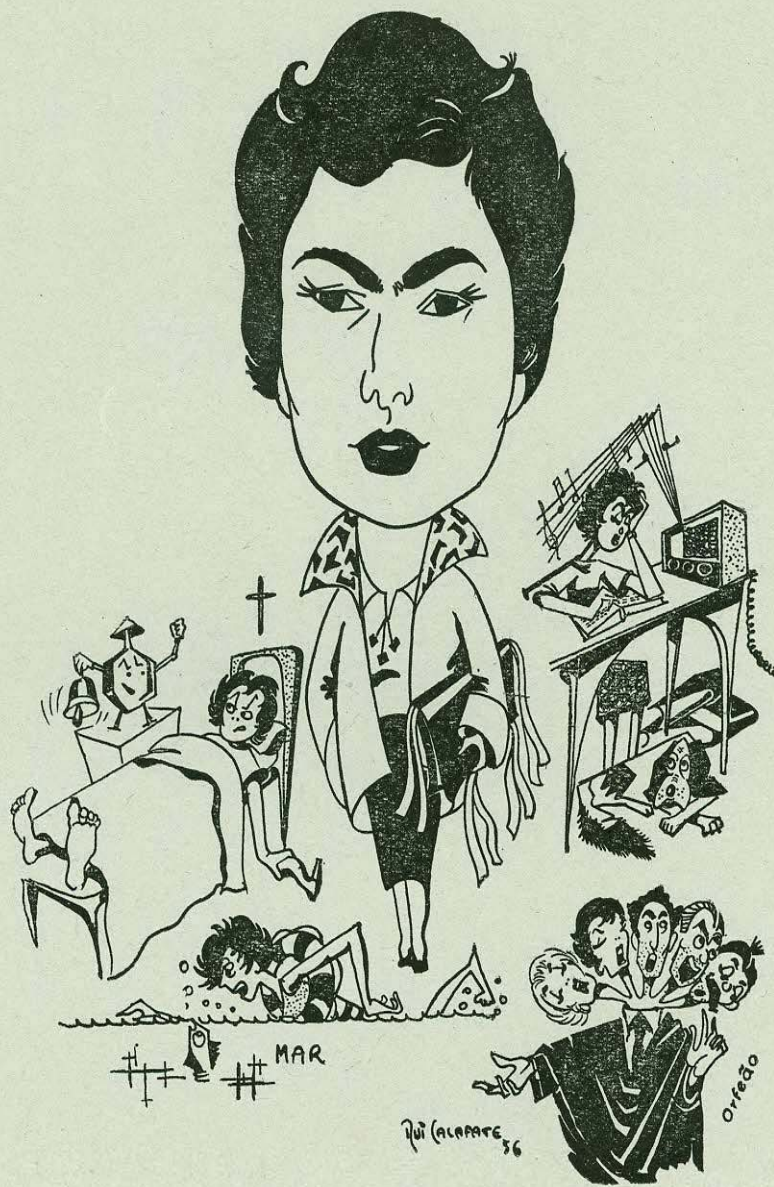
Acaba-se o martírio de «empinar»
E a ditadura austera da «sebenta»
Mas começa a ascensão, mais dura e lenta,
Dos que ao sol inda buscam um lugar.

Mas tenha fé! Alguém há-de ajudá-la
A calcurriar a estrada e ampará-la
Nas horas de incerteza da subida.

Olvidará os tempos de estudante,
Pois junto a si terá, em cada instante,
Um belo esposo, os filhos... e a Vida!

*Com os votos de que realize todos os
seus sonhos — que não podem deixar de
ser belos porque nasceram na sua bela
alma — do colega e amigo*

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA



Maria Antónia Reis Camões

Pediste-me para que uns versos te fizesse
Embora sabendo que de rimas nada sabia.
Pois, em verso, por muito que dissesse,
Nem metade do que penso te diria.

E para as tuas qualidades descrever
Necessitava deste livro inteiro,
E muito ainda ficaria por dizer
Quando acabasse a tinta do tinteiro.

Mas pouco consigo adiantar
Que desejar-te inúmeras felicidades
No novo ofício que vais desempenhar,

E quando te lembrares do teu irmão,
Hás-de rir-te, por certo, e com razão,
Deste soneto que aqui vim publicar.

Apressada,
diligente,
a correr prò hospital,
aflita,
horrorizada,
c'os exames e seu mal.

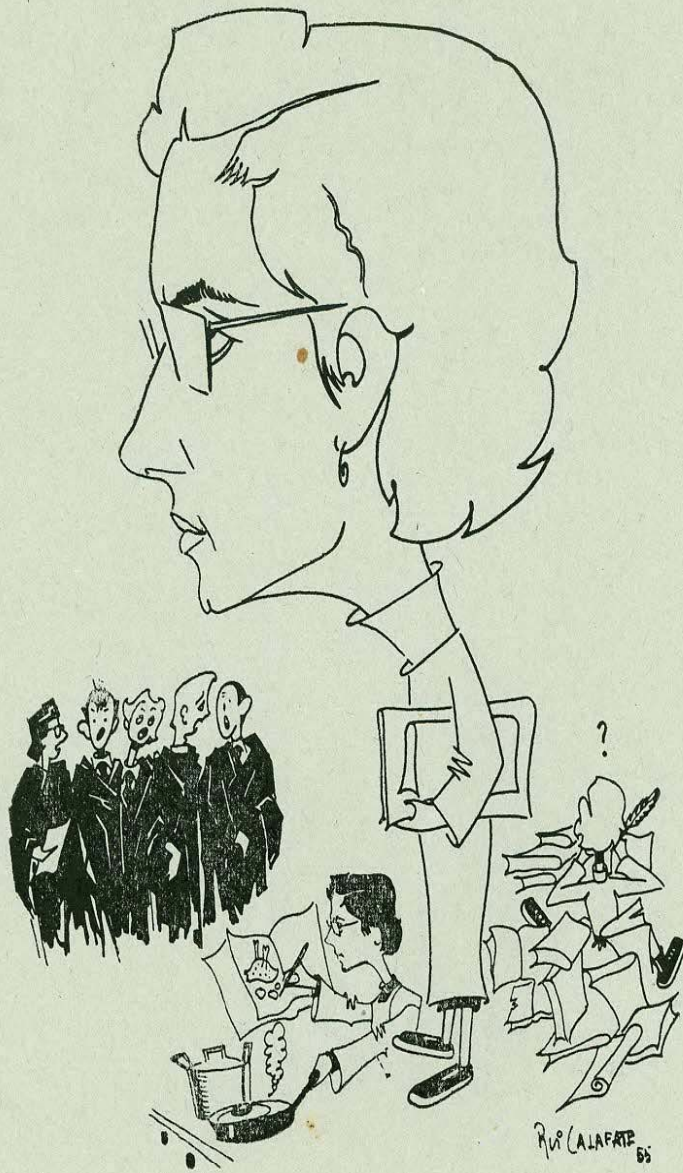
Bondosa,
caritativa,
também é da Conferência.
Alegre,
preocupada
e com pouca paciência

Culinária,
Orfeão,
as suas ocupações
passageiras,
agradáveis,
mesmo assim, preocupações.

J. CAMÕES

Com votos de felicidades de

MARIA EDUARDA



Maria da Assunção da Mota Oliveira

Rapazes que sofreis do coração,
Sabei que esta Doutora genial,
— Que se chama Maria d'Assunção —
Só vos receita lições de moral.
Vós que a conheceis na anatomia
E sabeis que Ela chega, vê e vence,
Ide ouvi-la na nona sinfonia,
No Orfeão do Porto a que pertence.
Que direi mais desta gentil Doutora?
Não é de cá. Nasceu em Amarante.
Defeitos não tem! Só a agravante
De, ao andar, pôr os pés pra fora.

Com um xi da amiga

VIRGINIA PEREIRA LEITE

Fazer-te uns versos é obra
Que quer engenho de sobra,
E' uma temeridade...
Não sei por onde pegar
Nem o que hei-de censurar
A tamanha santidade...

Busco e torno a rebuscar
E não consigo encontrar
A pontinha de um defeito...
Será que os não tens, de facto,
Ou isso apenas é tacto
E os ocultas com jeito?

Com a cabeça a doer,
Por não saber que dizer,
Por não me lembrar de nada,
Estou em crer como a Assunção
Que tamanha confusão
«É uma grande marmelada!»

Acho que vou desistir
Mas pra não me despedir
Dum modo pouco feliz,
Fica-te a prece sentida
Que sejas alguém na vida
Da colega

BEATRIZ

Vou tentar leitor amigo
Fazer a apresentação
Desta Doutora e menina
Que é Maria d'Assunção.
Formada em medicina,
Tem de idade, vejam bem:
Vinte e três anos sòmente
E, oh justa aspiração,
Deve estar impaciente
Pelo cano de latão.
Consultai-a e podeis crer,
Tem em toda a formatura
Alta classificação;
Saber, que a vida assegura
Bendita compensação.

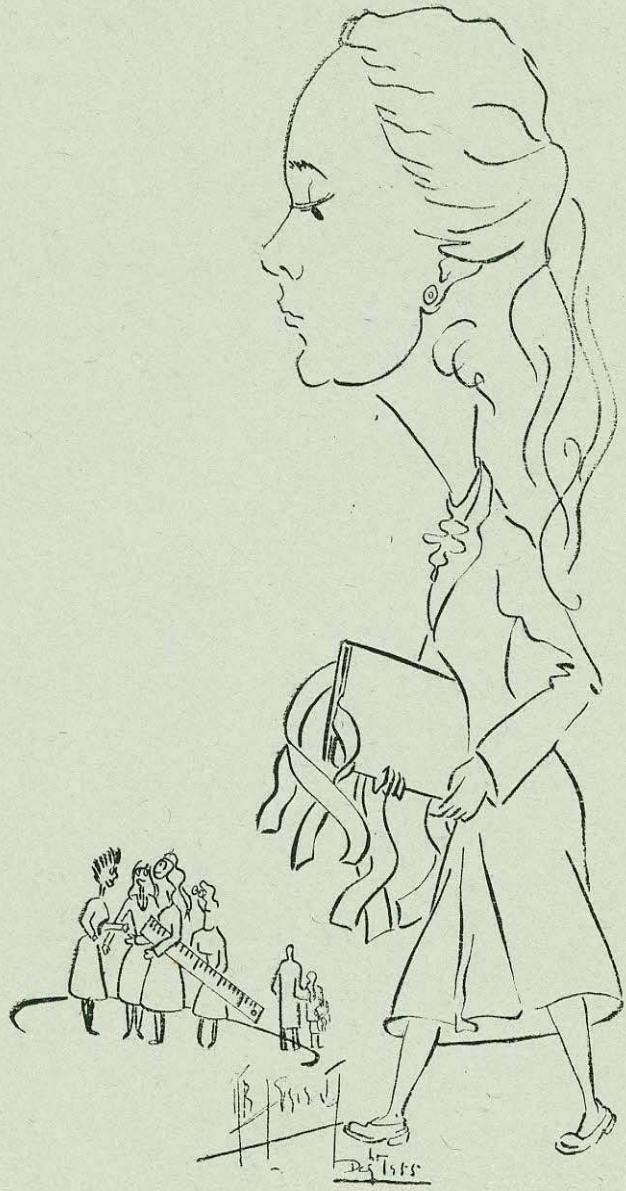
*Com sinceros votos dum
futuro risonho e feliz*

ALBINO

As mesmas horas,
As mesmas turmas,
A mesma vida na Faculdade.
O mesmo livro,
O mesmo fim,
Tudo fundido, numa saudade.

Com a amizade da colega

MARIA EDUARDA



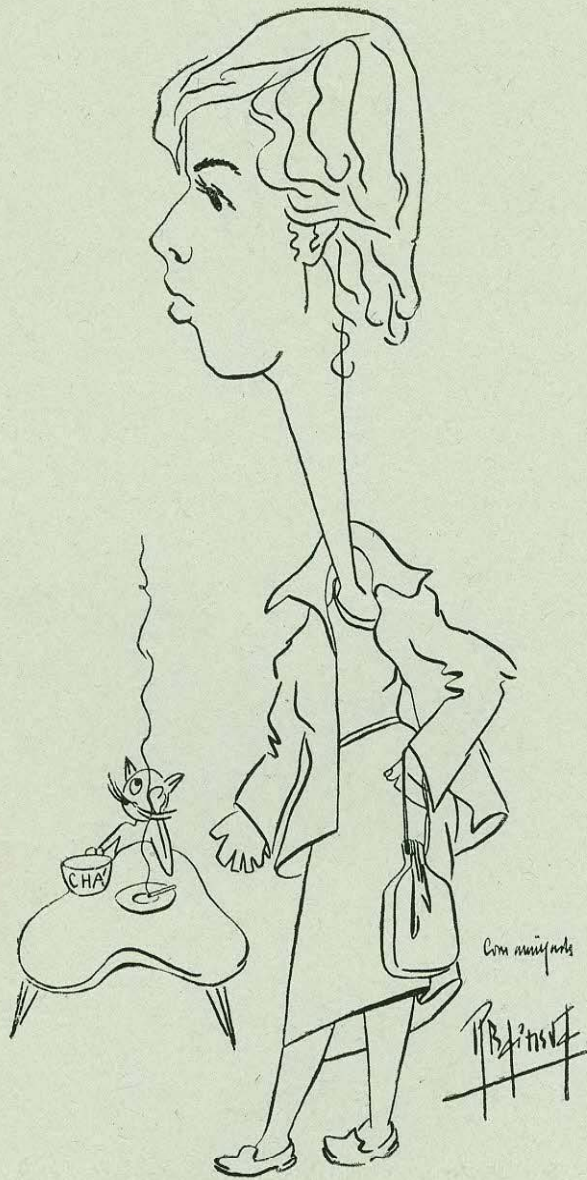
Maria Beatriz Ferraz d'Athayde Malafaya

As pernas um pouco grossas
a cintura bem delgada,
os cabelos desgrenhados,
uma face agarotada.

Leal e boa colega,
fala muito, bem e mal,
falta às aulas quando calha,
mas, se vai, é pontual.

Da colega amiga

MARIA EDUARDA



Maria Beatriz Branquinho Valverde

Na Maria Beatriz
Só seu nome não condiz
Com o seu tom moreninho.
Aqui vai a explicação
Duma tal afirmação:
— Ela chama-se Branquinho.

Mas não é aqui, afinal,
Que reside o maior mal...
— O pior é que o verde
Na morena não vai bem,
E, reparem, que também
Ela se chama Valverde.

Tem em casa entretenimento
Pra passar qualquer momento,
Mas não é ao telefone...
Gasta o tempo a costurar
Ou então a cozinhar
Ou a brincar coa Cione (1)

Muitas vezes os bombeiros
Têm vindo, muito ligeiros,
Aos cinemas estancar
Inundações colossais,
Quando os filmes são dos tais
Que a põem logo a chorar.

Quando o seu Zé é mais ela
Na rua, "dando à tramela"
Não trazem um ar de estudo,
Parece a coisa estar má
Mas creiam que não está,
Mau grado o ar carrancudo.

Não não julgar que este par
Anda sempre a batalhar
Ou que não se entende bem.
Com aspecto de zangados
Vão eles muito calados
E amigos como ninguém.

Na maneira de vestir
Nada a pode seduzir
Como as saias de balão,
E para a roda aumentar
E' seu costume envergar
Sainhas até mais não.

Pra todos não é surpresa
Vê-la, com tanta leveza,
Bailar em qualquer salão.
Já está tudo habituado
A ver o belo ondulado
Da sua saia em balão.

(1) À guisa de informação
Vamos nós elucidar,
Que Cione não é cão
Mas é bicho de ladrar.

HERMÍNEA e FIGUEIREDO

Nasceu menina trigueira,
Trouxe grande cabeleira,
Que usa com galhardia
Desprezando a nova moda.
Muita cabeça anda à roda
Por causa desta judia...!

Chique, engraçada, gentil,
Emprega cuidados mil
Em si, com arte e com jeito.
"Crava" o Pai e crava a "Mãe"
— Por enquanto mais ninguém —
Pra andar vestida a precelto.

Dona de casa a primor,
A Doutora faz furor
Na cozinha e no salão.
Faz doces, borda e costura,
Dança com arte e frescura,
E "promete" na profissão.

Chegam os actos. E' "canja!"
Os nervos ficam-lhe em "franja"
Ninguém a pode aturar.
Afinal é tudo "fita".
Faz figura bem bonita,
E acaba por passar.

Em tempos que já lá vão,
Colocou seu coração
Em ponto alto e distinto.
Mas pensou não pensa à toa —:
E' melhor uma pessoa,
Que sinta como eu sinto.

Amou. "Porque será
Que amou?", "Ninguém d'irá?"
É o moço pensa pra si:
"Ela vai na minha frente,
E é perigoso, porque a gente
Não sabe o que vem aí".

Em suma, a nova doutora
Tem talento, é sabedora
E é gentil, sem confronto.
Os doentes que lhe caibam
Serão curados, mas saibam
Que hão de pagar... sem desconto.

LYDIA

Irra... tanto bater o pé,
Não sei como me hei-de safar
Pra satisfazer a bebé,
Por força aqui tenho de entrar.

Para falar com franqueza,
Muito tinha que versar...
Mas... esta minha pobreza
Vai-me obrigar a parar.

Todos sabem como é
A altivez desta senhora,
E por vezes, chega até
A ser pouco faladora.

Qualidades não lhe faltam
Para ser grande doutora...
E segundo nos relatam,
Nela há fibra de escritora.

Música... só coisa fina,
E' o que ela gosta de ouvir
E quanto a ser bailarina...
A paixão até faz rir.

Saltitante e bem disposta
E' coisa de pouca dura,
Pois vem logo em resposta
O tom de má catadura.

É levada da maleita
Quando está muito animada,
Mas se d'alguma suspeita...
Vêmo-la logo amuada.

Não corresponde à verdade
Isto é apenas ilusão
Digo com sinceridade:
Ela tem bom coração.

J. A. P. (o desconhecido)

Pela montanha alcantilada,
Nós todas em alegre companhia,
Com a alma cheia de esperança,
Começamos a subir um dia.

Chegámos ao fim da caminhada.
Vamos descer, agora, de mansinho.
O caminho é longo e fatigante
E as pedras aparecem no caminho.

MARIA EDUARDA



PEDIATRIA
MATRIMONIO

Com votos de felicidades
do colega VICENTE/56

Maria das Dores do Rosário de Meneses Giraldes

Quien te viera dedicada
con tanto afán a la ciencia
no sabría descifrar
todo lo que en tí se encierra.
No solo es medicina
lo que atrae tú atención,
sino que hay otras cosas
en las que pones pasión.
Por eso puedes hablar
como quien bien se lo sabe,
del románico o gótico
porque tú gustas del arte.
Será tal vez porque Roma
es de artistas la ciudad
por lo que estás estudiando
italiano con afán?
Más no eres un misterio.
En medicina se ha dado
ser artista o escritor
al par que buen cirujano.
Que guardará para tí
en sus secretos la vida?
Puede ser que el premio Nobel
en arte o en medicina.

S.ta ENCARNACION

Uma requisição de análise?
Por que não, amiga Dolores?
Mas não contes com favores
Que a Farmacopeia é exigente
É nem mente
Por amizade!...
Não contes com favores
Amiga Dores.

Caracteres organoléticos

Sempre impecável,
Certo ar solene, pouco amável,
Trocista,
Sorridente,
Simpática, o suficiente
Para se tornar suportável!...

Caracterização

Só com reagente sensível
Se pode identificar.
Incompatível
Com o despertador,
Por precipitar,
E continuar a dormir.
Com reagente do centro
(Terra da neve e lagos, sol a sorrir)
Ligeira cor.
Que com boa vontade
Pode ser... amor!...

Pesquisas

Italiano no estado discoidal,
Ponto isoeléctrico sofrível
Pois no Instituto sem nível...
Telha, vestígios em estado coloidal,
Pois só a grande custo,
Consegue uma paciência angelical.

Doseamento

Um diploma de Doutora,
Uma alma boa
Que importa o que o mundo diz?
Que o Lar encha sua vida
E, cem por cento,
Sé feliz!...

Com um abraço da

FLORINDA

A Midô bem conhecemos
Desde os dias do Liceu,
Ao grupinho pertencia
Mais: Lena, Fernanda e eu.

Bons tempos das laranjadas
E sorvetes, — era de regra!
Das flechas, e das frechadas
Da tribu do Aguiá Negra!

A base do copianço
Tinha algo que fazer.
Nós outras no bom ripanço
Era a ela de aprender!

Já não param no portal
Já não fazem sociedades.
Já não se põem de mal,
Partiram pràs Faculdades.

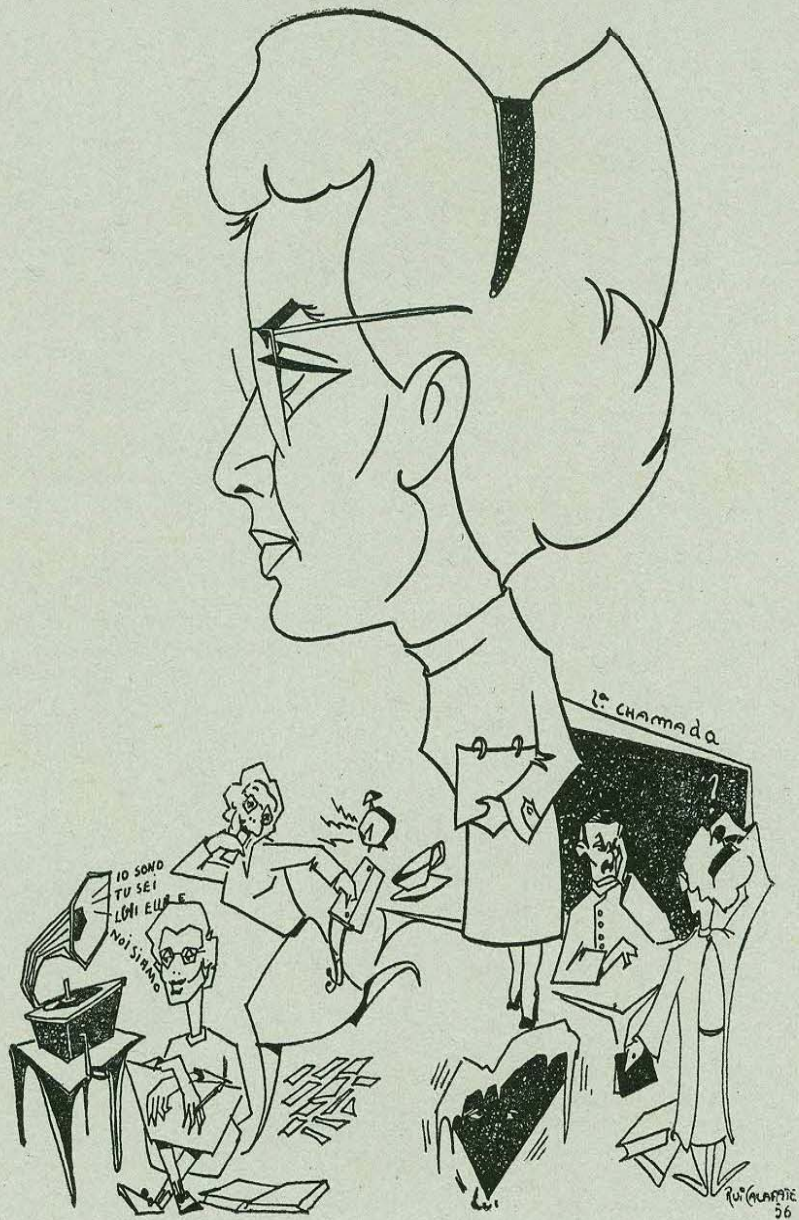
Farmácia, Letras, Direito
Cada qual uma escolheu.
E a doutora, com jeito,
Pra medicina lhe deu.

Chegadas fomos ao fim
Rumos diferentes seguimos.
Dizem que a vida é assim...
Mas nisso não consentimos.

E por tal aqui ficámos
A teu lado nesta hora.
A amizade que criámos
Não nos deixou ir embora

*Toda a Felicidade e um grande
abraço do grupo*

LENA, FERNANDA e ZÉ



Maria Eduarda Salema de Araújo e Costa

No dia em que tu nasceste
Raiou sol na minha vida,
Passou o tempo, cresceste
E o sol cresceu, na subida.

Hoje o sol do teu amor
Inda aquece o entardecer,
Será noite, e o seu calor
Crescerá pra me aquecer.

Da tua Mãe

Chama-te a vida, minha filha, vai.
Na luta põe estudo e carinho.
Vê em cada criança um teu filhinho,
E em cada velho, vê teu velho Pai.

Teu Pai

Vianense enamorada
Desta Viana sem par,
Trará saudades do Lima
Na tristeza do olhar?

Sofrerá de mal d'amor?
Ninguém pode afirmar tal.
Donde virão os remédios
Para curar o seu mal?

Magda

Desde o Lar à Faculdade,
Desde as sebtas aos lentes,
Tanto e tanto trabalho
Só pra matar os doentes.

Hugo

Viana bordou-lhe os sonhos
Com alguns restos de lá.

Viana azul, amarela,
Viana de muitas cores,
Luz mortiça duma vela
Velando pretensas dores.

Viana bordou-lhe os dias
Com traços de fantasias
E pedaços de ilusões,

E o mar que Viana adora
Não se encontra nos salões...

Viana não está nos livros,
Viana não está nas folhas,
Onde escrevem os doutores,

Está dormindo na doçura
Da noite de um outro Verão...

Viana será ternura,
Beijos de Mãe, pescadores
Bordados num coração?

Do colega

VICTOR BLANC

Dizer mal não tenho quê.
Dizer bem, não me compete.
Calando tudo o que sei,
Quem sabe? Talvez acerte.

HELENA

Éramos meninas... Brincámos ambas
E juntas, entrámos para o liceu.
Crescemos... fizemos castelos no ar e tecemos belos sonhos.
Tornámo-nos amigas.
Depois... veio a Faculdade.
Caloiras no mesmo ano e companheiras no Lar.
Por fim, separámo-nos.
Pus fitas azuis e deixei-as.
Tu usas agora umas fitas amarelas.
E já não somos meninas...
Já não somos colegas...
Já só somos amigas.

MARAUSTA



Maria Fernandes da Silva

A Maria quer seus versos
E eu não sei de que falar,
Mas como a festa é da Queima
Eu vou tratar de «queimar».

Tem bastantes qualidades
Mas nelas não vou falar,
Pois aqui é tradição
De só defeitos focar.

Médica afamada deve ser
Pois com grande cuidado tratou
D. Zulmira, uma boneca
Que lá no Lar se arranjou.

Ela está morta, dizes tu.
Pois está fria a valer.
E foges escada abaixo
Sem saber o que fazer.

Grande algazarra entre nós
Por te ver atrapalhada,
— Com a morte não se brinca
Dizes, com ar de zangada.

E só depois reparaste
Que tinha sido partida,
Esta e outras iguais
Recordarás toda a vida.

E aquelas limonadas
Feitas de noite ao luar?
E aquele arroz de trapo
Que tanto deu que falar?

Espera-te agora o futuro,
Deixemos, pois, as saudades.
Que encontres sempre na vida
As maiores felicidades.

MARIA MIQUELINA

D'onda leve sobre a testa
E com dente envergonhado,
Sapatinho de ballet,
De andar mui apressado.

Eis a Maria, que com mania,
E de doutora convencida,
Quis já aplicar o fonendo
A uma pobre amortecida.

Gosta de cinema, de rádio,
Divertir-se sem preocupação.
Se ouve música que lh' agrade
«Oh Céus!» que imaginação!

E quando é que deixarás
De toda a casa atordoar?
Com essa voz de comando,
«Ó Ana, vem estudar».

*Com votos de muitas felici-
dades da*

M. AUGUSTA



Maria Helena Ferreira Barbosa da Costa Cruz

Dia de sol, de primavera franca
Pardalitos cantam, sinos repicam,
Odes de amor e júbilo e glória.
Há flores e perfumes que não sonham
E jamais assim houve nalgum dia.
Rompe a luz numa manhã branca
Como se fora o grito da vitória
Doira a terra e diz: esperança...
Ao longe, ouço o murmúrio das fontes,
Ao perto, olho o verde dos montes,
Respiro a aragem inefável da bonança
E canta em mim da Natureza a cor.

Acordei assim, santos bons dias,
Nos braços risonhos da ventura
Que é também minha por vir de ti.
E me envolveu inteiramente
Quando feliz, olhei e vi
Que me sorrias, serenamente,
Bebendo a vida só com doçura.

De ti, Maria, foi sempre assim:
Só tive gostos — e amor sem fim.

TEU MARIDO



to São Paulo.
Chance of a visit
with her companions.
Mrs. M. L. de L. L. L.
+ 55*

Maria Hermínia Ferreira Pinto Coelho de Mendonça

Nas artes de culinária
Ela é extraordinária
Em pastéis, queques e molhos;
Nunca um bolo lhe sai mal
E o seu enfeite final,
Até faz «grelar os olhos».

Quando em Mondim há caçada
Lá está ela arremangada
Na cozinha, A mandar
Toda a gente trabalhar.
Porque ela... não faz nada!

Certo dia quis guiar
E logo, pra começar,
(Não o acredita ninguém)
Começou a acelerar
E quase chegou aos 100.

Quando vinha o tempo quente
E ela via toda a gente
Nas ondas a mergulhar,
Começou a ter em mente
Ir aprender a nadar.

E se assim, bem o pensou,
Bem melhor o executou.
E agora toda imponente
Sai ela muito contente
Das ondas em que nadou.

Mas ainda antes de molhada
Fica muito arrepiada,
Faz menção de desistir.
Mas depois de aclimatada,
Da água já não quer sair.

Ir ao cinema! Que encanto!
Mas se a fita é da feição
Do «Amor de Perdição»
Desata logo num pranto
Que até corta o coração.

Na invernosa estação
Tem ela uma ocupação
Que faz sem qualquer canseira:
É sustentar no fogão
Sempre acesa uma fogueira.

Termino pedindo a Deus
Felicidade e Ventura,
Amor e a Bênção dos Céus
Na nossa vida futura.

TEU MANEL

Prà Hermínia a Higiene
Foi um caso bem falado
Até a «penca» repontou
E espirrou logo em dobrado.

TIO QUIM

Pinto Coelho, na «graça».
É caso para pensar:
— Se toda a família caça
Não será uma ameaça
Um nome destes usar?

Sem aparente vaidade
As fitas é raro pôr.
Mas, vendo a realidade,
Que é que valem na verdade
Fitas... ao pé dum Doutor?

Este ano trocou a pasta
Por saco enorme... profundo!
Que a custo a Doutora arrasta
É as energias gasta
Pois mete lá meio mundo.

Dona de casa a primor.
Faz bons pitéus a preceito.
Tem muita sorte o Doutor!...
Com boa mesa e amor
É «levadinho» com jeito.

Um voto vou formular
Prò Figueiredo e pra ti;
— Felicidades sem par,
E... fico por aqui.

MARIA BEATRIZ

— «Chegue-lhe bem, sem receio!»
— «Já tens versos para mim?»
Eis o que eles me perguntam
Dia não e dia sim.

Mas por mais boa vontade
Que eu tenha em te chegar,
Só calma e tranquilidade
Em ti consigo notar!

Por isso com esse ar
De «bibelot» gracioso,
Farás com que o teu Manel
Seja um marido ditoso.

*Com desejos de muita felicidade
da colega*

MARIA OLÍVIA RÚBER

Na terra dos javalis
Das corças e dos veados
Lá nasceu esta Doutora
«Por mal dos nossos pecados».

E agora quase passados
Da Faculdade os seis anos
Só nos resta desejar-te
Mil venturas. Os teus manos

Fernanda, Carlos e Alfredo



Maria Irene Coutinho Dias

Encontro feliz, esse
de nossas almas.
Abrigo acolhedor, serenidade,
Resposta
para quanto d'incerteza
havia em mim d'ansiedade!

Encontro doce,
encontro eterno,
Revelação suprema de encontrar
O que já tinha encontrado!

Foste como um Anjo,
a meu lado!
Dessas almas puras,
dessas intuições serenas,
desse amor profundo,
que Deus põe no mundo,
pra se revelar!

Tempo virá e distância...
mas tu serás
a mais doce e pura lembrança,
numa vida inteira, sempre a recordar!

da tua

CELESTE

Será possível, em tão poucas linhas.
Descreva um tão grande coração,
Onde tudo é amor, tudo é virtude
E onde morou sempre a compaixão?!!

É boa a querida Irene, é muito boa.
Talvez um anjo enviado lá dos céus
Para a dor dos que sofrem, minorar.
Auxiliando-os e encontrar Deus.

Agora, cumprindo a sua missão,
Acaba com merecida distinção,
Prova da sua indómita vontade.

Vai partir... Para onde? Eu sei lá?
Mas, consigo sempre encontrará,
A minha estima e profunda saudade.

Com um abraço cheio de amizade da

AIDA

Pobres versos e parca inspiração,
Ajudai-me a cantar esta Doutora;
Que do adeus está a chegar a hora
É já cantar não pode o coração.

Fica, à partida, a dor da saudade
A quem, um dia, d'Ela precisou;
Para só das mágoas descansou,
No doce enlevo da sua bondade.

Certo é, que partir não é morrer
Quando fica, por nós, uma amizade,
Que o tempo jamais há-de apagar,

Para além da vida que passar
E porque a nossa é realidade,
Tempo, espaço, havemos de vencer!

Do colega amigo e reconhecido

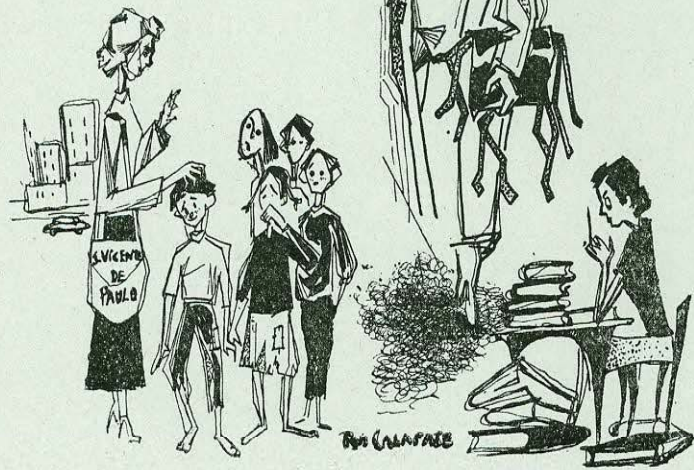
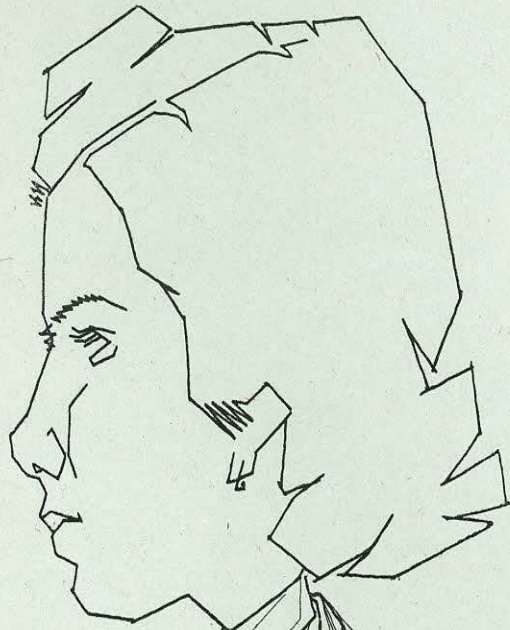
NUNO R. GRANDE

Quando a médica se forma,
Sentimos que vem
Para o mundo doente,
Que em dores e gemidos se gasta.
Alguém, nos olhos trazendo,
Até morreu, por bem.
Um olhar que confia
E que o desânimo afasta.

Importa que ao formar-se,
Sinta que o curso
Não é tudo na vida,
Nem mesmo o principal.
Mas que é necessário,
Que ainda que custe,
À ele se junte um nobre,
Grande e santo Ideal!

Da amiga

MIMI



Maria Laura Moreira de Sousa Lobo

Subo as escadas à pressa
Porque já vou atrasada,
E o meu olhar vagueando
Percorre toda a bancada.

Sentada, caneta em punho,
Eu vejo a Maria Laura
Já pronta pra começar.
(Está tão atarefada
Que nem pode levantar-se
Quando eu quero passar).

E as letras correm velozes
P'las folhas brancas, pautadas,
Que a Zé logo copia,
Ou leva juntas pra casa,
Depois de muito dobradas.

Num dia com grande espanto,
Notamos a sua ausência
Numa aula matutina,
Mas muito frequentada;
A culpa foi do horário
Que tinha a hora trocada.

Descemos juntas a escada,
Por vezes a conversar,
Sem esquecer que outra aula
Em breve, vai começar.

*Com a grande amizade da
companheira nas turmas e nas notas*

MARIA EDUARDA



Maria de Lourdes Águeda de Azevedo

Um dia, nesta cidade
dos buracos sem ter fim,
dos nevoeiros pesados
e coisas para esquecer,

um dia, nasceu aos gritos
precisamente a MENINA.

(Já temos uma MENINA)

E agora pra descansar
de tão ousada aventura,
o melhor é recordar:

— Vejo a MENINA zangada
(por causa duma pagela)
acercar-se desta amiga
que era pequena também,
e pronto — que ferradela!

Não é bonito dizer
coisas assim, bem o sei,
mas nestes Livros é uso
cortar até fazer sangue.
Espero que não se zangue
do que disse ou que direi.

E depois, bem, já nem sei
por onde principiar:

Culinária a par de livros,
livros a par de bonecos,
bonecos a par de bolos,
bolos a par de partidas,
no meio disto os cãezinhos
(que por sinal são anões),
mais um pouco de jornais,
revistas aos quadradinhos,
e um ar... de Sainte Nitouche!...

E pronto, está a acabar
esta crónica mal feita,
um tanto ou quanto pateta,
composta a tantos de tal.

E agora, para fechar,
um abraço de poeta
(desculpa, foi pra rimar...)

*Com um grande abraço (agora
sem ser por questões de rima) mais
a amizade da*

BI

Testamento de Hipócrates

Quando Hipócrates morreu,
aos seus alunos, em pranto,
disse em voz muito sumida:
«Não se aflijam, por enquanto,
com este triste sucesso,
pois Asclépio é presidente
e pensa em tudo de longe,
até na morte da gente!
Não me choreis: nossa Arte
não morre comigo, não,
pois a pobre Humanidade
morreria, sem perdão!

Ó discípulos amados,
não morre comigo a Arte!
Aqui na Grécia, na Ásia,
no Egipto, em toda a parte,
há-de um dia ressurgir
mercê do génio grandioso
de uma figura notável
de Portugal valoroso!

Essa figura excelente
há-de restaurar um dia
toda a Medicina antiga
que, nem eu, bem connecia!

Nascerá daqui a dois
mil e quatrocentos anos
numa terra duriense
de vinhos bons e bons panos,
e há-de chamar-se — eu o juro —
sem titubeio nem medo,
entre a gente de Lordelo:
MARIAZINHA AZEVEDO».

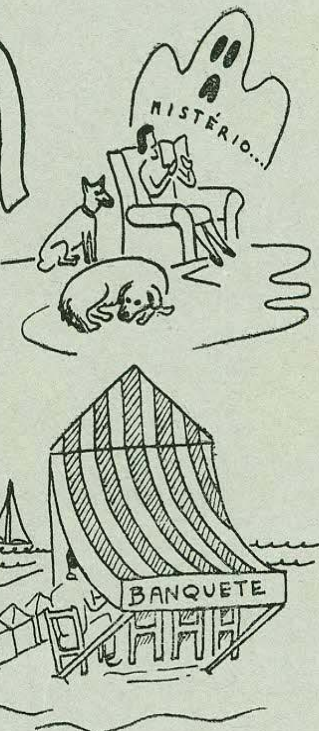
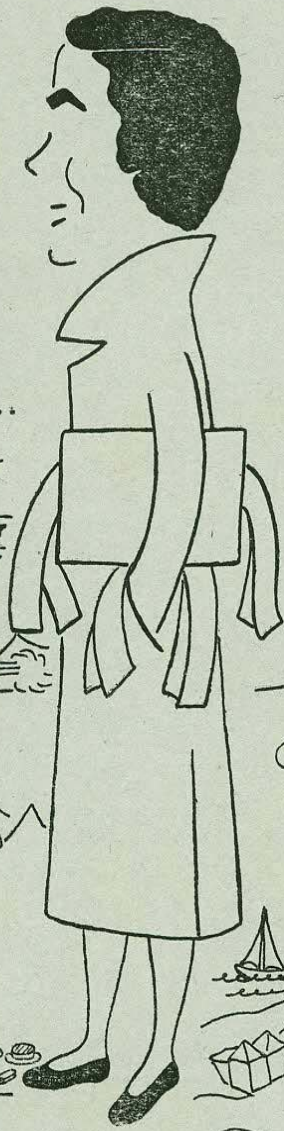
ZACUTO PORTUENSE

Para a moléstia esquisita
A que se chama pinguécula,
Não sei de melhor remédio
Do que o..... écula,

Do desenhador, muito obrigado

LUÍS

PASSEIOS...



LUIS
55

Maria Luísa Vila Nova Figueira de Almeida

O mundo é tão grande!
Tem portugueses, suecos,
franceses, americanos,
ingleses, espanhóis,
italianos,
parvos a rodos, existencialistas,
poetas, marinheiros, homens,
actores, homens,
animais,
tantos homens,
nem um homem...

Tem teatros: asilos de velhos,
sorrisos francos, esgares amimados,
dedilhar de pianos,
«que ricos», gargalhadas,
ares maternas, distrações,
«que amores», penteados experimentais,
alegria, música, boquinhos,
concertos, recitais,
sonambulismo,
teatro, juízos cardíacos, gestos,
teatro, problemas, incógnitas,
desilusões, perguntas, silêncios,
sentimentos voando, olhinhos,
homens, electricidade,
homens, animais, gestos,
tantos homens,
nenhum homem...

O mundo,
disse-o alguém,
é um palco muito grande...

A' Maria Luísa, do

VICTOR BLANC

Sabes, Luísa,
Num dia em que não tinha «inspiração»
Tentei fazer-te uns versos:
falei dos nossos tempos de menina,
Falei dos nossos tempos de liceu,
Mas quando cheguei ao fim
Senti que nem tu nem eu
Estávamos nos versos...

Olha, menina,
Num dia em que não tinha «inspiração»
Tentei fazer-te uns versos:
Falei de «gentes ausentes»
Falei de coisas passadas,
Falei de coisas presentes,
Mas quando cheguei ao fim
Senti que aqueles meus versos
Serviam pra muita gente...

Ouve, Tátá,
Num dia em que não tinha «inspiração»
Tentei fazer-te uns versos:
Falei de atrasos constantes,
De tendências teatrais,
Poesia, música e... «Sonho»
E outras coisas que tais,
Mas quando cheguei ao fim
Senti que não estavas lá...

Olha, menina,
Que lhe havemos de fazer?
Conheço-te bem de mais
E a minha falta de jeito
Não me dá para escrever
Bem, bem, aquilo que eu queria.
O melhor é desistir
Ou... talvez tente outro dia!...

Da NENÉ



Maria da Luz da Conceição Ribeiro Pessoa

Esta doutorinha gentil
Que vos quero apresentar
Chama-se M.^a da Luz
E tem muito que falar.

Eu não quero dizer mal
Por ser ela minha irmã,
Mas dizer bem, não é praxe,
E eu não gosto de ser má.

Descrevê-la fisicamente
Creio bem não ser preciso,
Olhai a caricatura
E dizei do vosso siso.

Mas o que vós lá não vêdes
E' o que vou aqui revelar
Inclinada a 17°
E' como ela sabe andar.

Mas estes pequenos quês
Nada dizem como eu queria
Da sua grande vontade
De ser mui célebre um dia.

E desde o princípio do ano
Começa estudando a fundo
Pra quando os exames chegam
Inda dizer: «apanho um chumbo».

Mas apesar disto tudo
Tem inda tempo para amar,
Sonhar e tecer ilusões
Para o seu futuro lar.

E nas horas vagas também,
Tricots, rendas e bordados,
Tudo isto ela faz
C'os olhos no bem-amado.

E muito mais eu diria
Se a quisesse queimar,
Mas pra que termine bem
Vou só uma aventura narrar.

É que esta senhora doutora
já automobilismo aprendeu
E com suas habilidades
Muito bom susto me deu.

É que a menos de 12°
Nunca ela sabe andar,
Mesmo quando tinha apenas
Quatro lições de guiar.

E se vós lhe perguntardes
Qual o carro que prefere
Responderá sem hesitar:
«Pra mim, só Citroen».

Mas, leitores, já terminou
Tudo o que tinha a dizer.
O que se segue, afinal,
E' só para ela ler.

Está acabado, cara mana, o belo tempo,
A vida vai entrar na senda tortuosa.
E neste momento que é quase a despedida
De tudo o que te fez até agora venturosa,
Eu quero desejar-te com todo o fervor
As maiores felicidades pela vida fora.
E prò teu lar e profissão, peço ao Senhor
Todas as venturas de que és merecedora.

Com um abraço da irmã amiga

MARIA HELENA

Uma alegria
De momento,
Uma vida
Que passa,
Uma esperança
A nascer,
Uma vontade
De vencer.
Queimar as Fitas
E' isto,
Meio Ideal
Alcançado,
Um sonho
Realizado,
Um futuro
A surgir,
Qual será?

Só Deus o sabe.
Mereces Felicidade
E' julgamento
Sincero.
Mas se fácil
E' desejar,
Conseguir,
Procurarei
Conseguir
O que sinceramente
Desejo.

FERNANDO

Fujam! OLE-21-82 vai passar.
E a Luz a guiar. Frágil figurinha
Simpática loirinha, com graça no andar,
Porém, caro leitor, não tenhas ilusão,
O 1.º atropelado foi o seu coração.

A ti, cara Luz, que tens sido óptima camarada
Sempre aluna aplicada, orgulho de Penafiel,
Desejo ver no «mel» toda a gente escorregar.
Todos os que passam, ouvi-os comigo a murmurar:
— Os pombinhos! Mil felicidades a tão lindo par!

WENCESLAU

Maria Manuel Marques dos Santos

A vida vale a pena.
Talvez não seja perfeita,
mas o que há é tão bom!
Não é preciso uma cena
Só porque me enganei,
julgando que encontrei
alguma coisa mais
que ainda nada era!

Entretanto,
enquanto ainda não vem,
há tanto de que gosto, tanto, tanto...
Há concertos e música,
há cinema também,
há Paris de vez em quando,
há a Luísa
a contar mil coisas engraçadas
e ainda que mal fique,
há o Gérard Philippe
que, aqui só para nós, é um encanto!

E tanto pra fazer!
Desde que ando na Maternidade,
não é pra me gabar,
mas os meninos nascem com tal facilidade
que é de espantar!
É até qualquer doente,
se dela tomo conta,
cura-se num repente
ou então fica pronta
quase sem lhe tocar.

Por isso posso esperar
sem pressa, sem temor,
aquilo que virá.
Direcção definida
não sei o que será,
mas será
qualquer coisa de bom,
qualquer coisa de belo, bom e firme
que encherá pra sempre a minha vida...

Janeiro, 1955

Para a Necas, com muita amizade da

LELA

O homem, sujeito a querer e não querer,
que tem sonhos e deixa que lhos queimem,
que se deixa vencer e não protesta
é já morto, e morte espalha ao redor;
mas quando se debruça sobre a vida e procura sabê-la
e sente e aprende que, sem porfia, nunca houve vitória
e compreende que uma derrota é mais uma etapa,
porque ele não é ser isolado, da vitória que será sua...
Hoje ao deixares a floresta de enganos não cantarás vitória
porque vitória só haverá quando for de todos
e tu souberes e sentires todo o ser que te procura
não como uma máquina, mas como um homem de facto.

Que sejas uma grande discípula de Garcia da Orta. Abraços.

MANEL

«Faz-me uns versos,
tu, que me conheces desde os bancos do Liceu».
«Quem? Eu?!»
Que importa falar do tempo que passou?
O que interessa és tu — Agora —
e isso,
ora... ora...

Podia dizer a teu respeito muita coisa?
Sim, talvez.
Que tens o teu fraquinho por Paris
e que só lá não foste quarta vez
porque o teu pai não quis;
que sabes desenhar com muito acerto;
que és um ferrinho em todos os concertos;
e mais, e mais.
e muito mais.

Mas não, não,
não digo nada.
Sabes?
Não gosto de pintar a fachada.

Da caloira velha e velha amiga

FERNANDA NAVARRO

Deixem pensar o coração,
sorrir, sorrir, sonhar,
sentado num mirante,
à beira das janelas,
de dia,
de noite,
nas aulas e nas ruas.

Deixem falar o coração
mas não lhe dêem ouvidos
em tudo o que disser:
diz tanto bem
de tanta coisa má!

Deixem pensar o coração
no Gérard Philippe,
no sonho,
em tudo aquilo que não nos diz respeito.
Deixem-no falar,
sincero,
porque nunca diz mal
de tudo o que está bem...

À Maria Manuel, do

VICTOR BLANC



Maria Natália Pereira Fortuna

Gentil Doutora que te vais embora,
Desta vida, tão cedo, descontente,
Deixas, assim, de aborrecer a gente,
Outros vais aborrecer por aí fora.

Livro-me dos queixumes que t'ouvia,
Quando a vida te não corria bem.
Caminhando por esse mundo além,
Irás pregar a outra freguesia.

Mas, se vires que pode merecer-te,
Alguma coisa do conselho amigo,
Volta pra trás; terei prazer em ver-te.

E lembra sempre o que te digo agora:
Se a fortuna nada quiser contigo,
Faz como no fim dos exames: chora!

Do colega amigo

NUNO PINTO

Os dias passam... à sombra duma Oliveira!
Não há maneira
do tempo render,
e há tanto que fazer!
Calhamaços pra ler,
Lições pr'aprender,
bolos em coração (...)
Para fazer ...

Os dias passam... à sombra duma Oliveira!
Não há maneira
do tempo chegar,
e há tanto que estudar!
Lições para «picar»,
batatas pra fritar,
biscoitos pr'amassar ...

... No entanto,
a vida é cor de rosa
e mesmo quando chove, o céu é azul ...

Não há maneira
do tempo render!
Mas... que importa,
se entre uma torta de maçã
e um caso de «papeira»
Os dias vão passando... à sombra duma Oliveira?!

A' 74, com um abraço da 73

*(ou seja, à «Talinha», com um
abraço da «Nené»*

A musa pra mim é manhosa:
Olha mordaz... e orgulhosa
Diz que sou falho de rima
— Menti eu desesperado —
Chamou-me mal educado.
Falei-lhe do meu compromisso:
— Está bem, vamos a isso!
Fala-me dela num instante.
E' bonita? E' elegante?
— D. Musa, se bem me lembro
Nasceu em 2 de Novembro;
Chovia que Deus a dava,
Chora por tudo e por nada,
Cresceu mestra no estudo,
Tira prò ano o canudo,
E zangada?! De vez em quando,
Faz lembrar o Marlon Brando
(No drama «Há lodo no Cais»)
Depois são choros, são ais,
Que a Natália e os maninhos
(Quinteto de danadinhos),
Transformam uma nota de Bach
Num grito de Yma Sumac.
E a Natália a cozinhar?
Cruzes! Nem é bom falar!...
Fez uma sopa num instante
(Foi preciso usar trinchante).
No vestir, vê-se pior,
Mas podia arranjar-se melhor.
E em polémicas então
E' «parvo» o da contradição.
A Faculdade é uma maravilha,
Quer-lhe como uma mãe quer à filha.
Natália—para terminar,
Peço-lhe para me desculpar;
Não critiquei por maldade,
Porque é quase tudo verdade.

*Futuro brilhante para a
Doutora são os votos do*

ORLANDO MARTINS MONTEIRO



Maria Virgínia Azevedo Costa Calheiros Lobo

Quanta vez, em prosa e verso,
pra estes «Livros de Curso»
se tem escrito balelas
e até mentiras, também?
De quanto bem se diz mal,
e quanta vez—ao inverso—
do que é só mau se diz bem?
Quanta vez de um que foi «curso»
se diz que só muito a custo
e à força de mil cautelas
e «cunhas» (assim, tal qual)
conseguiu ser «Doutor»?
—E isto, assim, é ser injusto.
Mas —em contraposição—
a quanto burro chapado
não vemos chamar «letrado»,
mente arguta e de eleição,
de cultura superior
e de farta erudição?
—E isto, assim, não é melhor.

Ora estas lérias, por certo,
já não enganam ninguém,
pois já toda a gente sabe
que só a «piada» cabe
nas páginas deste «item»,
e quem quer que seja esperto
(e quem o não for, também...)
ao ler todo esse desplante
ri—talvez— e passa adiante.
Mas no caso especial
desta «Senhora Doutora»
é preciso (muito embora
sempre se larache nm pouco)
não mentir nem ser jogral,
nem fazer ouvido mouco
à razão, que está ditando
a norma do proceder:
—«Com a GINA, nem brincando
se deve a gente meter».

«Muito prosa e peneirenta.
Dada ao flirt e dada à léria.
Metediça e quizilenta.
Coas colegas, embirrenta.
Pouco esperta e pouco séria.
Nas amizades, fingida.
Nos estudos, cabulona.
Alma torva e denegrída.
Língua afiada e comprida.
Caprichosa e mandriona».

Eis, dito assim a correr,
(e creio, talvez, até,
que muita coisa há-de haver
que ficasse por dizer)...
O que a GININHA... Não é!

O que será ela, então,
Esta «Doutora» novata
que nunca os outros maltrata
e que é o orgulho dos pais?
—A bela tem um «senão»:
Tem um grande coração,
E é sempre... boa demais.

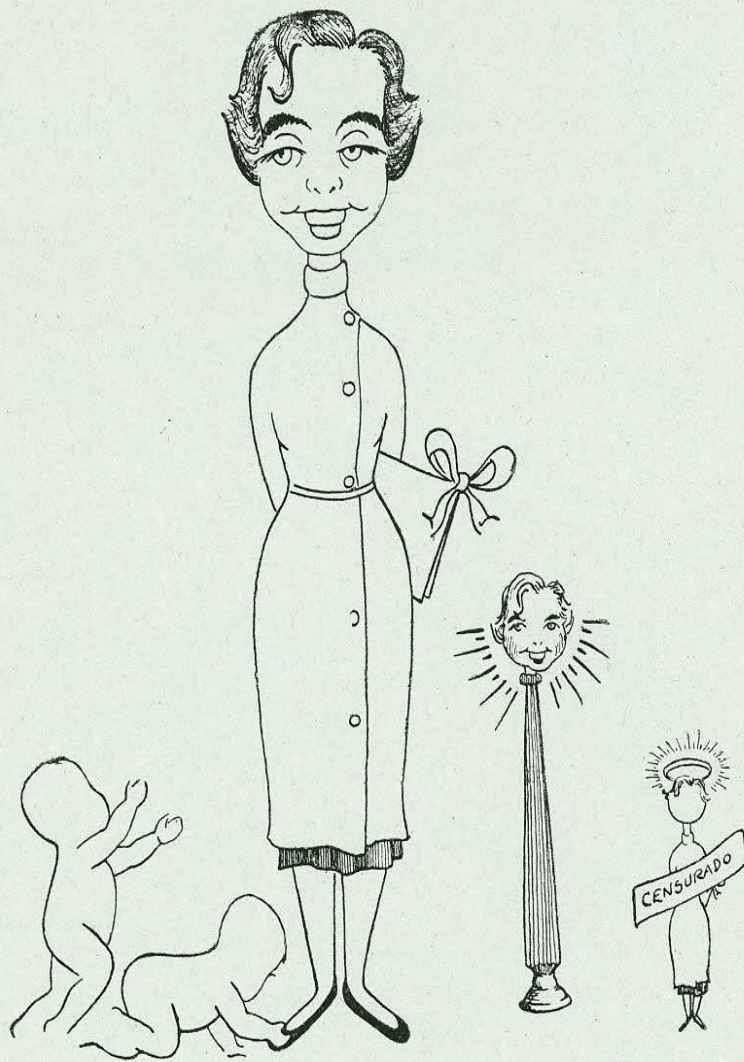
Eu vi um anjo de asas cor de rosa,
Cara bondosa de terno sorriso.
Chegou à terra e quando aqui poisou,
Olhou, olhou e disse: Paraíso!

Eu vi um anjo de alma de bombom,
Divino dom de nunca se zangar,
E o sofrimento que há num rebuçado
Vive parado, sem saber gritar.

Eu vi uns olhos como o azul do céu,
divino véu, escondendo-se do mal.
E o sofrimento que há num rebuçado
Vive encantado em torres de cristal.

*A' Virgínia, com os
bons-dias do Victor Blanc*

Ag. Tio



com os parabéns
do teu primo
José Maria

Maria Zita dos Santos Melo

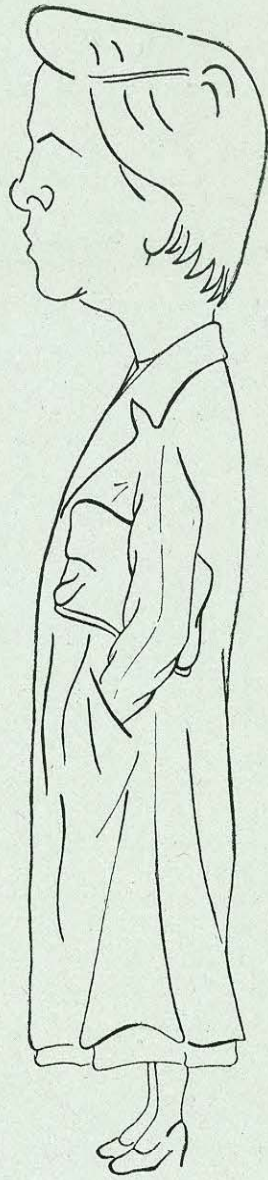
Vive
sisuda e feliz,
metida no seu mutismo.
Ri pouco,
nunca discute,
mas percute muito bem.

Aulas, casa, biblioteca,
três pontos do seu triângulo
com um centro por achar.

Vive
sisuda e serena
metida no seu mutismo.
Às vezes lá sai de si
e percute muito bem,

À Zita, do

VICTOR BLANC



Lucie Hamel
Dec. 1968

Mário do Nascimento Noro Gomes

«Meninas, lindas meninas!
Qual de vós é o meu ideal?
Meninas, lindas meninas
Do reino de Portugal! (I)

A. NOBRE

(I) — e arredores

Já na escola, ainda menino
Pequenino,
Sabia o Mário roubar
O coração das meninas
Pequeninas
Com quem andava a brincar.

Foram-se os anos passando
E com eles aumentando
Aquela velha mania,
Até que chegou o dia
(era o Mário crescidinho)
De na Faculdade entrar.

Foi então que o coração
Do doentinho em questão
Começou a fracassar.
E, em vez de ser ladrão,
O Mário passa a entregar
A todas o coração!

E vão os anos correndo,
E vão as paixões crescendo,
Já não é uma nem duas:
Basta por ele passar
Uma carinha bonita,
Com boa encadernação,
Para logo ali deixar
Inteirinho,
Inteiro, não,
1/4 do coração!

Mas Portugal não lhe chega,
Por isso vai procurar
A Espanha toda a beleza
Que cá não pode encontrar.
É a grande saudade
Das que ficaram por cá,
Que o leva a dizer adeus
A's que ficaram por lá...

Por uma bela manhã
Chega o Mário a Campanhã
E, não sei lá por que artes,
Resolve, no carro 12,
Com malas e tudo entrar.
E, depois de ter tirado
Bilhete de seis tostões,
Foi parar junto aos portões
Da Escola de Belas Artes.

Toma então o 17,
Vai até à Boavista:
«...dois olhos que são dois mundos
e não há quem lhes resista...»
(isto é para ser cantado
com ritmo do fado).

Volta atrás no 16,
Sai no Campo,
Toma o 8,
E dá o passeio por findo
Ao chegar a um outro Campo,
Que tem bem pouco de Lindo.
Então, desorientado
Com tal confusão de linhas,
Não sabe o que há-de fazer
E pensa, preocupado,
Qual o caminho a escolher!
Mas, de repente, descobre
Uma grande solução:
E' sobrevoar o Porto,
Munido de um telescópio,
Na asa dum avião!...

Ao Mário, lamentando que o Porto
tenha 21 linhas, e desejando que só
alguma o leve a Porto... de salva-
mento!

MARIA MANUEL

Talvez de nascença,
talvez da hipófise,
é coisa difícil de saber...
Mas grande lá isso é
não há que ver!

Ilusões, projectos, fantasias,
desilusões, desenganos, realidades,
tudo é grande, enorme,
e fugidio...

Tão fugidio
— Como a visão fugaz
duns olhos atrevidos, «descarados»...
— como a audácia fugaz
dos «devaneios» telefónicos,
— como a impressão fugaz
dos modelos de «artes belas» ...e plásticas!

Loiras e altas,
morenas muito «bem»
(bonecas pintadas,
bonecas por pintar)
loiras, morenas, mulatas,
loiras, loiras, «loirinhas»...
De perto e de longe,
de muito longe,
(do interior, da beira-mar, do ultramar,
de cá, de lá de fora, de outros mundos)
todas vêm e vão... passam depressa.
Vão passando,
até um dia...

Ilusões, projectos, fantasias,
desilusões, desenganos, realidades,
tudo é grande, enorme,
e que pesado!

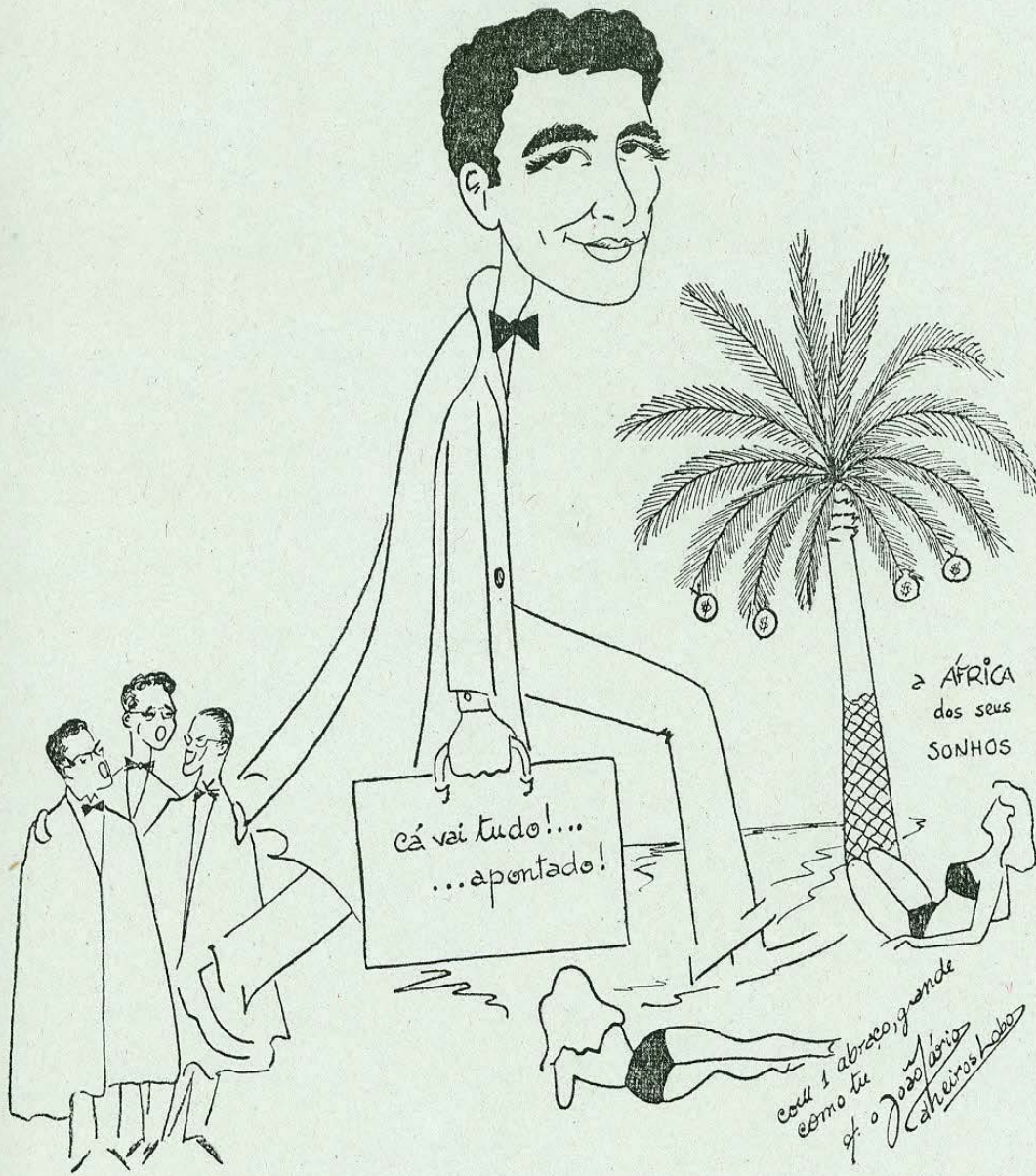
Vontade firme de vencer
(sem atropelos),
injustiças tem sofrido
e não pequenas...
Mãos grandes, compridas,
de «parteiro»,
quem lhes dera «fazer nascer», um dia,
a Verdade e a Justiça neste mundo!...

Ilusões, projectos, fantasias,
desilusões, desenganos, realidades,
tudo é grande, enorme,
e bem real.

.....
Por seu bem ou por seu mal?

Com um abraço, do colega e amigo

SÍLVIO



cá vai tudo!...
...apontado!

2 AFRICA
dos seus
SONHOS

com 1 abraço, grande
como tu
q. o José Luís
Cateleros Lobo

Nuno Lídio Pinto Rodrigues Grande

É plena a hora que vive no presente.
Embala esperanças, sonhos tem
E aspirações.
Sonhos que hão-de realizar-se, certamente.
Não venham nunca, porém,
Desilusões.
Desilusões! Será verdade
Que o porvir assim transforme
Alguma esperança?
Sim... o mar sem tempestade,
Serenos, dorme,
Mas não conhece bonança.
Adivinha-se o dia
E já se vislumbra a hora,
Suprema aspiração!
De compartilhar a alegria,
E chorar com o que chora
Lágrimas do coração.
Que a sublime missão de aliviar
O sofrimento, a dor,
Lhe inunde a vida de luz.
Para que ajude a transportar,
Com amor,
Aquele que sofre a sua cruz.
Seja grande e belo o seu ideal!
E nos tortuosos caminhos
Ou nas horas mais ditosas,
A vida será um roseiral,
Onde é preciso amar os espinhos
Para saber colher as rosas.
Guarde na alma, a Verdade.
Da justiça o amor,
E o meu voto erguido aos Céus:
Na vida toda, cheia de dignidade,
Honre sempre, com ardor,
A Medicina, o seu nome e o de Deus.

Para o Nuno, com grata estima,

MARIA IRENE



Pedro Davies de Castro e Silva

Tem sete amores, o Doutor,
Que a caricatura mostra.
Qual deles é o maior?...
Vou tentar dar a resposta.

Cada um desses amores,
Vai ser aqui revelado;
Pra que conheçam, senhores,
Este Pedro tão falado.

Um deles, é um carro,
Um dos tais que dá sainete!
Uma cafeteira, um jarro
Ou simplesmente: um barrete!

Dos patins, posso dizer,
Que foi exímio hoquista.
Um delíriol... podem crer!
Quando ele entrava na pista.

Possui o nosso Pedrinho
De bonecos, um certame!
Pois perde muito tempinho
A trabalhar no arame.

Outra fraqueza das suas,
Com a candura do Limbo,
É marchar por essas ruas,
Rebocado p'lo cachimbo.

Tem mais ainda a mania,
Est' homem de fino trato,
De, a qualquer porcaria,
Tirar por força o retrato.

Examina os olhos d'Elas,
Com muita sagacidade;
Porque, os olhos e donzelas,
São sua especialidade.

Em todos estes amores,
Há, com certeza, um maior!
E por isso, meus senhores,
O Pedro vai ser doutor.

Por nestas coisas pensar,
Dorme mal, anda cansado,
E não consegue chegar
A horas, a qualquer lado.

E a única maneira
De lhe acertar a vida,
É comprar-lhe numa feira
Um relógio de corrida.

Bonecos, patins e carro,
Cachimbo e fotografia,
Não valem nem um cigarro
Ao pé d'oftalmologia.

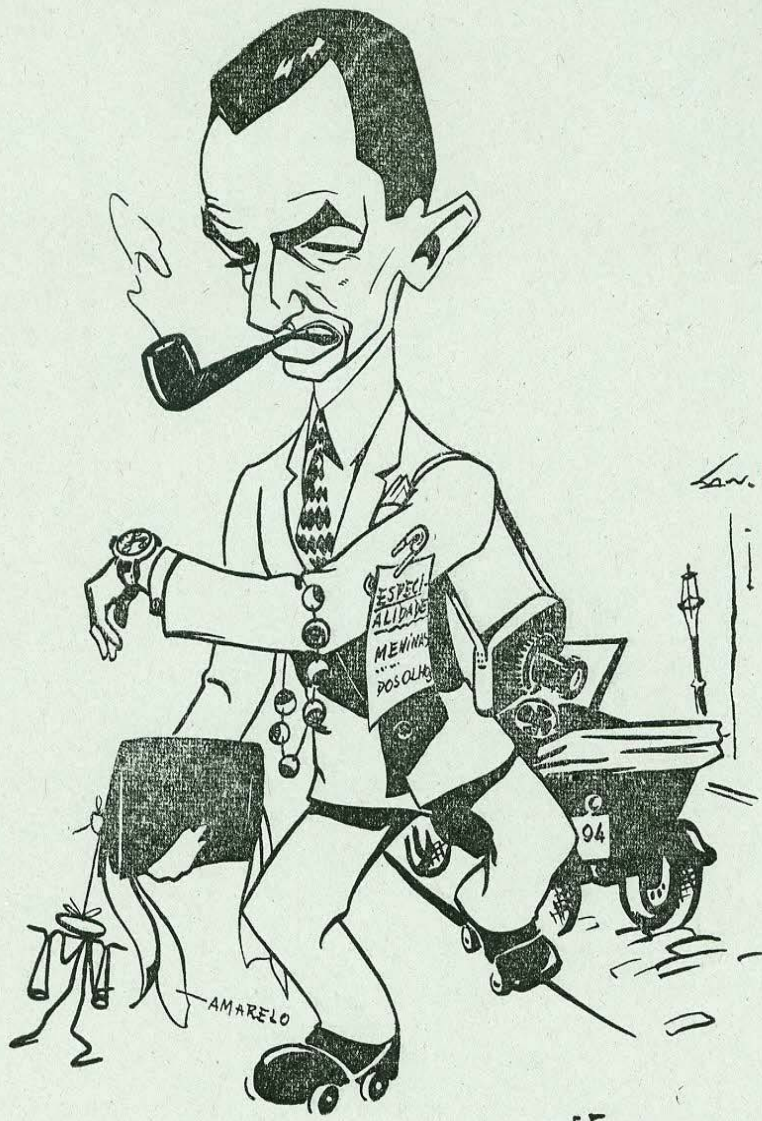
Alegrem-se! Pois então?!
Porque, deixemos as tretas,
Ele será do coração,
O patrono dos ceguetas.

E ainda que formado,
Sempre usará, no entanto,
Máquina na mão... ao lado,
Cachimbo na boca... ao canto.

Sinceramente vos digo:
É tal a sua bondade,
Que ser dele muito amigo,
Não chega a ser qualidade.

O meu voto, neste dia,
E do coração me sai,
É qu'em oftalmologia,
Este rapaz saia ao Pai!

Carlos Alberto de Bettencourt



- 55 -
M. S. A. S. T. S.

Regina Engrácia Antunes Portela

Quando os médicos eram sisudos
Velhotes, já carrancudos,
Só mesmo quando a morrer
E' que se ia ao Doutor
E nunca, está bem de ver,
Pra tratar males de Amor!

Os remédios amargavam,
As pilulas abundavam,
Não havia injeções,
Usava-se muito a sangria,
Apaixonados corações
Isso era o que mais havia!

Remédios, estão mudados
Os velhos doutores, coitados,
Existem só no museu!
Doença do coração desapareceu,
Tudo hoje são penicilinas
E doutores... são as meninas!

Acho que a coisa é melhor
E bem melhor que outrora,
Em vez de vir o Doutor
Chama-se antes a Doutora
E penso que muita gente
Até quer estar doente!

A menina estudiosa
Calada, muito briosa
Que quase Doutora é já,
Acorda pela manhã
Já com os livros na cama
E dizem que tem a fama
A's vezes ser rabugenta,
Mas nisto não acreditem
São coisas que o mundo inventa.
Não liga nada a ninguém,
Passa sem olhar e sem ver
Anda sempre a correr
Atrasada prà Faculdade
Isso é verdade!

Estuda, o mais que pode, Anatomia
Sem pensar mesmo em mais nada,
Do coração conhece a Fisiologia
E contudo não fica apaixonada!

Se um conselho posso dar
Aqui o deixo ficar:
Doutora, não trate mal
E não deteste os rapazes,
Faça as pazes!
Inda pode vir a tratar
E a aturar
Um «doente especial»...

Quis que eu uns versos fizesse
Pois bem, fiz, mas enfim,
Eu acho que não merece
Uma coisa assim tão ruim.

O amigo

JOAQUIM BARREIROS

Os anos passaram
e nós, lado a lado
Caminhámos ausentes,
esquecidas de que cada alma
é um mundo
que vale a pena descobrir!

Agora, no fim
foi o nosso princípio;
e então, foi a alegria
duma amizade que nasce,
dum entendimento que surge;
foi a surpresa de te encontrar
Só agora!

Que interessa que fosse no fim?
Foi!... o tempo que nos resta
Será toda a vida
Se quisermos!

Com um abraço da Celeste

Já próxima vem a tua grande hora!
E se tem a amplitude da aspiração,
Carinhosamente embalada, agora,
No coração,
Se tem a doçura da esperança,

O ardor da ansiedade,
O enlevo da bonança,
O calor da generosidade,

Oh! Então, venha pressurosa!

Se tiver ainda dores em seus caminhos!...

Se é o perfume da rosa,
Que lhe suaviza os espinhos!...
Nessa missão que é de amor,

Abnegação,
Dulcificarão muita dor
As riquezas do teu grande coração.

Num sorriso com bondade,
Doçura,

Espalharás felicidade
Onde morava a amargura.
Que teus passos se encaminhem,
Pelas veredas mais risonhas,
E as bênçãos do céu acarinhem
O sublime ideal com que sonhas.
E quando encontrares, entre as rosas da vida,

A contradição duma cruz,
Alma grande e fronte erguida,
Que no alto está Jesus!

*Com desejos de felicidades,
um abraço da tua amiga*

MARIA IRENE

E' bastante aplicada
E muito inteligente.
Mas a estudar, é danada...
Manda calar toda a gente!

do Pai



Rui Garcia de Oliveira

Não conhecem o Rui? É um bom menino!
Já cantava no berço, em pequenino
E canta ainda o santo dia inteiro.
Tem uma bela voz, bem empostada:
No entanto, não lhe serve para nada,
Porque isso do Orfeão... não dá dinheiro!

O que mais tem cantado, ultimamente,
É isto que transcrevo integralmente:
«Tenho um amor em Viana,
Outro pràs bandas de Cete;
Tenho um amor mais abaixo,
Tenho outro mais acima».
Um esclarecimento à Sociedade:
Não rima .. mas parece que é verdade!..

É novidade para muita gente
Certo caso passado antigamente
Na urbe de Viana do Castelo,
Entre Anibal Leão da Silva e o Rui;
Seu tio-avô ele era; e como eu fui
Informado do caso, ides saber:

Em Viana há doca; e o Senhor Leão
Pretendeu dar lições de natação
Ao Rui, que queria são e escorreito;
Mas, quanto mais o tio nisso insistia,
O Rui — que tinha medo à água —
Mais recuava... e pronto: nada feito!

O tio, coitado, bem o incitava;
Porém, o Rui chorava e esperneava...
— Mal punha os pés na água era um sarilho!
Não sei se o tal terror também esticou
À água quente . O certo é que ficou
Co' aquela cara, cor de pão de milho!..

Aqui há uns dois anos para trás,
Deu na veneta a este bom rapaz,
Meter-se em aprender a patinar;
E mal do almoço devorava o caldo,
Ia a correr co'o tio Arnaldo,
Que era mestre, pra ele o ensinar.

E se o «Pontas de Fogo» inda existisse,
Seria natural que lá se visse
Um dia algum «perfil» deste menino,
Que respondia sempre com firmeza
A perguntas de óbvia natureza:
«— Não sou como meu tio... mas patino!»

Acabado o furor p'la patinagem,
Encheu-se o nosso homem de coragem
E deu-lhe outra mania — esta, toureira...
Mas nunca foi avante: era bravata...
Da mania, só resta... uma gravata
Pra tourear de longe, na «barreira»!..

Depois... o Rui cresceu... E toda a gente
Vê hoje que um rapaz muito atraente
Entra por vezes num «salão de chá»,
Com ar muito distinto, aperaltado,
De colarinho muito bem esticado,
Unicamente para ver «quem está»...

As manias pueris da meninice
Há muito já morreram — que aldrabice! —
Pois sendo quem hoje é, par'cia mal...
Durante a sua «Queima» foi escolhido
Como bom elemento e... promovido
A «bode-expiatório» da Central.

Pra que não julguem que ele é algum «morto»,
Devo dizer que o moço faz desporto,
Tendo até alguns triunfozinhos
Nesse desporto-rei chamado Amor,
Embora tenha tido um dissabor
Porque, enfim, «não há rosa sem espinhos»!..

*

Já nas asas do Tempo redentor
Vai longe o dia em que eu te conheci.
Eu, que vou cá ficando, envelheci
E tu, tão novo ainda, és já doutor!

Não conhecestes ainda o mal do amor,
Nem perdeste ilusões que eu já perdi;
Mas decerto já viste, como eu vi,
Que neste mundo, só é grande a Dor.

Assenta essa cabeça desde agora,
Antes que a mocidade vá embora,
Senão um dia, és velho, e vês-te só.

Crê em Deus, na mulher, no teu futuro,
Faz do teu Curso um sacerdócio puro
E crê nesta amizade — o resto... é pó!

Teu amigo muito sincero e para sempre

FLÁVIO SERZEDELLO DE OLIVEIRA

Eu sou a Nau Catrineta
Que tem muito que contar
Deste mui nobre doutor,
De quem vos quero falar.

Mas, a folha, tão pequena,
já se vai a terminar.
Por isso eu fico calada,
Ai, com tanto pra contar.

Da colega e amiga

MARIA EDUARDA

Ao meu Amigo Rui de Oliveira,
Do Orfeão, fiscalizador,
Desejo-lhe pela vida inteira,
Saúde, dinheiro e... amor!

Com um grande abraço

DURVAL



Serafim da Silva Aguiar

Seja a nossa alegria um lenitivo forte,
um contra-porquê,
na coceira dos lafraus
de altivo porte.
Seja a nossa alegria um outro D. D. T.
contra as caudas dos lacraus
que nos desejam sorte.

Sejas tu qualquer coisa,
uma pena, uma estrela,
a certeza incerteza
da tua natureza.
Serafim: sejas tu apenas tu
dès tes orteils jusq'au bout
de ton cou.

Chovam-te noites de cartas bem pintadas,
nocturnas barrigadas
(que o estômago te pede!)
Himénico ou fulheiro,
Sejas tu a flor do ludreiro
na recolha taximétrica
aos lençóis de S. Mamede.

E que a vida te traga uma faatriz de paz,
Sem ar de hacanela,
cromosómica metade do teu gozo sagaz.
E haja um moço gravisco,
(fac-símile facies tua),
com ar de grejó,
que jamais corra o risco
de estar quase só.

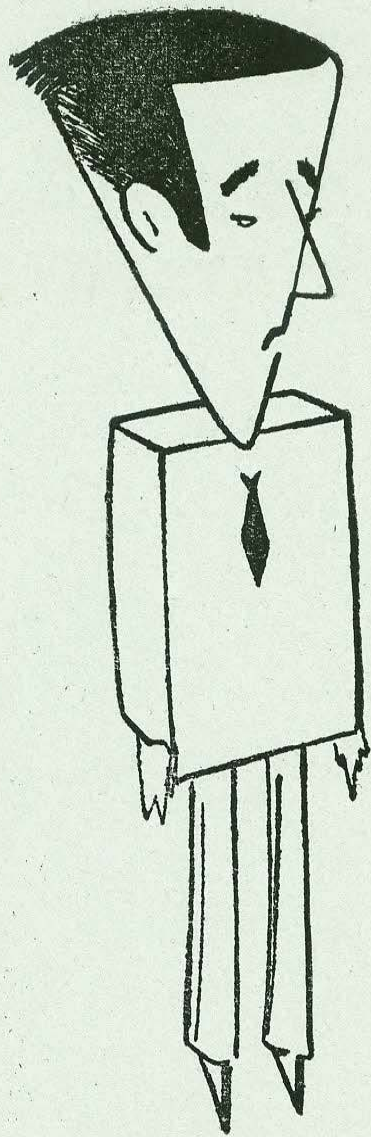
Contra as aulas pultácias,
fluência de enemas,
benditas as tardes, festas de acácias,
nos bancos dos cinemas.

Seja a nossa alegria
um poema de limpas intenções.
jamais um palimpsesto!
jamais uma palinódia!
E que a vida te corra em correcta prosódia,
Sem refustes,
Abrigado dos embustes
de evalvos corações.

Concharia de coisas que jamais voltarão,
lembrems risadas capnófugas,
rochosas manhãs,
num aperto de mãos um pouco irmãs.

*Ao Serafim, introdutor do «Telurismo
labirintico», esta justa homenagem do
amigo*

VICTOR BLANC



*José Luís
Gheiros Lobo*

Sílvio Guedes de Azevedo

O violino é quebrado
O mundo é um deserto
Mortos apodrecem
Sob o sol aberto.

Metálico, dúctil, subtil
O som se evola. Ameaça.
Abraço de jeito impossível
De quem não abraça.

Ogeriza constante
De sons infernais
Dos céus nos chilreiam
Iracundos pardais.

—Mas que a lira te afine
—Mas que o cantar te afoite
E em carmes tranquilos
Alguém te oiça de noite!

Coisas de novo não digo.
De novo que te diria
Se todos têm saudade
Se todos têm alegria
Se todos gostam da fonte,
Do luar, da lua cheia
E gostam da vida e sangue
Do sangue que se incendeia.

—Ao amigo *Silvio*, com toda a
boa vontade, ofereço estes
versos, feitos dentro da nova
corrente literária que eu apodo:
«Telurismo labiríntico».

SERAFIM

Pílula-sim; pílula-não
ou doce xarope
ou dor de injeção,
pastilhas são pós, momentos vividos.

E há-de haver um futuro com lindas madrugadas,
na paz amaciada por pastas e pomadas,
sem sonhos comprimidos.

*Ao Sílvio, com um abraço
q. b. p. se safar na vida
que há-de vir, do amigo*

VICTOR BLANC

Os olhos do Sílvio, hoje, estão diferentes...

...Ilusões, medicamentos,
Desgostos e vitaminas,
Ilusões, penicilinas,
Vitaminas, vitaminas
E meninas...

Os olhos do Sílvio, hoje, riem...
Atrás duma «paixão» outra paixão.
Atrás duma ilusão outra ilusão.

...Método, horas, inaladores,
Música, antigripais,
Amores
E muito mais...
Muito mais...

MUITO MAIS!!!...

O coração do Sílvio é um *Stragavarius*
Que ainda ninguém soube tocar —

*Para o Sílvio, depois de 6
anos de muita convivência
e algum conhecimento*

MARIA MANUEL



Simão Gonçalves de Magalhães

Sem noites de insónia,
Sem grandes pesares,
A vida é bem triste
Bem cheia de azares.

Mina-o a dor
E o sofrimento,
A angústia, o tédio
E o descontentamento.

Oh! Simão, que negas
O braço à alegria:—
Há foguetes, há dias
Que são romaria.

Há formas carnis
Tão bem concebidas,
Tão fortes, tão duras,
Modeladas, vivas.

Braços tão fartos,
Tanta tumescência
Servida em baixela
De rara opulência.

Que a tua tristeza
É teu lamentar
Só doido ou profeta
Podia chorar.

Com olhos à vida
Abertos sem fim
Será o teu dever
Num mundo que é assim...

SERAFIM

Coração de soldado,
desgraçado,
No peito de um homem
que não fez mal a ninguém.

Ai, minha mãe!

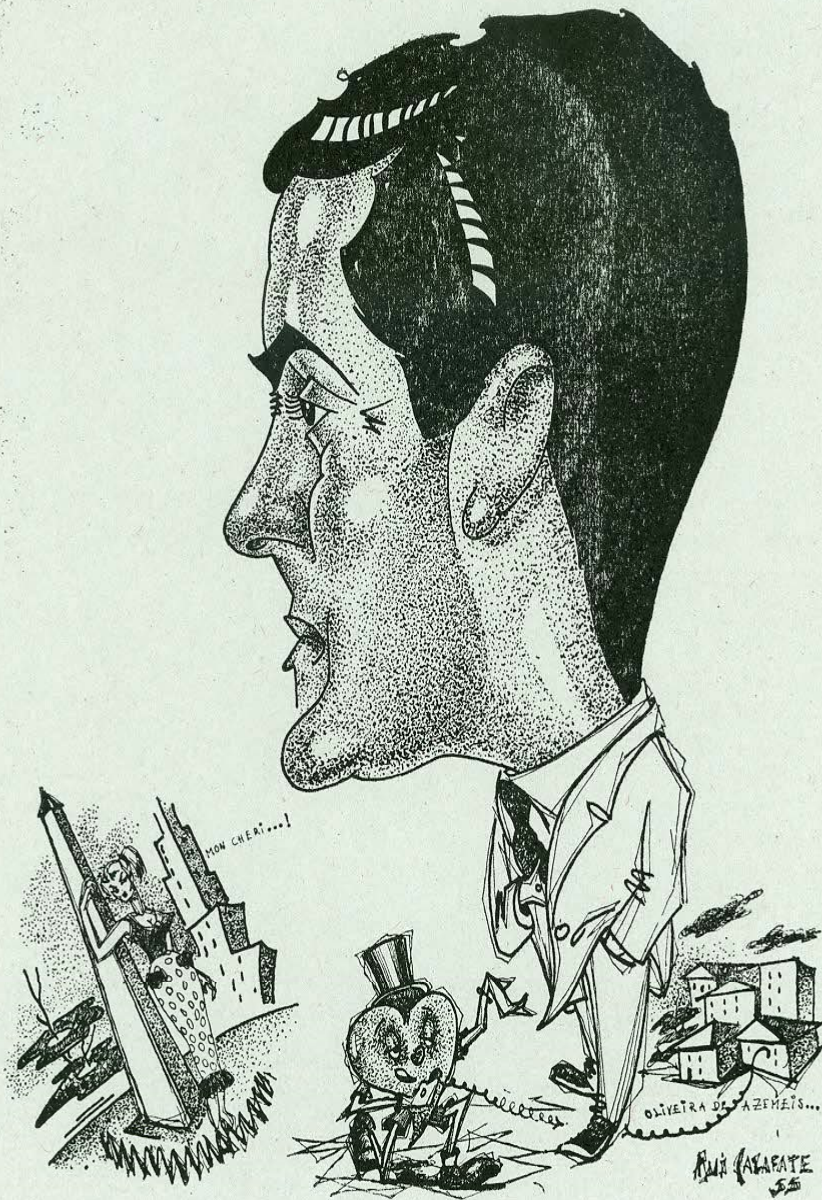
Abcesso sub-frénico
muito maior do que um nabo.
E picadas,
Verrugadas
do diabo...

Ai, minha mãe!

Ai,
se houvesse dores para ser pai!...

Ao Simão, um abraço do

VICTOR BLANC



Susana de Almeida Teiga

A Susana
foi-se embora...
foi-se para se casar!

Era menina
novinha,
inda podia esperar!

Inda podia ficar
com seus olhos negros, fundos,
com seu cabelo ondedado
e seus suspiros profundos!

Com a alegria no rosto
Simpatia no olhar,
Com a sua voz meiguinha
e um sorriso a chamar!

A Susana
foi-se embora...
e nem pensa em voltar!

Era colega
tão boa,
que bem podia ficar!

Faz-nos falta a sua graça,
Seu arrojo no pensar,
Seu talento pra «mamã»
No palco, a representar!

Faz-nos falta o
— «é medonho!»
e o indignado
— «já viram!»
Que pena ter ido embora...
Quantos, com ela, se riram!?

Adeus, Susana,
Que a vida te sorria
Como tu sabes sorrir,
E no teu lar, a alegria
seja degrau pra subir!

Com saudades da

CELESTE



Victor Manuel Nunes Pereira de Faria Blanc

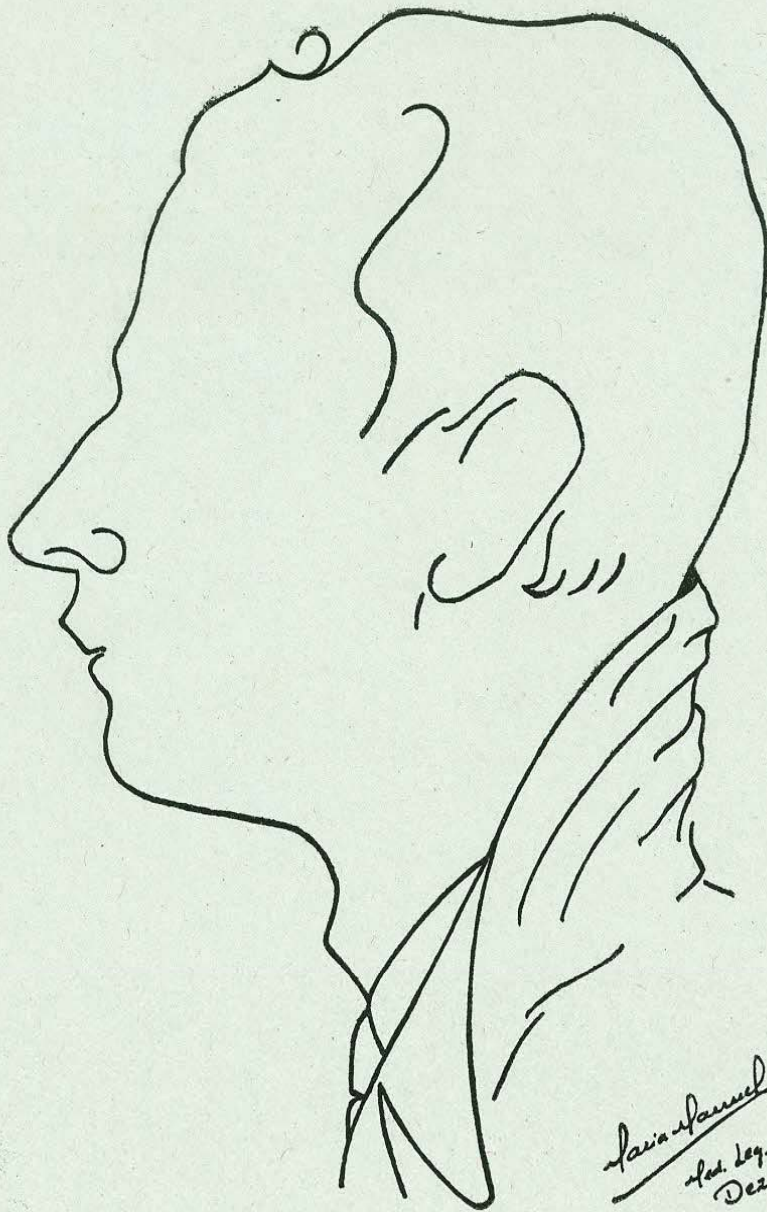
Poeta do grande Amor
Há nos teus versos rasgados,
Saudades de longas terras,
Tristezas de tempos idos,
Poemas inacabados.

Há nos teus versos promessas
Desejos, inquietações,
Protestos e rebeldia,
Brincadeiras, ironias,
Soluçar de corações.

Esculápio te fizeste
Por labor da tua mão.
Que dizer do teu futuro
Quem tão pouco dele conhece
Sendo quase teu irmão?

*Que o nosso futuro seja
também irmão*

SÍLVIO



Lucia Lammell
1st. leg.
Dec. 1955

Abílio Janeiro Belo Chaves

(A. R.)

Pequena história

Apareceu um dia na cidade
— E isso já lá vai há largos anos —
Disposto a passar a mocidade,
Afastado dos ares provincianos.

«Ficar aqui na Régua é que não fico»,
— Disse ele lá com os seus botões —
«E depois, tenho um tio rico,
Que bem pode ir largando alguns tostões».

«O Porto é outra coisa — eu cá me entendo —
A gente bem se farta de gozar»,
«E a família vai-se convencendo
Que passamos o dia a estudar».

Com essa grande ideia a germinar,
O nosso Abílio veio para o Porto.
E não viu que tinha de trilhar
Um caminho mais direito do que torto.

Aquilo para ele não tinha espinhas,
Nem seria preciso muito estudo;
Bastaria o pagamento das propinas,
E esperar que lhe dessem o canudo!

Mas eis que chegou a anatomia,
— Oito quilos de livros para ler —.
E escritos em francês, quem tal diria...
É o osso mais difícil de roer!...

O chumbito que apanhou, não fica mal,
Pois acontece a muito boa gente!
— Dois mestres e um morto ao natural
São muita coisa junta pela frente!—

Logo a família lhe lançou ao rosto
As ameaças que esta vida tem
«É que... sabem... senti-me mal disposto...
... O cadáver não cheirava nada bem».

«Era de tal ordem a indisposição,
Que se não desmaiei, foi por um triz».
A família, perante a descrição,
Fechou os olhos e tapou o nariz.

E o Abílio, criando alma nova,
Em Outubro cá estava novamente,
Julgando que fazer mais uma prova,
Era mais fácil que tirar um dente!

Mas eis que chegou a anatomia,
— Oito quilos de livros para ler —.
E escritos em francês, quem tal diria...
E' o osso mais difícil de roer!...

«Não. Isto assim já não me agrada.
O melhor é voltar prà minha terra.
Ao menos ali, não faço nada.
Viva o descanso! Acabou-se a guerra!»

E na Régua uns poucos d'anos,
Tentando esquecer a Medicina.
O curso só lhe dera desenganos;
Sobre ele correria uma cortina.

Como na Régua as tardes já são fartas
De pasmo, de tédio e desconsolo,
Passa-as então jogando as cartas
E fazendo as digestões em Cucciolo!

Assim foi vivendo, até que um dia,
Recorreu saudosos à Faculdade.
E de repente, deu-lhe na mania
De voltar novamente prà cidade.

Vai daí, o Abílio cá voltou,
Com uma vontade tal na cachimónia,
Que chegou à anatomia e derramou
Sobre os cadáveres, água de colónia!!!

Outras cadeiras vieram pela frente,
Como se fossem íngremes encostas.
Mas o Abílio, sempre sorridente,
Fazia tudo com uma perna às costas!

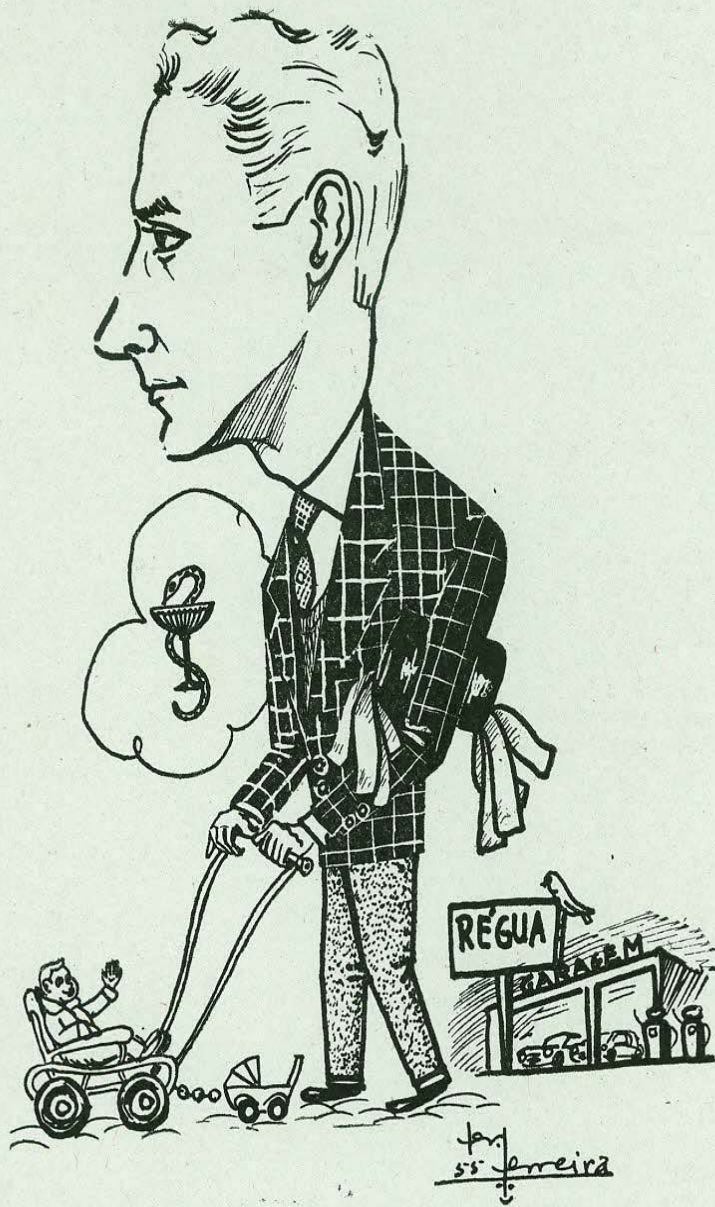
Concluiu assim, com tal glória,
A sua formatura em Medicina.
Eu acabo aqui a sua história,
Para recordar também a minha.

E os últimos versos que lhe faço,
Quisera eu que ficassem ao abrigo
Do sentimento forte dum abraço.

Deixa para sempre a Faculdade.
No seu peito vai um coração amigo,
E nos olhos um pouco de saudade.

Teu colega

MANUEL B. MAGALHÃES



Despedida

— Versos para a despedida?
— Mas basta-me dizer uma palavra amiga,
Mas basta-me dizer boa viagem,
Felicidades, amigo . . .

Ah! Mas o coração pede-nos mais,
Pede-nos muito mais, imensamente mais . . .
Como é enorme este humano desejar
De paz no coração!
E como é inconstante esta humana condição
De infeliz e feliz sempre à mistura!
Uma palavra é pouco
Um acenar de lenço saudoso ou cativante,
Ou cheio de emoção,
E' coisa que desfaz o vento num instante
Ainda é parado o comboio na estação!

Amigo! sejas tu quem fores,
Que eu conheça apenas deste deambular
Por aulas e cafés,
É de paz o meu melhor desejo
Para o que será depois a tua vida,
E amiga, muito amiga
A minha melhor palavra à despedida!

SERAFIM

CURSO DE 50-56

- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------------|
| 1.º ANO — Histologia | — Dr. Silva Pinto |
| Física médica | — Dr. Ilídio Peixoto |
| Química médica | — Dr. Alberto Brito |
| Zoologia médica | — Dr. Santos Júnior |
| Botânica médica | — Prof. Dr. Manuel Ferreira |
| História da medicina | — Prof. Dr. Luís de Pina |
|
 | |
| 2.º ANO — Anatomia descritiva | — Prof. Dr. Melo Adrião |
| Fisiologia | — Prof. Dr. Afonso Guimarães |
| Química Fisiológica | — Prof. Dr. Elísio Milheiro |
| Bacteriologia | — Prof. Dr. Carlos Ramalhão |
|
 | |
| 3.º ANO — Anatomia topográfica | — Prof. Dr. Ernâni Monteiro |
| Patologia Geral | — Prof. Dr. Ernesto Morais |
| Farmacologia e terapêutica geral | — Prof. Dr. Malafaia Baptista |
| Higiene e Epidemiologia | — Prof. Dr. Almeida Garrett |
|
 | |
| 4.º ANO — Propedêutica médica | — Prof. Dr. Aureliano Pessegueiro |
| Propedêutica cirúrgica | — Dr. Joaquim Teixeira Bastos |
| Anatomia patológica | — Prof. Dr. Amândio Tavares |
| Medicina operatória | — Prof. Dr. Sousa Pereira |
|
 | |
| 5.º ANO — Patologia médica | — Prof. Dr. Azevedo Maia |
| Patologia cirúrgica | — Prof. Dr. Fernando Magano |
| Obstetrícia e ginecologia | — Prof. Dr. Gonçalves de Azevedo |
| Oftalmologia | — Dr. Manuel Lemos |
| Dermatologia | — Dr. Aureliano da Fonseca |
|
 | |
| 6.º ANO — Clínica médica | — Prof. Dr. Rocha Pereira |
| Clínica cirúrgica | — Prof. Álvaro Rodrigues |
| Pediatria | — Dr. Fonseca e Castro |
| Medicina Legal | — Prof. Dr. Francisco Coimbra |
| Psiquiatria | — Prof. Dr. Luís de Pina |
| Otorrinolaringologia | — Dr. Eurico de Oliveira |
| Urologia | — Dr. João Costa |

ZINCOGRAVURAS DE
SIMÃO GUIMARÃES, F.^{OS}, L.^{DA}
R. MIGUEL BOMBARDA, 465 - PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIPOGRAFIA PROGRÉDIOR
R. BONJARDIM, 437-A - PORTO